

Nesta edição:
12 páginas de
Sábado

Rallye Galp
Milagre
pôs Santos
à frente

Pág. 14

Rosado Correia sobre 1984:

Há dez milhões de contos por aplicar na habitação

O ministro do Equipamento Social, Rosado Correia, declarou ontem em Vila Nova de Gaia que «os 10 milhões de contos que o Governo reservou para 1984 destinados ao problema da

habitação têm de ser aplicados». «Seria uma gestão incorrecta por parte do recém-criado Instituto Nacional de Habitação (INH) chegar ao final do ano sem que esta verba estivesse aplicada» —

acrescentou.

Rosado Correia falava durante a visita que efectuou à urbanização Quinta do Monte Grande, concelho de Vila Nova de Gaia. O ministro anunciou que «ainda

este ano serão lançados por promoção directa, entre as autarquias e o INH, cerca de 6 mil fogos» e que «igual número de habitações serão construídas através das cooperativas de ha-

bitação». Rosado Correia salientou também que «o Governo tem vindo a incentivar as autarquias e a iniciativa privada para, sob a alçada do poder central, se resolver o problema da habitação».

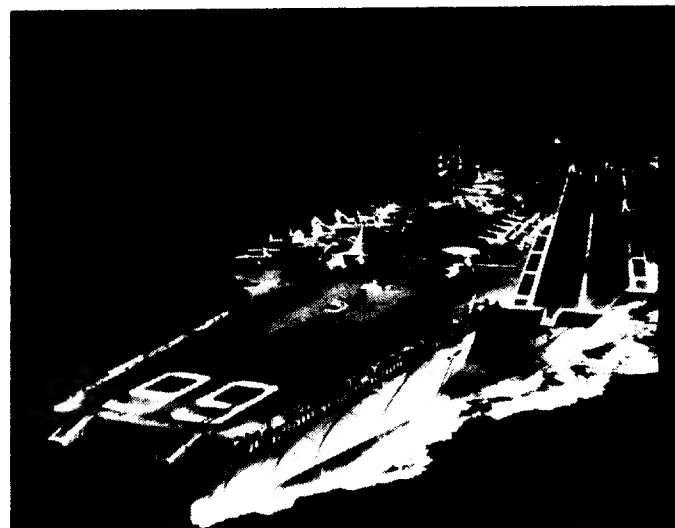


Felipe Gonzalez, Bettino Craxi, Mário Soares, Neil Kinnock, do Partido Trabalhista Britânico, e Anker Joergensen reunidos, ontem, no Eliseu, a convite do presidente Mitterrand. Tema em análise: o alargamento da CEE (Telefoto NP/DL)

Apesar do acordo de Nkomati

‘Bandidos brancos’ continuam activos em Moçambique

Pág. 11



O porta-aviões «America» (na foto) desloca-se, por ordem do Pentágono, para o Golfo Pérsico, para se juntar ao «Kitty Hawk», que já se encontra nessas paragens

Seis bancos estrangeiros “muito brevemente”

Em entrevista concedida a um jornal de Estocolmo, e só ontem publicada, Mário Soares declarou peremptoriamente que não apoiará qualquer candidato militar às presidenciais de 1985. A inda em Esto-

colmo, o Primeiro-Ministro anunciou também para «muito em breve» a abertura de seis bancos estrangeiros em Portugal.

Pág. 7

Almeida Bruno:

Burocracia entrava a acção da Polícia

Pág. 8

Sugere Lucas Pires:

Candidatura Freitas do Amaral deve ter “base popular”

Pág. 7

A guerra no Golfo

• Insegurança de navios pode estrangular abastecimento de petróleo à Europa

• EUA vão “emprestar” mísseis à Arábia Saudita

Págs. centrais

Veio de Genebra a Braga “partir loiça”

Embaixador denuncia desorganização “selvática” da representação internacional do Estado

Pág. 4

**Concurso
Dez Anos
Depois**



“Presente, passado e futuro”

Maria do Carmo Fragueiro Alves Cafede

É estranho como o tempo passa e eu, quase, não dou por ele...

Estou sentada em frente da velha janela da sala de visitas e lá fora chove. Com a cabeça apoiada nas mãos, olho fixamente, para a janela. Não sei se vejo as gotas de água, que se agarram aos vidros e escorregam, cheias de preguiça e languidez, por eles abaixo, se o embaciado da minha respiração, se a paisagem que adivinho lá fora, se nada. Desde sempre, o barulho da chuva (o seu ritmo cadenciado, lento, nostálgico), exerce sobre mim uma influência quase mágica, levando-me a ouvi-lo, esquecida do resto, que é o mundo. E fico, tal como hoje, a olhar para o vazio, não sei qual, se o que está em mim, ou para além da minha janela, da minha vida. Algumas vezes dou largas à minha imaginação e viajo no tempo, no espaço, em épocas diferentes, que são os vários rectângulos que compõem a minha janela. De todas as histórias faço parte: de contos de fadas e príncipes encantados, em que sou a desfavorecida e bela campesina ou a formosa princesa que todos encantas com o seu olhar; de viagens incríveis a países inexistentes, mas belos, em que, com coragem vinda do próprio sonho, venço as contrariedades mais impressionantes e tudo acaba em bem; de histórias de amor, inventado, em que sou amada, perdidamente, por uma imagem doce, forte e que nos dá tranquilidade. De todas estas histórias, só acordo quando a chuva pára e o real volta, incomodativo.

Mas a história de que hoje faço parte, não é uma história fantástica e imaginária, baseada nos sonhos, meio cor-de-rosa, que todos temos. Esta, que é uma história com «H» grande, é real, aconteceu, foi vivida e é a minha, a minha vida. História essa, que se vai separando em partes (cada uma com uma época, uma linguagem própria), tantas quantos os rectângulos da minha janela... Nesta história, tal como nas outras, o tempo corre, ainda, mais veloz e deixa de ter um valor próprio, marcado. O passado, de repente, é presente, o futuro fica ao nosso alcance (é já ali, no próximo segundo...), e o presente quase não existe, ora se transforma em passado, ora em futuro.

Aos poucos e poucos, fixo o meu olhar no rectângulo de cima e algo nasce. Há pessoas que se movem, há lugares que se reconhecem...

É quinta-feira e está um belo dia de Primavera. Apetecia-me ir à praia e não às aulas. O sol está convidativo a uma fuga à realidade, está propício a que algo de inesquecível aconteça, hoje. Mas que sei eu, do que quer que seja, aos 11 anos de idade? Na minha opinião, o bastante, e, no entanto, nada sei.

Como todos os outros dias, levanto-me e estudo o necessário para as disciplinas do meu 1.º ano do ciclo preparatório. Só tenho aulas de tarde e até lá, ainda posso ouvir música e ler um pouco. Ao contrário dos meus colegas, não me importo de ir às aulas, até gosto. Aprender coisas novas é algo que me fascina. É bom lidar, «tu-cá-tu-lá», com números, sinais e fórmulas matemáticas, aprender porque se apaga a vela quando a tapamos com um copo de vidro, saber dizer «Merci beaucoup, Monsieur!», ou «what time is it?», cantar canções complicadas que a professora transforma em exercícios vocais divertidos (parece que somos galinhas a cacarejar!), ou ainda saber que Raul Brandão escreveu «Os Pescadores» e que outros senhores escrevem tão bem! Tudo isto, aumentando o meu desejo de saber mais, perguntar porquê, porque não, como, para quê, onde e quando...

— Hoje não vais à escola, já disse!
— Oh mãe, mas porquê? Eu quero ir.
— O teu pai telefonou de Lisboa e andam por lá a acontecer coisas, há soldados na rua com espingarda e as pessoas não devem sair de casa, senão levam um tiro.

— Mas o que é que anda a acontecer, que coisas?
— Sei lá! Acho que vão pôr o Tomás fora.
— Porque é que não posso ir à escola, se é só isso?

— Tá calada e não sejas parva. Ninguém vai hoje às aulas. Impotente para discutir e argumentar com a minha mãe, deixei-me convencer. Lembrei-me de que poderia ficar em casa todo o dia a ouvir música e a ler, o que não seria mau. Liguei o rádio e tudo foi estranho. De vez em quando, vinha um senhor falar (até tinha uma voz bonita) e apelava, no fim da conversa, para que as pessoas ficassem em casa e mantivessem a calma. Ah, falava, também, muitas vezes, em «capitães». Não percebi. Durante o dia, que foi longo, esperavam-se as horas, para se ouvirem as notícias na Rádio e «acompanhar os acontecimentos». À noite, na Televisão (não houve desenhos animados), tudo se repetiu. Falaram num «movimento dos capitães», que foram todos para o Largo do Carmo, houve tiros e o Tomás mais o Caetano tinham ido embora.

As imagens eram estranhas e difíceis de entender: tanques (iguais aos que costumava ver no programa «Mensagens de Natal»), circulavam pelas ruas de Lisboa com soldados em cima, flores nos canhões e, à volta deles, milhares de pessoas que gritavam, choravam, riam, aplaudiam e abraçavam os soldados que iam passando. Então, as pessoas não podiam sair de casa, eu não pude ir à escola e aquela gente estava toda ali? Como?! Só que eu continuava a não perceber o que se passava.

Nos dias seguintes (eu já ia à escola), comecei a haver uma atmosfera diferente nas ruas. As pessoas tinham um ar mais feliz, mais aberto e parecia que cantavam para dentro, baixinho. Na Televisão, continuavam as cenas estranhas. Uma grande multidão tinha ido, ali para a prisão de Caxias, e esperava a saída dos presos. Estes, saíam um a um e, quando chegavam à rua, eram abraçados (quase que sufocados), por pessoas que choravam e riam ao mesmo tempo, e eles começavam, também, a chorar e a rir. Depois erguiam os braços e gritavam. Faziam-me lembrar os gritos das pessoas que têm uma dor aguda, se calhar os presos, também, tinham uma... Alguns falavam para a Televisão:

— Quanto tempo esteve preso?
— Desta vez, dois anos e meio.
— Porque foi preso?
— Fui acusado, pela PIDE, de pertencer a um movimento político clandestino. E eles surgiam, sempre mais e alegres.
— Porque foi presa?
— Por ter sido acusada de pertencer a uma organização comunista.
— Quantos anos tem?
— Vinte e um.

Alguém chorava.
— Vi, hoje, pela primeira vez, o meu filho que tem três anos.
— Sofreu muito, enquanto preso?
— Não quero estragar o dia de hoje, que é de alegria e felicidade, contando o que me fizeram. Quero esquecer tudo!

Não sei porquê estas palavras gravaram-se em mim e, comovida de lágrima ao canto do olho, via as imagens que não percebi. A chuva parou. Com ela termina a evoca-

ção daquele dia. Admiro-me como as imagens estão tão nitidas, dez anos depois. Ainda oiço as vozes que gritam e pedem Liberdade, o choro de grandes e pequenos, a alegria estampada em rostos anónimos.

Com o meu crescer, fui percebendo o porquê de tudo aquilo que acontecera, o que significavam aquelas palavras, tão estranhas, aos 11 anos: fascismo, revolução, liberdade, repressão, censura, comunismo, luta, cravos, «movimento dos capitães», PIDE, chaimites, «Grândola», democracia, Tarrafal, unidade, Povo (com «P» grande), Maio. Ano após ano, soube e compreendi a luta e o desespero dos que queriam ser gente, dos que queriam expressar livremente as suas ideias, dos que sofreram e morreram pelos outros, dos que sempre tentaram que Portugal acordasse do sono tirânico, dos que morreram, lá fora, sozinhos, por um ideal recheado de hipocrisia e falso patriotismo, dos que cá ficaram mutilados no corpo e na alma, por lhes terem sido arrancados braços, pernas, marido, filhos, dos que cedo compreenderam a necessidade de mudança. E não é por só ter ouvido, pela primeira vez, a palavra «fascismo» aos 11 anos e a ter compreendido muito mais tarde, que a minha revolta, pelos quarenta e oito anos que este País viveu, é menor!

A chuva voltou. Fustiga a vidraça com uma força desmedida e arrepio-me. Olho para um outro rectângulo, para uma outra parte da minha vida.

Eis que descubro em mim algo de novo e diferente. É qualquer coisa que «sobe», que caminha nas minhas veias e dá rubor às minhas faces. É um preencher de espaços, vazios até então. E isso acontece com as mais pequenas coisas da vida: uma imagem de gravura, uma flor do campo, um pássaro a voar, um «E Depois do Adeus» cantado com voz sofrida.

De vez em quando, os pais contam-me coisas de antes do 25 de Abril. São sobretudo aspectos da vida difícil que levaram, lá na terra, e cá em Lisboa. Contam-me a juventude que não tiveram; os Natais que não viveram; os sacrifícios que fizeram para que houvesse um bife agora, um brinquedo, depois; as ambições de coisas lindas que podiam ter feito, mas não puderam; o viver trabalhado para que EU vivesse, só para rir; o dinheiro que era pouco, na companhia do pai. Tudo oiço. E calo, cá dentro, um grito de dor, em que acuso o passado, dos brinquedos que não tive, dos pais que não puderam ser o que queriam, de tudo o que me foi negado, inclusive o direito de ser livre e feliz!

E por isso que reúno forças (as minhas) e as junto às de outros que sentem o mesmo que eu, que fazem do desejo de lutar, por um futuro melhor, a luz que ilumina o nosso caminho, ainda cheio de espinhos. Pois somos nós que temos na mão a hipótese de uma vida diferente, mais «vivida». E somos, também, nós que devemos dar continuidade a um sonho lindo, impedindo-o de ruir. Ah, que vontade louca de lutar, de enfrentar os incrédulos, que se agarram ao passado e ensombram o futuro! Que raiva contra a inércia e a apatia dos que desfalecem à primeira contrariedade! Que desejo violento, este o meu, de ir à rua gritar «Liberdade», para que todos oiçam a minha voz e saibam que podem contar comigo! Ah, que frustração, virem as eleições e não se poder votar!

Acalma-te, o teu tempo virá. Chegará o dia em que, orgulhosamente, irás depositar a tua vontade numa caixa. E juntarão essa «vontade» a muitas outras, que farão peso e darão voz a este País! O teu dia virá, vais ver...

E veio! Como poderei eu esquecer, o dia em que (até dormi mal, com a excitação), fui, pela primeira vez votar?! Vesti-me, como se vestem as moças no campo, ao domingo. A melhor roupa, o sorriso mais aberto, tudo isso eu pus, para não fazer feio. Tremia quando subi os degraus que davam acesso à minha mesa de voto, a «19». Não havia ninguém e atrapelei-me ao dar o bilhete de identidade e o cartão de eleitor, embora já fossem na mão desde casa. Levei o boletim de voto para o cubículo, onde tive que respirar fundo e contar até dez, pois estava muito nervosa e não fosse invalidar o boletim, com o tremedário. Agora é só uma cruz, assim: X. Dobrar em quatro e entregá-lo na mesa. Vi-o cair, o voto, e juntar-se a outros. Foi como se a minha voz, que ninguém conhece e sem significado quando sozinha, caísse num coro e interpretasse canções melodiosas, quase celestiais. Senti-me, imensamente, feliz. Acho que, uma lágrima, daquelas mais abelhudas, ainda veio espreitar o meu canto do olho.

Dião, dião, dião... O relógio da parede marca onze horas e acorda-me, mais uma vez. E então vejo que, há já três horas, viajo pelo tempo, pelo MEU tempo. Fico com a sensação de que passaram muitos anos e não apenas algumas horas. É como se tivesse dormido um profundo sono, reconfortante e merecido, e acordasse, agora, cheia de energia para iniciar um longo caminho. Caminho esse, que é a minha vida. Um tempo incerto e desconhecido, que nos espera ao virar de cada segundo. Que está perto e, no entanto, nos foge!

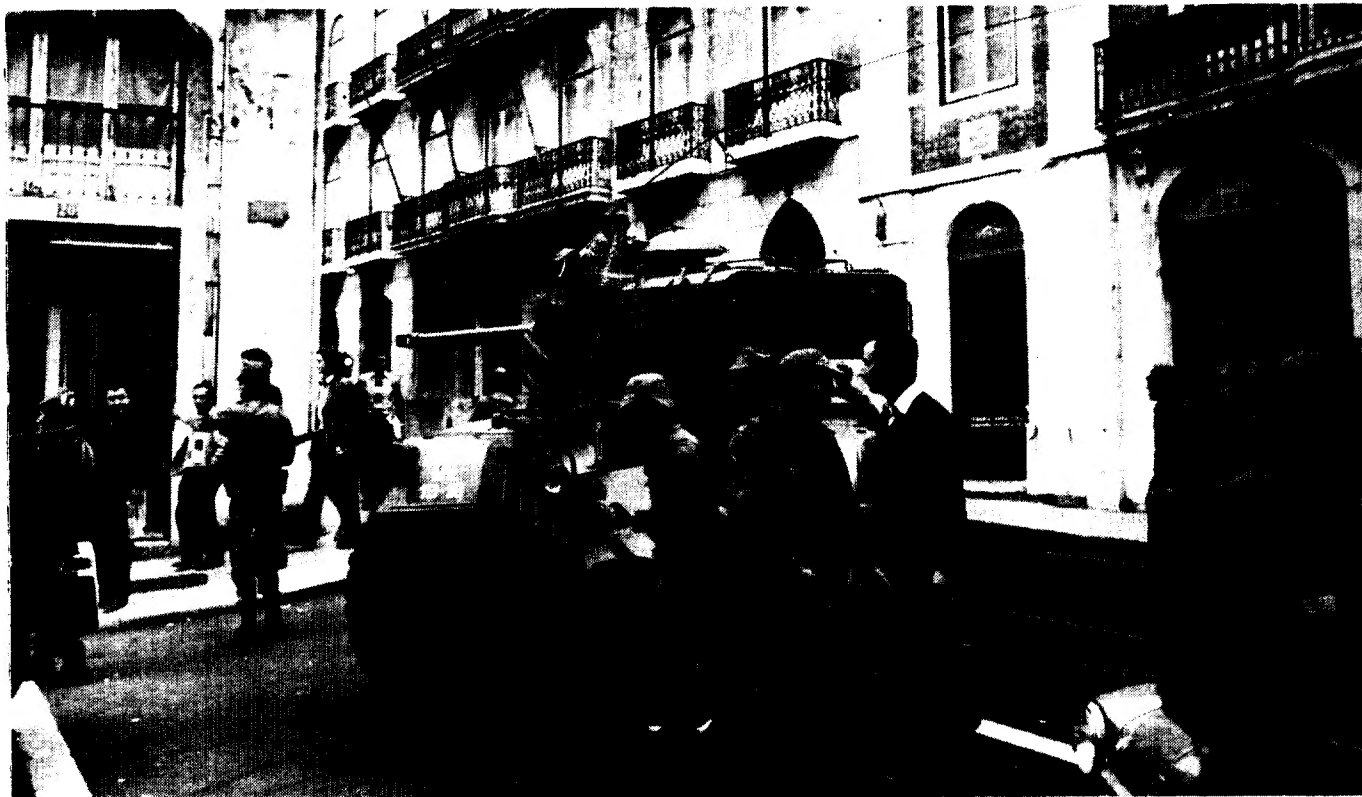
Mas ao caminhar pela estrada que terei de abrir, por entre obstáculos e contrariedades, sei que devo seguir sempre em frente, de cabeça levantada. Sei que o futuro tem que ser feito pelas minhas mãos, com as ajudas de todas as mãos que existam no mundo. E sei isso, porque o 25 de Abril ensinou-me a compreender a luta daqueles que nunca tiveram nada, dos meninos que nunca foram homens, das esposas que nunca foram mães. Ensinou-me, também, que tenho a obrigação de impedir o retorno ao passado (do qual me envergonho bastante), e devo lutar por um futuro mais sorridente!

Olho, então, para mim, para o mundo em que vivo e vejo que há «Passados» iguais ao nosso, mas agora, no Presente! E tal como no nosso sono trágico, há homens e mulheres que morrem todos os dias, por um ideal fanático, por uma corrida louca pelo lugar mais ao sol. Não saberão eles que, o sol quando nasce é para todos? Não saberão eles que o Deus, que constantemente e em vão invocam, não olha a cores, a tamanhos, a diferenças? Não saberão eles que a Paz vale mais que mil riquezas? Não saberão eles o que significou, para nós, os amantes da Liberdade, o 25 de Abril? Será que os nossos clamores de vitória não soaram suficientemente alto? Será que temos de repetir tudo, outra vez? Que assim seja, porque agora a raiva é ainda maior. A força da união, mais coesa, o grito, mais em uníssono. Que se faça tudo de novo e tantas vezes, quantas as necessárias para que a «ditadura» implantada seja a do respeito, a da Liberdade, a da Paz. Eu acredito nos Homens, mas não saberão, os outros, o que significou, para nós, o 25 de Abril?!

A chuva cai agora, suave e lenta, numa tentativa de adormecer os filhos da Mãe Natureza. Batem leve, levemente, como quem chama por mim...

Março, 1984.

Ana Motti



Ainda sobre o 10.º aniversário

Varela Gomes

QUALQUER reflexão sobre o 25 de Abril, a dez anos de distância, deveria incluir um levantamento das obras — outras reflexões — que se ocupam do tema. Tarefa que, claramente, excede o âmbito de um simples apontamento, destinado a ser publicado na imprensa não especializada; mas que não o será tão vultosa quanto seriamos levados a supor, quer pela importância do tema em si, quer pelas milhentas invocações e referências apaixonadas de que o 25 de Abril é alvo. A favor e contra, a propósito e a despropósito. Com efeito, nestes dez anos de liberdades democráticas, foram relativamente poucas as obras produzidas entre nós, dedicadas ao estudo crítico, à análise científica do fenómeno revolucionário português; à investigação sobre as suas causas, curso do processo, e consequências. Julgo que, nesta categoria de obras, a produção estrangeira é mais numerosa e, em média, mais perspicaz.

Mas também, no domínio das memórias, ou depoimentos testemunhais, da documentologia, a produção nacional não se distingue pela abundância. Particularmente do lado dos protagonistas da «normalização» novembrista.

Quem duvida do extraordinário interesse que teriam as memórias de Melo Antunes, e das suas deambulações pela estranha desde 1974? Ou de M. Soares se algum dia se curasse do hábito de mentir? Mas anda por aí, desocupado, o dissidente Zenha, com histórias para contar, naturalmente. Não é esse o papel dos dissidentes? Ou será que andou de olhos vendados e ouviu outros enquanto foi n.º 2 do PS? E outros, tantos outros! Os frequentadores das embaixadas do «mundo livre»; das carreiras aéreas Lisboa-Washington e Lisboa-Bonn; etc. A verdade é que não existem, e fazem falta, dezenas de depoimentos. De vez em quando, aparece anunciado um próximo livro de qualquer personagem com papel destacado na cena abrilista. Mas é quase só fumaça: os projectos vão ficando na gaveta. As contradições, e as complicações são muitas. Caladinhos, não vá alguém encher-se de coragem e largar algumas verdades bombásticas.

Percorrendo a Exposição bibliográfica e documental organizada pela Associação 25 Abril, na Faculdade de Letras de Lisboa, e aberta ao público até 31 de Maio, pode verificar-se a modestia da produção nacional re-

lativa ao tema «25 de Abril»; designadamente, na categoria de obras que estamos mencionando.

A Cinemateca Nacional organizou também um ciclo, em vinte e cinco sessões, a que chamou «25 de Abril — Imagens». Os próprios organizadores, na sessão inaugural, salientaram a escassez do material fílmico existente entre nós; e, mais ainda, o seu desaparecimento e progressiva destruição no decorrer destes dez anos. Alguns filmes — documentários de origem estrangeira acabaram por não ser exibidos, apesar de constarem no programa. A Comissão oficial das comemorações «ameaçou» com a publicação de dois volumes: um estudo histórico, e um cancionário. Mas o mais natural é que nunca chegue a concretizar a ameaça.

A Associação 25 Abril, ao que julgo, não prevê nenhuma iniciativa do género; embora a edição das comunicações apresentadas no seminário da Gulbenkian pudesse ter alguma utilidade.

Doutras origens apenas sei que o «Livro Branco da 5.ª Divisão» está, finalmente, na fase de distribuição (Um mês de atraso; tributo inevitável, por mais que se faça, neste gracioso país de brandos costumes).

Otelo Saraiva de Carvalho, por exemplo, não foi além, neste 10.º aniversário, do que fazer reeditar o seu relato sobre o golpe militar e antecedentes conspirativos («Alvorada em Abril»; 1.ª edição de 1977).

Resta esperar até Outubro, altura para que está fixado o encerramento do ciclo celebrativo. Confesso não alimentar grandes expectativas. A ver vamos.

Entretanto, torna-se imprescindível destacar um excelente estudo sobre a Revolução de 1974-75: «AS Questões do Estado na Revolução Portuguesa», publicado em fins de 1983. O autor, Ronaldo da Fonseca, aplica na análise o método marxista, de que é profundo conhecedor. Quanto a mim, é a obra mais válida que está ao dispor do público, (e que tem sido debatida) no âmbito do 10.º aniversário. Observa o autor, numa perspectiva revolucionária e dialéctica, a génese da sociedade fascista, as características específicas do regime que dominou cinquenta anos da vida portuguesa; e, principalmente, a luta pelo poder político em Portugal, nos anos de 1974-75. Uma análise serena, sem impulsões sectárias de nenhuma espécie.

Resulta que o Partido Socialista fica definido como a vanguarda contra-revolucionária. Verdade histórica, irrefutável, consoante demonstra Ronaldo da Fonseca, servindo-se magistralmente do método marxista.

Compreende-se que esta conclusão incomoda a pequeno-burguesia, os respectivos corifeus intelectuais, que abominam a doutrina marxista e o seu método de análise, com o ódio cego dos renegados.

Para Ronaldo da Fonseca e para o seu estudo «A Questão do Estado na Revolução Portuguesa», constitui um diploma de idoneidade científica, a reacção terrorista (e aterrorizada) exibida pela crítica pequeno-burguesa. Eis, sem dúvida, uma obra que assinala dignamente o 10.º aniversário do «25 de Abril», e que não pode faltar na biblioteca de qualquer homem de esquerda.

Aliás, torna-se sintomática a posição totalitária/paternalista que vem assumindo a intelectualidade oficiosa (chamemos-lhe assim). Ou se lê pela cartilha sedida da burguesia capitalista, ou então é o anátema, a fogueira, o suplício. Verbais; mas censórios, na mesma. Outros oficiais se preparam, entretanto, para passar das palavras aos actos. Se a gente os deixar. Se, por exemplo, continuarmos a conceder a mesma impunidade aos traficantes de ideias, que estão tentando monopolizar o mercado da «livre-concorrência» informativa e intelectual.

O caso da intelectualidade de serviço — dos sicofantas da social-democracia — não é, evidentemente, um caso isolado. Relaciona-se com a luta de classes. (Desculpem lá o engulho, ilustre rapaziada ex-marxista). Relaciona-se com a problemática de desinformação, da contra-propaganda, da manipulação da realidade histórica, ou como se lhe queira chamar. Relaciona-se também — retomando o tema deste artigo — com a rarefeita produção de obras críticas relativas ao 25 de Abril.

Em primeiro lugar, impõe-se reconhecer que (qualquer) classe no poder (os seus representantes e procuradores), não vai financiar, ou promover, a difusão de obras (informação, em geral), que ponham em causa a legitimidade do seu domínio. Muito menos será de esperar que os membros da classe disfrutadora do poder venham, voluntariamente, oferecer lenha para se queimarem, sob a forma de memórias ou comentários honestos e desmistificadores.

Sendo assim, compreende-se: 1.º — Que a pequeno-burguesia que se apoderou do poder político em 25 de Novembro de 1975 (sentando-se à mesa do orçamento com apetite insaciável), pouco ou nada tenha produzido de válido em matéria de pensamento e reflexão sobre o 25 de Abril revolucionário. Fique entendido que não me refiro apenas aos militares e políti-

cos intervenientes; maior responsabilidade cabe aos intelectuais, a quem incumbe desempenhar o papel de consciência crítica de cada época histórica.

2.º — Que os mecanismos da desinformação funcionam em pleno. Pois, com efeito, a classe pequeno-burguesia (ainda) no poder dispõe do controlo quase absoluto dos meios de comunicação social, e dos meios materiais da produção intelectual. Quer através do governo/aparelho do estado, quer através do sistema da propriedade privada. (Propriedade dos capitalistas, realmente; mas, dos quais esta pequena burguesia é canina serventária).

No entanto, para além destes vectores objectivos de natureza material, mais decisivo se revela no funcionamento da (des) informação, o vector subjectivo.

De facto, a classe letrada (os intelectuais, em sentido amplo) fazem parte da pequena burguesia. Compartilham portanto, dos «benefícios» de Abril. (A denominação «conquistados» é, aqui, inaplicável). Estabelece-se deste modo, um círculo vicioso. Ou melhor, viciado. Os próprios agentes da informação, da cultura, do exame crítico, não têm interesse objectivo — nem subjectivo — em questionar profundamente o «25 de Abril» revolucionário. Enquanto luta de classes, entenda-se. Pois que, quanto aos aspectos folclóricos, romanescos, mistificadores em suma, tem sido um verdadeiro massacre! Acrescente-se a psicologia do imaginário e temos a completa receita desinformativa cozinhada pela rapaziada ex-marxista.

Note-se que a perspectiva da luta de classes, implica um corte vertical atravessando a arrumação partidária. Não obstante, o Partido Socialista representar o lugar geométrico que tem polarizado a pequena burguesia nacional, a verdade é que intelectuais condicionados por reflexos burgueses se encontram noutros agrupamentos partidários. E não serão poucos, depois destes anos em que a ideologia da classe dominante tem estado ao ataque.

Toda esta problemática, porém, não é de natureza a ser desenvolvida na imprensa não-especializada. O apontamento foi feito apenas para sugerir uma pista explicativa para a escassez bibliográfica e documentológica relativa à Revolução Portuguesa; e por quê a perspectiva marxista da luta de classes tem sido evitada — e mesmo ferozmente combatida — pelo sector da intelectualidade nacional que favoreceu, ou se acomodou, à contra-revolução novembrista.

Lisboa, 20 de Maio 1984

Crónica sindical

Dia 2 em Lisboa pela demissão deste Governo

Pacheco Gonçalves (*)

Conforme referiu o Conselho Nacional da CGTP-IN na sua última reunião, as recentes comemorações dos dez anos de liberdade e do 1.º de Maio demonstraram que há forças e condições para pôr termo à actual política e para que se concretize uma alternativa democrática e patriótica que defenda e consolide as conquistas de Abril.

É de facto evidente o descontentamento popular e o seu alargamento, mesmo àqueles que inicialmente apoiaram o Governo. É cada vez maior o número dos que repudiam a política de desastre praticada, em todos os campos e sectores, pelo actual Executivo.

Onze meses de Governo: um desastre

Em 11 meses de Governo Mário Soares/Mota Pinto, agravaram-se duramente as condições de vida do povo. Cresceu a inflação, o desemprego e os salários em atraso, alargaram-se os prazos de vigência e as dificuldades de negociação contratual. Degradaaram-se as condições de habitação, saúde e ensino. E só a luta e a resistência dos trabalhadores impediu que o Governo avançasse mais ainda na sua ofensiva, impediu a revisão da legislação laboral, defendeu o sector nacionalizado, retardou os aumentos dos preços, impôs em muitos casos o pagamento dos salários. A luta dos vidreiros da Marinha Grande, a persistência e firmeza dos dirigentes e delegados sindicais de Setúbal, a resistência dos trabalhadores da CIFA, entre tantos outros, têm barrado o caminho ao Governo e têm-no impedido de servir, tão fielmente quanto quereria, os seus aliados nacionais e internacionais.

Para tornar possível e «atraente» aos olhos da Europa a sua política, o Governo recorre ao Conselho de Concertação Social e através dos divisionistas da UGT tenta dar a imagem do diálogo. Mas, na realidade, o diálogo do Governo com os trabalhadores é a violência e a repressão, é a carga brutal da Polícia contra quem luta pelos seus salários ou pelo direito ao ensino, é a protecção descarada aos gorilas dos patrões como aconteceu recentemente na Algote, em que dirigentes sindicais foram brutalmente agredidos sem que até ao momento tenham sido punidos.

Para tentar apagar esta imagem já tão degradada, os partidos do Governo andam a negociar em cimeiras e mais cimeiras e remodelação ministerial. E o 1.º-Ministro desdobra-se em visitas e mais visitas, em conferências de imprensa e entrevistas, tentando com a imagem dum dinamismo que nunca existiu dar cobertura à sua política. Ainda na sua recente visita ao Norte foi visível este esforço.

Mário Soares: uma triste imagem

Com inaugurações, almoços e encontros com o grande patronato, desligado, conforme vem sendo sua prática, dos reais problemas do povo e do País, o 1.º-Ministro é bem a triste imagem do Governo. Fazendo orelhas moucas aos protestos dos trabalhadores, fechando os olhos à miséria e à fome que grassam em muitas famílias, vendo só os dourados dos salões, sorrindo e aliando-se em afirmações de identidade de filosofia e objectivos com o grande patronato, o 1.º-Ministro já não disfarça o servilismo ao grande capital e ao FMI.

Em Braga, enquanto o 1.º-Ministro participava num colóquio realizado na Universidade do Minho, com acessos fortemente protegidos por barreiras e polícias, os dirigentes e delegados sindicais reunidos em plenário eram intimidados pela Polícia, a mando do Governo Civil, a manter-se afastados. Convém manter os trabalhadores e os seus graves problemas longe do senhor 1.º-Ministro para que este possa dizer «inocentemente» que não há fome em Portugal. Se o dr. Mário Soares ouvisse os trabalhadores de Braga, do Porto e de Setúbal ou de qualquer outro ponto do País, se como muitos deles estivesse meses e meses sem salário e sem qualquer subsídio, não diria com tanta tranquilidade que isso de fome é um exagero. É fácil falar de fome com a barriga cheia...

No Porto, frente ao Palácio da Bolsa, onde o 1.º-Ministro se deslocou a convite dos grandes patrões do comércio, centenas de pessoas manifestaram de forma inequívoca o seu desagrado pela política do Governo e deixaram bem claro que não é com remendos ou trocas de nomes que se resolvem os problemas dos trabalhadores e do País. Um Governo cujo 1.º-Ministro se recusa a receber representantes dos trabalhadores, que nas suas deslocações tem que ser protegido por fortes contingentes policiais que ligam as sirenes dos carros à sua chegada para abafar o clamor do protesto popular, tem os dias contados. Ninguém sabe, a não ser quem lá esteve, ninguém viu imagens dos acontecimentos. Porque mais uma vez a Televisão e os jornais só mostraram o País imaginário em que vive o sr. Mário Soares, de sorrisos e palmadinhas nas costas dos patrões bem vestidos, do País em «recuperação e equilíbrio financeiro», e esquece o País real dos operários e empregados, dos pequenos e médios comerciantes e industriais, dos reformados e dos jovens, de todos os que sofrem na pele as consequências da política de traição e de desastre nacional deste Governo.

E para que o Governo remendado que nos querem impingir Mário Soares/Mota Pinto tenha um ar mais simpático e abastado, há que avançar de imediato com aumentos de preços. Os que vão sair ficam com o odioso dos aumentos e o novo Governo, novinho em folha, mas cheio de buracos, teria o caminho facilitado.

Dia 2 em Lisboa: por nova política e novo Governo

O povo português não é tão ingénuo como pensam os senhores governantes. O povo sabe que este Governo antidemocrático e antinacional, retocado ou não, terá sempre a mesma política de protecção e servilismo ao grande capital, de ruína e de desastre. Por isso, sabe que, para além de legítimo, é patriótico exigir nova política e novo Governo.

Por isso, nas fábricas e nas escolas, nas ruas e nos escritórios intensifica-se a luta pelos direitos conquistados com o 25 de Abril, cresce o protesto e o repúdio pelos aumentos do pão, do leite e do açúcar, agora concretizados. Por isso, **trabalhadores vindos de todo o País estarão no próximo dia 2 em Lisboa exigindo a demissão deste Governo de fome e de miséria**, afirmando a sua luta por nova política e novo Governo, certos que contribuirão para a alternativa democrática que fará prosseguir Abril.

(*) Comissão Executiva da CGTP-IN.

ponto a ponto



O TELO Saraiva de Carvalho vai ser julgado terça-feira, pela segunda vez, no Tribunal de Évora — anunciou a Força de Unidade Popular (FUP).

Otelo Saraiva de Carvalho é acusado, ainda a propósito de acontecimentos verificados na 1.ª campanha de Eanes, de «incitar os trabalhadores à violência» — acrescenta a mesma fonte.

Em comunicado ontem divulgado, a FUP anuncia a «presença de Otelo em Évora, no sábado, juntamente com outros militares de Abril, numa homenagem popular ao poeta e cantor antifascista José Afonso».

A Confederação Nacional dos Agricultores (CNA) protestou ontem, em Coimbra, **contra os aumentos das rações.**

Em comunicado, a CNA salienta que «este agravamento do preço das rações torna ainda mais insustentável a situação dos produtores de suínos, frangos e ovos e é mais uma tentativa para arruinar a lavoura e a economia do País».

A CNA pede a negociação de um novo preço para o leite, a carne e os ovos, bem como a abertura das feiras de gado com os indispensáveis cuidados sanitários e um apoio financeiro eficaz para a reposição do efectivo pecuário.

O reitor da Universidade de Coimbra, Rui Alarcão, recebeu ontem o **presidente do Supremo Tribunal de Justiça de Cabo Verde**, Mascarenhas Monteiro, com quem discutiu problemas judiciais dos dois países.

Rui Alarcão disse no final do encontro que «embora tenhamos abordado circunstancialmente alguns problemas da justiça comum, esta visita foi sobretudo, de cortesia».

A Associação de Amizade Portugal-URSS anunciou ontem a atribuição ao Presidente da República, general Ramalho Eanes, de uma medalha comemorativa dos dez anos de existência daquele organismo.

O anúncio foi feito na sessão comemorativa que decorreu num teatro de Lisboa presidida por Rui Luís Gomes, principal dirigente da associação.

Outras personalidades da vida cultural e política do País foram condecoradas, entre as quais, Rui Luís Gomes, Maria Lamas, a título póstumo, o maestro Lopes Graça, o escritor José Gomes Ferreira, o marechal Costa Gomes e o general Vasco Gonçalves.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, recebeu ontem uma delegação da Associação de Amizade Portugal-URSS. Durante a audiência, Jaime Gama manifestou a sua apreensão pela situação de Sakharov e sua mulher, diz a agência NP.

Segundo a mesma fonte, Gama defendeu ainda uma solução humanitária para o cientista soviético baseada nos princípios consagrados na acta final de Helsinquia.

O PS de Lagos pediu ontem ao Primeiro-Ministro que sejam mantidos no Governo «milicianos socialistas com provas dadas de bom trabalho», recomendando a manutenção do ministro



Rosado Correia.

Numa moção aprovada na concelhia de Lagos, os socialistas apoiam a decisão de uma remodelação governamental, sublinhando a necessidade de «uma recuperação que diminua a carga que pesa sobre a maioria do povo português, renovando-lhe a confiança no sistema democrático».

A Comissão Cívica **Max e Lurdes** decidiu lançar uma campanha nacional destinada a sensibilizar a opinião pública para que não seja mandado arquivar o processo relativo aos assassinios daqueles dois antifascistas, em 3 de Abril de 1976. A comissão, criada para exigir o julgamento dos verdadeiros autores do crime, afirma em comunicado que existe «a possibilidade de o tribunal mandar arquivar o processo, visto a Polícia Judiciária do Porto não ter indicado quaisquer presumíveis culpados». A Comissão promove amanhã a realização de uma romagem às campas do padre Max e de Lurdes, em Vila Real.

A DELINO DA PALMA CARLOS, em representação do Presidente da República presidiu ontem em Lisboa à sessão de abertura do **segundo Congresso Nacional do Ministério Público.**

Organizado pelo Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, o congresso decorrerá até domingo no anfiteatro da Biblioteca Nacional.

O Presidente **Ramalho Eanes** recebeu ontem em Belém o ministro dos Negócios Estrangeiros Jaime Gama e o vice-Primeiro-Ministro Mota Pinto.

Jaime Gama foi o primeiro a sair da reunião excusando-se a prestar declarações sobre o seu encontro com o Presidente da República.

Mota Pinto que abandonou Belém cerca de duas horas depois de Jaime Gama disse ter discutido com Ramalho Eanes questões da área de actuação do Governo.

A próxima Conferência Europeia dos Ministros responsáveis pelos Assuntos Culturais, realiza-se em 1987, em Portugal — anunciou o Ministério da Cultura.

Segundo um comunicado daquele Ministério, esta decisão, tomada na quarta conferência europeia daqueles ministros, que ontem terminou em Berlim «mereceu a unanimidade dos países presentes, e constitui um reconhecimento do papel eminentemente europeu de Portugal».

“Há uma selvática desordem na acti

— denuncia o embaixador Fernando Reino

O embaixador Fernando Reino afirmou ontem em Braga que se assiste actualmente a «uma selvática desordem na actividade de representação internacional do Estado» e defendeu uma reforma em profundidade do aparelho das relações externas.

As instituições «estão desadaptadas da realidade e à espera de uma reforma em profundidade, tanto mais necessária quanto se aproxima a data de adesão à CEE, que vai exigir uma maior capacidade de resposta do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da administração em geral», disse

se Fernando Reino, representante português junto das Organizações Internacionais em Genebra.

Fernando Reino, que interveio nos colóquios sobre «alternativas para as Relações Externas», promovidos pelo curso de Relações Internacionais da Universidade do Minho, em Braga, declarou que se deve exigir «uma profunda revisão de comportamentos e mentalidades aos funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros».

A necessidade de ultrapassar a actual fase de descoordenação entre os diversos organismos li-

gados à acção externa do Estado, conducente ao desaproveitamento das potencialidades existentes, foi também referida por Fernando Reino.

Advertiu ainda para a urgente necessidade de se alcançar uma capacidade de resposta para os problemas, num momento em que o «horizonte temporal previsível é de pouco mais de 18 meses», antes de Portugal assumir responsabilidades no âmbito da Comunidade Europeia.

Fernando Reino sublinhou que, a concretizar-se a integração de Portugal na CEE, o País tem de

se preparar para, de acordo com as normas em vigor na Comunidade, assumir a presidência desta no segundo semestre posterior à adesão.

Referiu-se à inexistência de uma estratégia global e de uma programação sistemática de objectivos da acção internacional do Estado que aparece fraccionada por vários ministérios, secretarias e departamentos.

Uma estratégia «inovadora e coerente» que se oponha à «improvisação constante», foi tam-

Dois membros do ANC em Lisboa

Duzentas pessoas na concentração contra a visita de Pieter Botha

Registou uma fraca adesão a manifestação ontem realizada em Lisboa em protesto contra a anunciada visita a Portugal do primeiro-ministro da África do Sul, Pieter Botha.

Convocada para as 18 e 30, a manifestação realizada na Praça D. Pedro IV, na Baixa de Lisboa, só se iniciou cerca das 19 horas, não se elevando a mais de 200 o número de pessoas concentradas frente à tribuna.

A manifestação, animada com a actuação de um grupo musical português, foi apresentada pelos seus promotores como destinando-se igualmente a assinalar a passagem do dia da OUA, que ontem se comemorava.

Sérgio Ribeiro da Associação de Amizade Portugal-Cabo Verde, primeiro orador da concentração, considerou «indesejável» a visita de Botha, acrescentando que se «os acordos entre adversários são possíveis, visitas de amizade não».

Outro orador, Urbano Tavares Rodrigues, da Associação de Amizade Portugal-Guiné-Bissau, descreveu a visita do primeiro-mi-

nistro sul-africano que se inicia dia 29, como «uma cedência do Governo português».

A manifestação foi promovida pelas Associações de Amizade de Portugal com Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Entretanto, o Congresso Nacional Africano (ANC) protestou junto do Partido Socialista contra a planeada visita a Portugal do primeiro-ministro sul-africano.

Uma delegação do ANC composta por Joe Jelle e Aziz Pahad reuniu-se de manhã com Rui Mateus, responsável pelas relações internacionais do PS, para manifestar o seu desagrado pela visita de Botha, prevista para os dias 29, 30 e 31 de Maio.

Depois de reiterar o apoio do seu partido aos esforços dos países da Linha da Frente para preservarem a sua independência, Rui Mateus sublinhou que a visita do primeiro-ministro sul-africano «decorre no âmbito das relações entre Estados e não pode ser confundida com as posições de princípio do PS».

O Congresso Nacional Africano luta contra o regime de «apartheid» na África do Sul.

Ao mesmo tempo, os dois dirigentes do ANC apelaram ontem ao Governo português para que cancele a visita de Pieter Botha, que consideram uma tentativa para obtenção de respeitabilidade e legitimidade do sistema do «apartheid».

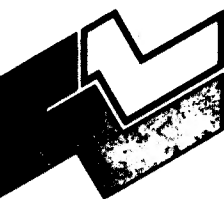
«Desapontados por não serem recebidos» pelo Governo português, responsáveis do ANC disseram em conferência de imprensa que o convite do Primeiro-Ministro português ao seu homólogo sul-africano «não serve os interesses futuros de Portugal nas suas relações com a África do Sul».

Joe Jelle, membro do comité executivo da organização, defendeu que «seria correcto que o Primeiro-Ministro socialista português não seguisse o exemplo dos governos mais conservadores da Europa» e se mantivesse «fiel às gloriosas tradições de luta do povo português e às suas próprias palavras», tendo recordado

uma mensagem de solidariedade dirigida em 1982 por Mário Soares a Oliver Tambo, presidente do ANC.

Considerando injustificável a visita do primeiro-ministro da África do Sul apesar de naquele país haver 600 mil emigrantes de origem portuguesa, o dirigente do ANC defendeu que a segurança da comunidade emigrante de Portugal «só pode ser garantida se o regime do 'apartheid' for combatido e se forem apoiadas as forças sul-africanas que lutam por uma África do Sul democrática e não racial».

Ao comentar os acordos recentemente assinados pela RAS com os Estados vizinhos, o dirigente do ANC afirmou que as relações entre o seu movimento e a Frelimo continuam «quentes, fraternais e indefectíveis», disse que nomeadamente Moçambique «teve de assinar o acordo» por razões de dependência económica herdada do colonialismo e rejeitou a «campanha malévola» que refere a cooperação entre o ANC e o movimento de resistência de Moçambique.



CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO

Faz-se público que se acha aberto concurso, pelo prazo de 30 dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República», para adjudicação da empreitada de **«CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA PRIMÁRIA DE 6 SALAS DE AULA NO ZAMBUJAL»**

A base de licitação é de 8 663 765\$00

O processo de empreitada pode ser examinado todos os dias úteis durante as horas normais de expediente, na Secção de Expediente dos Serviços Técnicos de Obras do Município.

Os concorrentes deverão possuir alvará de empreiteiro de obras públicas, correspondente à 1.ª categoria ou da 1.ª subcategoria da 1.ª categoria e da classe que cubra o valor da proposta apresentada.

A caução provisória é de 216 594\$00

A abertura das propostas realizar-se-á perante a Câmara Municipal na primeira reunião ordinária que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio. A Câmara Municipal reúne às terças-feiras de oito em oito dias pelas 15 horas no edifício dos Paços do Concelho.

Paços do Concelho, 20 de Março de 1984

O VEREADOR
ANTÓNIO MARQUES RIBEIRO

LIVROS TÉCNICOS ENERGIA SOLAR

— Introdução às Aplicações da energia Solar —

Um livro onde se dá especial atenção às aplicações técnicas tais como aquecimento de água, aquecimento ambiente e a pequenos sistemas de conversão em energia eléctrica. Incluem-se ainda detalhes de construção de vários aquecedores solares, bem como métodos de avaliação económica de sistemas solares. Portanto, é uma obra de grande importância para todos os que desejam obter energia através de recursos naturais renováveis. Mais um livro **CETOP** da Coleção «NOVAS ENERGIAS».

A venda em todas as livrarias

...ou encomende directamente a:

EDIÇÕES CETOP - Apartado 33 - 2726 MEM MARTINS CODEX

Enviem-me contra reembolso os livros assinalados com ☒

☐ **ENERGIA SOLAR - 795\$**

Outros livros desta colecção:

☐ **O Aquecedor Solar de Água - 680\$**

☐ **A Energia Solar na Habitação - 440\$**

☐ **Construção Artesanal de Colectores Solares - 430\$**

☐ **O Isolamento Térmico - 560\$**

Nome

Morada

Cód. Postal Localidade

(Os preços são acrescidos das despesas de expedição e cobrança)

vidade de representação internacional do Estado”

bém defendida pelo embaixador Fernando Reino.

A inexistência de um inventário dos meios humanos actuais e a ausência de um levantamento global e sectorial quanto ao impacto da integração na CEE na sociedade portuguesa, «com vista ao estabelecimento de uma estratégia de negociação», foram pontos igualmente salientados pelo conferencista.

A propósito dos meios humanos existentes em todos os serviços nacionais com vocação internacional, Fernando Reino disse que eles excedem, em muito, os

de países como a Suécia, Finlândia, Dinamarca, Noruega, Suíça ou Áustria.

Afirmou, porém, que o quadro diplomático continua subdimensionado, «tendo em atenção as exigências de reestruturação a le-

var a efeito».

Defendeu, por último, a realização, com urgência, de estudos sobre a problemática da formação e reciclagem.

O Curso de Relações Internacionais da Universidade do Mi-

nho, que promoveu uma série de colóquios sobre política externa, ontem concluídos, foi o primeiro do género em Portugal e incluiu este ano cerca de 160 inscritos.

Voltado sobretudo para a formação de técnicos em Relações

Externas, o curso tem como áreas curriculares fundamentais as político-económicas e as político-culturais.

Provenientes de todo o País, incluindo as Regiões Autónomas, os alunos pretendem obter uma

formação que lhes abra as portas da carreira diplomática, dos Organismos Internacionais e dos departamentos ligados à acção externa do Estado, mas também de empresas de importação e exportação.

Jaime Gama:

‘Nem média potência somos’

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, afirmou sexta-feira à noite em Coimbra que a política atlântica portuguesa não se esgota nas relações com os Estados Unidos.

Falando num colóquio promovido pelo Círculo de Estudos das Realidades Nacionais (CERNE), Jaime Gama salientou a importância do Brasil no relacionamento externo português e preconizou o alargamento da influência de Portugal em África.

Sublinhou, porém, que a eventual não integração na Europa tornaria o país incapaz de se relacionar com os países africanos porquanto — disse — «África é um quadro complementar daquela integração».

Depois de considerar que Portugal não pode, nem deve, ter uma política «sequer de média potência», Jaime Gama expôs o que designou por dois grandes princípios da política externa nacional.

Segundo afirmou, um desses princípios é de natureza defensiva e consiste em manter a liberdade nacional nos planos económico, financeiro, cultural e energético, tendo a propósito recusado quer «as formas exclusivas de dependência» quer «os sistemas únicos de integração».

Para Jaime Gama, o segundo grande princípio da diplomacia nacional consiste na afirmação da presença portuguesa no mundo, favorecida pela circunstância de ser um País respeitado devido à sua componente pacífica, de possuir uma presença histórica em inúmeras nações e de ter especiais responsabilidades no mundo de Língua portuguesa.

No colóquio, a que assistiram algumas dezenas de pessoas, participou também Adriano Moreira, que, a dada altura da sua intervenção, convidou os políticos portugueses a meditar no futuro sem renegar o passado.

Defendeu uma política atlântica para Portugal e salientou que uma das direcções dessa política deve ser o Brasil, em relação ao qual — disse — «nós representamos as raízes culturais».

Afirmou que a alternativa europeia chegou a um ponto sem retorno e alertou, a propósito, para o facto de o País ir entrar num mundo para o qual não está preparado ao nível de quadros e do qual não tem experiência nenhuma.

«Vamos entrar numa economia competitiva sem as protecções a que o Ocidente se habituou e sem que as nossas Universidades tivessem tempo de preparar os quadros necessários», disse Adriano Moreira.

Frisou que Portugal corre o risco de investir recursos na preparação de quadros e técnicos que depois irão para outros sítios e em consequência poder vir a ser vítima de uma colonização no mercado de trabalho.

MAESTRO



LIVRE
DE ENCARGOS
VÁ HOJE MESMO
AOS NOSSOS
CONCESSIONÁRIOS
E EXPERIMENTE-O

GARANTIA DE QUALIDADE



VERSÕES: 1300, 1300 LE, 1600 HLS e MG

DIRIJA-SE AO CONCESSIONÁRIO DA SUA ZONA

A. FERREIRA & FILHOS, LDA.
ABRANTES

VARELA & C.
AÇORES — P. DELGADA

NICOLAU DE SOUSA LIMA & FOS. LDA.
AÇORES — P. DELGADA

CENTRAUTO — CENTRO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS
AÇORES — ANGRA DO HEROÍSMO

TOMÁS MARQUES, LDA.
ALCOBAÇA

JOSÉ RODRIGUES MINCO, HERD. LDA.
ALMADA — LARANJEIRO

MAUTO — COM. — IND. AUTO. LDA.
AVERO

AUTO MECÂNICA DO SUL
B. BANHEIRA — BARREIRO

MANUEL GONÇALVES DE CASTRO
BARCELOS

AGÊNCIA COMÉRCIO AGRO-INDUSTRIAL, LDA.
BEJA

J. M. & COSTA, LDA.
BRAGA

SOC. COM. BRAGAMAL — VEIC. PEÇAS, LDA.
BRAGA

ADMAUTO — DE ADRIANO MIRANDA
BRAGANÇA

ASAL — AUTOMÓVEIS COM. — IND. SARL
CARTAXO

AUTO-JALBI — COM. REP. DE AUTOMÓVEIS, LDA.
CASTELO BRANCO

GARAGEM S. JOSÉ, LDA.
COMBRA

C. SANTOS (COMBRA) COM. — IND. AUTOMÓVEIS, LDA.
COMBRA

COSTA LEITE & C. LDA.
ESPINHO

SILVAS & FILHOS COM. — EBORENSE, LDA.
ÉVORA

UNIGUA — COM. DE AUT. LDA.
FARO

FUNDAGRÍCOLA — MECANO — ARG. DO FUNDÃO, LDA.
FUNDÃO

GONDOMIAUTO — SOC. COM. IND., LDA.
GONDOMAR

AUTO GARAGEM GOUVEENSE, LDA.
GOUVEIA

ROMÃO & FARIAS, LDA.
GUARDA

ADELINO J. MORAIS DAS NEVES & FOS. LDA.
LERIA

J. J. GONÇALVES SUZUS, AUTO, LDA.
LISBOA

A. M. ALMEIDA, VEIC. E PEÇAS, LDA.
LISBOA

AUTO ATLÂNTICA — LEÇA & FERNANDES, LDA.
MADEIRA — FUNCHAL

LEACOCK & C., LDA.
MADEIRA — FUNCHAL

MARCOLAUTO — AGRO COMERCIAL — MAFRA, SARL
MAFRA

MAIAUTO — MÁRIO FERREIRA SILVA, LDA.
MAIA

M. COUTINHO — AUTOMÓVEIS LDA.
MARCO CANAVESES

ROGERAUTO — ROG. M. S. BEATRIZ, LDA.
MONTLJO

MIGUELS & SILVA, LDA.
MUSA

AUTO INSUA, LDA.
OLIVEIRA AZEÍMIS

AUTO SPINITE — COM. AUTOMÓVEIS, LDA.
PORTALEGRE

J. J. GONÇALVES SUZUS, AUTO, LDA.
PORTO

SOC. COMERCIAL A. M. ALMEIDA, LDA.
PORTO

A. M. ALBINO, LDA.
SETÚBAL

GARAGE ATLÂNTICA, LDA.
TORRES VEDRAS

SANTOS DA CUNHA, LDA.
VIANA DO CASTELO

JOSÉ LOPES S. FÉLIX, LDA.
VILA DO CONDE

AUCOVL — AUTO COM. VILAFRANQUENSE, LDA.
VILA FRANCA DE XIRA

PARCANTO — SOC. COM. DE AUTOMÓVEIS, LDA.
VILA REAL

AUTO VITÓRIA DE VISEU, LDA.
VISEU

Sete milhões de contos de dotações para a indústria e transportes

O «Diário da República» publicou ontem despachos conjuntos atribuindo dotações de capital a oito empresas públicas da tutela do Ministério da Indústria e Energia no valor total de 3,5 milhões de contos.

A Empresa de Desenvolvimento Mineiro do Alentejo (EDMA), Ferrominas, Petroquímica e Gás de Portugal, Companhia Nacional de Petroquímica, Fábrica-Escola Irmãos Stevens, Siderurgia Nacional, Quimigal e Setenave-Estaleiros Navais de Setúbal são as contempladas com a atribuição das dotações de capital.

A Quimigal (com 1300 mil contos) e a Companhia Nacional de Petroquímica (um milhão) são as empresas mais beneficiadas.

Estas dotações são a realizar por conta do reforço de dotação de oito milhões de contos inscrita no Orçamento de Estado de 1983.

Foram também atribuídos três milhões e 500 mil contos a sete empresas públicas de transportes para sanamento das suas estruturas financeiras.

As empresas contempladas são a Carris (575 mil contos), Metropolitano (300 mil contos), colectivos do Porto (180 mil contos), Rodoviária (185 mil contos), CP (dois milhões de contos), Transtejo (60 mil contos) e TAP (200 mil contos).

Actividades anti-angolanas em Portugal

“Só o Governo português não sabe nada”

— comenta a agência ANGOP

As declarações a um semanário de Lisboa do ministro português dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, sobre a proibição em Portugal de actividades conspiratórias contra Angola, são desmentidas pelos factos, afirmava ontem a agência ANGOP.

A agência angolana referiu, num comentário, que «mal o ministro tinha acabado de conceder a entrevista, já estava a ser desmentido publicamente pelo livro «Operação África — A

Conspiração Anti-Africana em Portugal», da autoria de Fernando Semedo e João Paulo Guerra, jornalistas de «O Diário».

«Operação África» acusa frontalmente, cita factos indelmentíveis, factos do conhecimento de toda a agente», disse a ANGOP, para acrescentar que «não houve, pelo menos até este momento, qualquer reacção por parte do Palácio das Necessidades» e perguntar se o silêncio significará «uma aceitação im-

plicita da denúncia».

«As afirmações do ministro Jaime Gama», prossegue a agência angolana, «são apenas palavras a juntar a todas as outras que já estamos cansados de ouvir, de repetidas que têm sido por ele e pelos seus antecessores, ao longo de todos estes anos».

Depois de afirmar que «Operação África» não revela «nada que já não se soubesse», a ANGOP escreve que o livro tem o mérito de ter aparecido «no

momento em que o próprio Governo de Lisboa, pela voz de um seu responsável, vinha com a mesma história de sempre: negar a evidência dos factos, negar o que não pode ser negado, como que a deitar poeira para os olhos dos incautos ou menos avisados».

«Só o executivo português não sabe nada. Não tem conhecimento de nada. Não vê nada. Não ouve nada. Ingenuamente, confessa-se à margem da própria realidade portuguesa. Não

sabe o que se passa no próprio País, no País que governa. Nada. É a inocência personalizada» — comentou ainda a ANGOP.

Por fim, a agência angolana cita palavras de Fernando Semedo e João Paulo Guerra: «Pela mão do imperialismo e sob a responsabilidade da direita portuguesa, seus partidos e governos, o território português transformou-se numa verdadeira base de conspiração neocolonialista».

Defende a Comissão para os Direitos do Povo Maubere

Portugal deve dialogar com a FRETILIN

«Portugal deve dialogar com a Fretilin e estudar o plano de paz proposto por aquele movimento de libertação em Março de 1983», considera, em carta aberta ontem divulgada, a Comissão para os Direitos do Povo Maubere.

Em documento enviado ao Presidente da República, ao Presidente da Assembleia da República, e ao Primeiro-Ministro, o documento sublinha que «o silêncio e a falta de informação dos governantes portugueses relativamente a Timor-Leste insere-se melhor numa política de abandono do que numa que defenda o direito e que é justo para o povo Maubere e para Portugal».

A este propósito, o texto assi-

nado, entre outros, pela dirigente do CIDAC, Luísa Teotónio Pereira, relembra as obrigações de Portugal, decorrentes do Artigo 297 da Constituição da República e das resoluções das Nações Unidas. Sobre a actividade diplomática portuguesa, o balanço é extremamente crítico: a carta aberta sublinha que, ao fim de oito anos de bárbara ocupação de Timor-Leste pela Indonésia, os sucessivos Governos de Lisboa «não se mostraram capazes, ou interessados, em criar, sequer, os mecanismos necessários à recolha da imprescindível informação sobre a situação no território». Por isso, a resposta do Primeiro-Ministro, Mário Soares, ao jornalista Dan Southerland, do «Christian

Science Monitor», de que não tem informação suficiente para se pronunciar sobre a questão de Timor-Leste é comentada em tom crítico pelos signatários do documento.

Do mesmo modo, relembra o texto, a quase totalidade das resoluções aprovadas pela Assembleia Geral das Nações Unidas não foi proposta por Portugal. A delegação portuguesa limitou-se, na maior parte dos casos, a votá-las, cabendo a iniciativa da sua redacção e proposta a outros Estados. A excepção é a resolução de 1982, de que Portugal foi co-autor e proponente.

A Comissão para os Direitos do Povo Maubere, depois de sublinhar os esforços desenvolvidos pela Comissão Eventual da Assembleia da República para Acompanhamento da Situação em Timor-Leste, critica a acção do Ministério dos Negócios Estrangeiros. «Desinteresse, e até desdém, são qualificativos atribuídos pela Comissão à forma como o MNE tem vindo a tratar as propostas e iniciativas positivas de terceiros, relativamente a Timor-Leste. O texto relembra, uma vez mais, as responsabilidades históricas, morais, políticas e legais da parte portuguesa, afirmando, por fim, parecer estar a desenhar-se uma política do Governo de completa cedência à Indonésia relativamente a Timor-Leste, preparando o reconhecimento da integração do território na potência ocupante. Tal solução, refere o documento, «é uma indignidade», pois Portugal marginaliza-se de uma questão que tão directa e profundamente lhe diz respeito».

Acordo científico-cultural entre Portugal e a URSS

O vice-ministro da Cultura da URSS, Gueorgui Ivanov, afirmou em Lisboa que estão a ser discutidas as conclusões de um acordo científico e cultural entre Portugal e a União Soviética.

Gueorgui Ivanov, que está em Lisboa para tomar parte nas iniciativas promovidas pela Associação de Amizade Portugal-URSS de comemoração do X aniversário da sua fundação, encontrou-se durante a tarde com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama.

Segundo o dirigente soviético, é a falta de um acordo entre Portugal e a URSS nos domínios da cultura e da ciência que dificulta o desenvolvimento da cooperação.

A conclusão de um acordo desse tipo permitiria que o intercâmbio entre os dois países se realizasse a um nível mais elevado e em maior volume

Anunciado há dois anos e meio

Plano de Pescas está em revisão por causa da adesão à CEE

O ministro do Mar afirmou ontem que o Plano Nacional de Pescas está em revisão na perspectiva da adesão à Comunidade Económica Europeia.

Carlos Melancia, que falava em conferência de imprensa no Funchal, após uma reunião com o ministro da República para a Madeira e uma delegação do Governo Regional, considerou que «a grande tarefa que temos de assumir quanto à conversão das nossas frotas tem de ser inserida numa perspectiva de adesão».

Salientou que «é importante e imperativo para nós todos ter um projecto que claramente defina metas e as condições da conversão da frota pesqueira», acrescentando que esse «projecto está em reformulação e será apresentado à CEE em tempo oportuno».

Referiu que «como é óbvio esse plano envolverá a estratégia das frotas, designadamente da região autónoma da Madeira, que será integrada no projecto global».

«Não é possível conceber a possibilidade de mobilizar verbas desta importância através do Orçamento do Estado» — disse, afirmando que pretende «o acesso aos recursos da comunidade para executar a conversão da frota durante o período de transição para o que é necessário que o projecto esteja pronto e concluído para a fase de pós-adesão».

O Plano Nacional de Pescas foi anunciado em Março de 1982, quando as negociações com a CEE iam já em fase avançada, tendo o então secretário de Estado afirmado Gonçalves Viana, que a sua concretização custaria 15 milhões de contos. Deste total 12 milhões destinavam-se à conversão da frota pesqueira.

O ministro do Mar Carlos Melancia adiantou ainda que a negociação do acordo de pescas luso-espanhol está suspensa de comum acordo até que se clarifique a posição da Comunidade Económica Europeia em relação ao «dossier» das pescas apresentado por Portugal.

Marinha de Guerra

Curso de Hidrografia e Oceanografia reconhecido internacionalmente

O Curso Médio de Hidrografia e Oceanografia do Instituto Hidrográfico da Marinha de Guerra Portuguesa foi reconhecido internacionalmente numa reunião que teve lugar em Brest, na França.

A reunião da Comissão Consultiva da Federação Internacional dos Geómetros e da Organização Hidrográfica Internacional para as Normas de Competência dos Hidrografos reconheceu o curso português como certificado internacional.

O curso foi apresentado pelo director de instrução do Instituto Hidrográfico, comandante Pedro Fiadeiro, e foi reconhecido com o nível «B» daquelas organizações.

O Instituto Hidrográfico já no ano passado teve o seu curso de especialização de oficiais em hidrografia reconhecido com o nível «A», o mais alto conferido por aquelas organizações.

Estes cursos, apesar de serem reconhecidos internacionalmente, não estão ainda inseridos no programa do ensino nacional.

O Curso Médio de Hidrografia e Oceanografia, agora credenciado, tem a duração de 40 semanas úteis, sendo 28 semanas

de 30 horas semanais de aulas teóricas e práticas e as restantes semanas ocupadas com visitas, projectos e estágios de ampliação a tempo completo.

Este curso destina-se a habilitar os alunos para a compreensão dos trabalhos hidrográficos e oceanográficos e com os conhecimentos para a execução das diversas tarefas nestes domínios.

O curso, essencialmente de preparação dos oficiais do serviço especial dos ramos de hidrografia e navegação, está, no entanto, aberto à frequência do pessoal civil habilitado com o 12.º ano de escolaridade com a frequência de matemática ou equivalente, desde que autorizado pelo Chefe do Estado-Maior da Armada.

Têm-no frequentado civis dos países de expressão portuguesa e civis portugueses de organismos públicos e privados.

O curso que está actualmente a decorrer no Instituto Hidrográfico, também está a ser frequentado por alguns civis, sendo dois de Moçambique, um de São Tomé e Príncipe e dois civis portugueses a título particular.

Moviflor

PROLONGA POR MAIS UNS DIAS
A SENSACIONAL CAMPANHA DE NATAL

A MAIOR VARIEDADE EM MOBILIAS E MAPLES DE LUXO
VENDEMOS MAIS BARATO.SOMOS FABRICANTES

OPORTUNIDADE ÚNICA

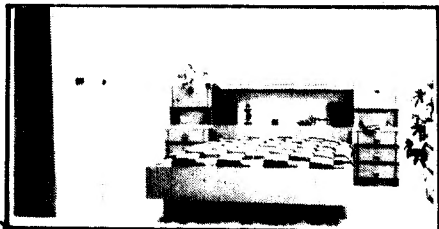
ÚLTIMOS DIAS



Estante canto, c/ bar 39 000\$00



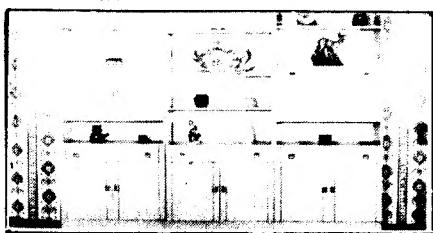
Quarto pessoa, cor pinho, c/ embutidos 14 900\$00



Quarto casal, cor pinho, c/ embutidos 14 900\$00



Mesa cromada, redonda, vidro cor 6800\$00
Mesa cromada oval ou rectangular, vidro cor 7800\$00
Cadeiras cromadas veludo, vidro cor 1 850\$00



Estante cor pinho, c/embutidos 14 900\$00

FABRICA PORTO — Salões de vendas:
LARGO DA GRAÇA, 28 — 1100 LISBOA — TEL.: 84 19 65/87 40 07/87 33 60
RUA DO ALGARVE, 4, 4-A — 2840 CRUZ DE PAU — TEL.: 221 11 76

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 145-F — (antiga Calçada do Monte) — 2000 SANTARÉM — TEL.: 24276
RUA PROFESSOR JOÃO PRATAS, 1-B (Bequim com a Rua da Recreio) — BARREIRO — TEL.: 207 76 47

HORÁRIO: Aberto todos os dias até às 21 horas inclusive sábados e feriados

Moviflor

Casais portugueses de "candeias às avessas"

- Mais de 50 000 divórcios desde 1975
- Recorde atingido no ano passado

O número de divórcios, em Portugal, não parou de aumentar desde que em 1975 foi aprovada a chamada lei do divórcio. Em nove anos registou-se um total de 54.416 divórcios (entre dados oficiais e provisórios adelantados pelo Instituto Nacional de Estatística), com um número recorde em 1983: 7 837.

No total referido predominam os divórcios dos católicos por mútuo consentimento. A maioria dos divorciados tem entre 35 e 44 anos não tem filhos, estar casada há mais de 20 anos e invoca o adultério como principal fundamento para a dissolução do casamento. Uma fonte do INE confirmou à NP a tendência para se registar um aumento em 1984, lembrando contudo que se está ainda longe da média atingida na Comunidade Europeia onde um em cada três lares se dissolve.

A chamada lei do divórcio, acionada por um dos maiores mo-

vimentos de pressão da opinião pública portuguesa pós-25 de Abril (Movimento Nacional Pró-Divórcio), foi promulgada pelo então presidente Costa Gomes a 22 de Maio de 1975, e finalmente publicada no «Diário da República» a 27 de Maio do mesmo ano. O decreto-lei passou a permitir o divórcio aos indivíduos que tivessem contraído casamento segundo o culto católico. Até essa altura era apenas permitida a dissolução dos casamentos celebrados pelo civil.

A maior taxa de divórcio foi verificada em 1977 e 1983 respectivamente com 7 773 (oficial) e 7 837 (provisório). Até 1977, e segundo uma fonte da Comissão de Condição Feminina, o número de divórcios não parou de aumentar, o que correspondeu à legalização de situações de facto, que se vinham acumulando.

Entre 1977 e 1979 verificou-se

um decréscimo em valores absolutos, alargando-se a faixa etária onde eles têm maior incidência: dos 24 anos 34 anos e dos 35 aos 44 anos.

O maior número de casos celebrados depois dos 70 anos ocorreu em 1977, com um total de 93. A presença de divórcios ocorridos depois dos 45 anos corresponde a cerca de um terço do total.

Predomina o mútuo acordo

Segundo a Comissão de Condição Feminina, a existência e o número de filhos constituem factor predominante na decisão de o casal se divorciar: as maiores percentagens de divórcios ocorrem nos casais sem filhos ou que têm apenas um.

Por outro lado, os fundamentos do divórcio sofreram alterações.

Em 1975, a conversão da separação em dissolução legal do casamento constituiu o fundamento de 44,1 por cento de divórcios. O peso desta razão veio diminuindo até 1979. Em 1975, os restantes divórcios foram litigiosos, mas a partir de 1976 a percentagem de divórcios por mútuo consentimento tem vindo sempre a aumentar, tendência que ainda hoje prevalece.

O adultério e as agressões físicas — grandes fundamentos de divórcio, no passado — tendem a ser ultrapassados dentro de certas faixas sociais, segundo um especialista em divórcios. «O stress e a maior consciencialização pela mulher do seu valor como ser humano, que trabalha em igualdade de circunstâncias com o marido, e que não está para aturar as madurezas do seu esposo, são razão suficientes para requerer o divórcio», afirmou.

Em entrevista a jornal sueco

Soares declara que não apoiará um candidato militar às presidenciais

Mário Soares afirmou ontem, em entrevista ao diário «Svenska Degladet», de Estocolmo, que «está completamente afastada a possibilidade de apoiar um candidato militar às eleições presidenciais».

O «Svenska Degladet», o segundo maior jornal da Suécia, com uma tiragem de 225 mil exemplares, publicava ontem, na primeira página uma entrevista de Mário Soares com foto a quatro colunas titulada «Soares ape-

la à Suécia». Na entrevista, Mário Soares afirmou que «a Suécia fez muito por Portugal depois da Revolução de 1974 mas pode fazer muito mais se aumentar as suas importações de têxteis portugueses».

Manifesta ainda a sua preocupação pelos problemas da economia portuguesa, acrescentando que as condições de crédito do Fundo Monetário Internacional são «demasiado pesadas e não têm em conta as condições dos pobres».

Referindo-se à situação em Portugal, Mário Soares salientou que «os problemas económicos são fáceis de explicar e a única coisa a fazer é apertar o cinto».

«Vivemos durante anos acima das nossas possibilidades e agora temos de recuperar», salien-

tou.

Em relação aos militares, Soares acusou-os de terem «começado as nacionalizações», salientando que «se eu estivesse no poder isso não teria acontecido».

O jornal transcreve críticas do

Primeiro-Ministro a Rosa Coutinho e a Vasco Gonçalves, referindo que «são comunistas que conseguiram esconder esse facto durante algum tempo, mas agora todos sabem a verdade: falam a mesma língua de Cunhal».

Para Mário Soares, Otelo Saraiva de Carvalho «foi um verdadeiro herói da Revolução, generoso e idealista mas não teve noção das realidades».

O «Svenska Degladet» afirma ainda que Mário Soares nada adiantou sobre os seus planos para as eleições presidenciais referindo que o PS «só decide o seu candidato em 1985».

Encontro de Paris

Mário Soares manteve ontem conversações em Paris, com outros dirigentes socialistas europeus sobre tópicos que incluíram o alargamento da CEE a Portugal e a Espanha. Na reunião foram também abordadas questões de estratégia para as eleições do Parlamento Europeu em 14 de Junho próximo.

Para além do Primeiro-Ministro português, participaram no encontro entre outros, Bettino Craxi, Felipe Gonzalez, Willy Brandt, o líder do Partido Trabalhista Britânico, Neil Rinnock, o seu homólogo holandês Joop Den Uyl e o antigo primeiro-ministro dinamarquês Anker Jorgensen.

Os participantes da reunião tiveram ainda um breve encontro com o presidente francês François Mitterrand.

Seis bancos estrangeiros "muito brevemente"

As candidaturas de seis bancos estrangeiros para se instalarem em Portugal estão completas e em condições de serem autorizadas, disse ontem em Estocolmo o ministro Mário Soares.

Soares falava aos jornalistas no fim da visita oficial à Suécia, tendo atribuído a demora nas respostas das autoridades portuguesas a problemas de natureza burocrática.

Disse que tem perguntado várias vezes em Conselho de Ministros ao ministro das Finanças como está o dossier da abertura de bancos estrangeiros em Portugal.

«Muito rapidamente haverá decisões concretas sobre este assunto» — acrescentou.

Durante a visita que fez «a Suécia, o Primeiro-Ministro português foi contactado por três bancos

suecos que lhe manifestaram interesse em se instalarem em Portugal.

De acordo com o jornal «Semanário» a concessão das autorizações para a instalação de bancos privados poderá ter lugar só em Janeiro, tal como defendem os técnicos do Banco de Portugal. Nesta perspectiva os novos bancos só seriam autorizados após a publicação da regulamentação do sistema bancário, actualmente em estudo.

O Governo porém, com destaque para Ernâni Lopes tem pugnado por uma solução mais rápida, falando-se da possibilidade de um compromisso que permita autorizar ainda durante o Verão dois ou três bancos, ficando os restantes para fins deste ano, princípios de 1985.

Lucas Pires no Porto:

Candidatura de Freitas deve ter base popular

PORTO, 26 — O CDS prepara uma moção de censura ao Governo, a apresentar na sede própria (Assembleia da República), e aguarda a evolução do movimento pró-candidatura de Freitas do Amaral à Presidência da República em 1985.

O presidente centrista (Lucas Pires) afirmou ontem no Porto que «a candidatura de Freitas do Amaral às eleições presidenciais de 1985 deve ser uma candidatura de base popular e não de base partidária».

«O CDS apoiará, sobretudo, um candidato que possa ser alternativa ao do bloco central» — sublinhou Lucas Pires em declarações prestadas após o jantar

de confraternização do CDS ontem realizado no Porto.

Afirmou ainda Lucas Pires que, «se o Governo continua por este caminho, o CDS apresentará na Assembleia da República uma moção de censura», tendo ainda afirmado que o actual processo de remodelação do Executivo «mostra que o Governo já não se governa a si mesmo».

Voltando a referir-se às eleições presidenciais, o dirigente do CDS afirmou que «ainda pode haver muitas surpresas». E acentuou: «Se houver um presidente verdadeiramente novo, o leque político-partidário alterar-se-á completamente e depois das presidenciais será então

completamente inevitável que o bloco democrático seja maior que o bloco socialista-social-democrático» — referiu o líder centrista.

«Julgo mesmo que o CDS deve pensar, sobretudo, no futuro, e deve convocar um congresso antes do fim de 1984 para acelerar a sua dinâmica e alargar a sua capacidade» — observou.

Na sua intervenção, o dirigente democrata-cristão salientou, ainda, a necessidade de combater o que classificou como «neogonçalvismo», mas desde que «isso não seja apenas o pretexto para reinventar o neo-soarismo».

tribunal de polícia

Os sapatos

Mário Castrim

O Tribunal de Polícia corre com o patrocínio dos supermercados. Ontem, mais uma sessão matinal dedicada aos que se furtam a pagar direitos nas caixas registadoras.

Ela, doméstica, flamante no seu vestido estampado furta-cores. Ele, engenheiro. Ambos, segundo a terminologia local, de «condição social média e económica remediada».

Ela, repetente. Não alega nada em sua defesa. Talvez o pudesse fazer, quem sabe. Talvez, se em lugar de um juiz e de uma sala pública, estivesse alguém que, recatadamente, ouvisse para compreender e não para castigar. Mas há a propaganda do consumismo, o supermercado, as leis onde os crimes e os castigos estão previstos. Alegar o quê, em sua defesa, quando se meteram um fato de banho e um par de sapatos dentro da cinta?

Ele, técnico agrícola, não perde tempo. Taimisemani. Enquanto o juiz não vem, toma notas, dá uma vista de olhos no processo que certamente trouxera da repartição para adiantar trabalho. Calmo, frio, metódico, eficiente. Quatro adjectivos, certamente enganosos como todos os adjectivos, quando são muitos.

Ela, fa to de banho e sapato, tudo no valor de 5373\$40. Ele, camisa, camisa interior, lâminas de barbear, um produto para limpar pentes, um frasco de café sem cafeína, mais umas coisitas, soma tudo 4960\$60.

O repórter sabe a receita de cor. Artigo 296 do Código Penal, e ainda os artigos 71 e 72, sem esquecer igualmente o 46. Lá vai disto: 60 dias de prisão, substituídos por multa de 12 mil escudos, e ainda os custos. Está encerrada a audiência. Amanhã haverá mais. Seguramente, haverá mais casos de fuga as caixas registadoras, essa maldição dos tempos modernos. Qualquer que seja, e por muito atractivo que seja o caminho, no fim dele há sempre uma caixa registadora. Se a coisa pega, estão a ver o S. Pedro, às portas do céu, tac?

À saída da audiência, o repórter reúne-se com algumas testemunhas de acusação, vigilantes do «supermercado ofendido», mostra-se perplexo com esta onda de supermercado aguda com Tribunal de Polícia.

E vem a saber que esta «onda» não passa de uma gota no oceano de casos semelhantes. Muitos, muitos outros são resolvidos sem o recurso ao tribunal ou até à polícia. Só se chega aqui quando o roubo atinge uma certa expressão no valor ou no processo sofisticado que o «cliente» utilizou.

— Uma coisa — explicou — é uma pessoa «esquecer-se de registar uns sapatos e outra coisa é esconder os sapatos entre o corpo e a cinta...

Lembram casos. Um tal que anda de supermercado em supermercado, por Lisboa e outra banda, deitando a unha ao que pode. E vive disso. Depois, aquele célebre casal de retornados, o terror das prateleiras.

— Mas é tudo assim, o roubo para negócio?

— Nem tudo. Também é por muita necessidade, cada vez mais. A gente percebe quando se trata disso. Então procuramos resolver as coisas sem mais agravo. Também acontecem coisas que não compreendemos.

— Por exemplo.

— Olhe, por exemplo a «senhora do rosbife».

É uma senhora de «boa sociedade» que paga tudo quanto leva mas esconde as embalagens de rosbife. Está farta de ser julgada, de apanhar multas. Mas lá o rosbife passado às caixas é que ela não larga...

A manhã chega ao fim. Volto a lembrar-me dos psicólogos e dos sociólogos. E também dos poetas, dos contistas, dos que lavram essa terra de ficção que é a realidade.

A propósito, esquecia-me de dizer que os sapatos que a ré escondera na cinta, eram de homem.

Auto-férias

VIAJE NO SEU AUTOMÓVEL

CONFIANDO-NOS A RESERVA DO SEU ALOJAMENTO

Algarve * Benidorm

Costa del Sol

Tânger * Agadir

8 OU 15 DIAS

APARTAMENTOS

HOTÉIS

VIVENDAS

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

DESEDE 1980

abreu

ALVARÉ 35 - OPERADOR TURÍSTICO

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341

LISBOA - Avenida de Roma, 66 - B Tel. 803609

ALMADA - Rua de Oliveira, 9 - C Tel. 2756272

PORTO - BRAGA - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

Coloque os seus aparelhos a gas em locais ventilados.

Cumpra as minhas regras de segurança.

DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

de ontem para hoje

Conferência da Reforma Agrária está marcada para Julho

A Oitava Conferência da Reforma Agrária vai realizar-se em Évora nos próximos dias 14 e 15 de Julho — foi anunciado pela organização. A conferência, na qual participarão cerca de 2000 delegados eleitos nas UCP's e cooperativas agrícolas, do sector agrícola privado e técnicos, vai ter lugar nos pavilhões do Rossio de São Brás. Cinco temas base preencherão as sessões de trabalho, iniciativa dos secretariados e sindicatos agrícolas dos distritos de Évora, Beja, Portalegre, Santarém e Setúbal. «Agricultores reclamam uma nova política para a agricultura», «reforçar a organização para defender as UCP's/cooperativas» e «com a Reforma Agrária aumentar a produção, modernizar a agricultura», são alguns dos temas a debater no encontro.

Rastreio de satélites fica em Almodôvar

A autarquia de Almodôvar não foi ouvida sobre a instalação da Estação Militar de Rastreio de Satélites no concelho, disse ontem o vereador Lopes Ribeiro. Aquele autarca referiu que a autarquia de Almodôvar desconhece os principais pormenores do acordo assinado em 27 de Março entre Portugal e os Estados Unidos sobre o assunto. Na serra do Caldeirão, perto do marco geodésico MU, no sítio de Talefe dos Causados, a

cerca de 20 quilómetros da vila, uma equipa de topografia procedia ao levantamento do terreno. Os topógrafos, que se faziam transportar numa viatura da Força Aérea Portuguesa, afirmaram que não estavam autorizados a prestar declarações à imprensa, mas adiantaram, no entanto, que aquele local fora escolhido para a instalação da estação de rastreio de satélites entre 12 sugeridos pelos Estados Unidos.

Novo indicativo telefónico para a Europa

O acesso da região de Lisboa ao serviço telefónico europeu passa a ter um novo indicativo a partir de hoje — informaram os TLP. O indicativo das chamadas telefónicas automáticas feitas de Lisboa para a Europa passa a ser zero zero em vez de zero um (01), tal como já se verifica no conjunto das restantes redes do País, à excepção do Porto. Simultaneamente, serão alterados os números de telefone das «informações» do serviço internacional e intercontinental, que passam a ser, respectivamente, zero nove nove (099) e zero nove oito (098).

Jornadas de Artesanato da Região Centro

As Primeiras Jornadas de Artesanato da Região Centro decorrem hoje e amanhã em Poiares, Coimbra, com o objectivo principal de permitir a definição de uma política integrada a aplicar no sector. Nas jornadas, promovidas pela Região de Turismo do Centro, participarão mais de três dezenas de artesãos,

oriundos de doze concelhos, que trabalharão ao vivo em cestaria, olaria, latoaria, rendas, bordados, ferro forjado, entre outras actividades. Carlos Beja, presidente da RTC disse que as jornadas têm ainda como objectivo permitir um confronto entre as várias formas de artesanato da região.

Câmaras açorianas recebem 123 mil contos

O Executivo açoriano atribuiu às 19 Câmaras Municipais da Região Autónoma cerca de 123 milhões de escudos — anunciaram fontes oficiais. O Município da cidade de Ponta Delgada, com 24,4 milhões de escudos, foi o que recebeu maiores quantitativos, logo seguido do de Angra do Heroísmo, com 11,8 milhões. Com apenas 1,6 milhões de escudos, a Câmara da ilha do Corvo foi a que absorveu menores verbas do Governo. Esta transferência de verbas às autarquias foi feita pela Secretaria Regional da Administração Pública ao abrigo da Lei das Finanças Locais.

Educação de Adultos no Alentejo

A Comissão de Coordenação da Região do Alentejo (CCRA), de colaboração com diversos organismos, está a preparar um plano de educação de adultos para o Alentejo. O plano, que conta com a participação da Direcção-Geral de Educação de Adultos, visa o desenvolvimento cultural e educativo da população, tendo

em vista a sua valorização pessoal e a progressiva participação na vida cultural, social e política. A iniciativa visa igualmente assegurar as condições para que todos os adultos que o desejem tenham acesso à alfabetização e, progressivamente aos vários graus de escolaridade obrigatória.

Novo presidente para AM de Sever do Vouga

Por 15 votos a favor e 13 contra a Assembleia Municipal de Sever do Vouga, distrito de Aveiro, elegeu nova mesa, ficando Evaristo Pereira Rodrigues como presidente e Manuel Augusto Martins Coutinho e Mário Lacerda Dias, como secretários. Todos estes eleitos são do PSD.

A nova eleição foi determinada pela demissão do anterior presidente da AM, Severo de Carvalho, que invocou irregularidades imputáveis ao executivo camarário.

Tem 51 anos e é natural do Alentejo

Português raptado a 50 km de Maputo

É conhecido o nome do cidadão português anteontem raptado na Agro-Pecuária de Sabiá, a cerca de cinquenta quilómetros de Maputo: trata-se de Sebastião José de Carvalho Féria, de 51 anos, natural do Alentejo.

Prático de agricultura, Sebastião José de Carvalho está há dez anos em Moçambique. Foi raptado quando a fazenda em que trabalhava, na Moamba, foi atacada por um numeroso grupo de rebeldes que levou consigo vários moçambicanos, que depois libertou, após ter queimado algumas viaturas daquele complexo.

O complexo agro-pecuário do Sabiá pertence à fábrica moçambicana de tabacos Velosa.

Carvalho Féria residia actualmente na Matola, a 15 quilómetros de Maputo.

Inicialmente, a revelação do rapto causou algum mal-estar na capital moçambicana, a ponto de a missão diplomática portuguesa no Maputo desconhecer, ainda ontem à tarde, o caso e muito menos a identidade do português raptado, segundo um despacho da NP.

Três mortos este mês

De acordo com a mesma notícia, ontem de manhã circulavam rumores (não confirmados pelos factos), no Maputo, de que teriam sido raptados 25 portugueses. Foi fácil aos alarmistas multiplicarem por 25 o nome de Sebastião José de Carvalho Féria, já que os outros raptados — precisamente 25 — eram não portugueses, mas moçambicanos.

vindo a ser libertados pouco depois.

Este mês foram já mortos em Moçambique três portugueses, mas a Embaixada de Portugal só confirmou o facto na quarta-feira, por não terem sido avisadas oportunamente as famílias em Portugal.

No princípio do mês, a imprensa local referiu também a morte, por oposição ao regime, de um septuagenário português já reformado. A sua identidade, contudo, nunca chegou a ser divulgada.

A divulgação de tais notícias torna-se frequentemente difícil, uma vez que uma onda de boatos assola actualmente a capital moçambicana e a sua confirmação é dificultada pela falta de meios de comunicação num país oito vezes maior que Portugal.

Um carro, uma camioneta e uma moto...

Dois mortos e um ferido na EN n.º 1 perto de Pombal

Dois mortos e um ferido é o balanço de um acidente de viação que ontem à noite ocorreu em Pombal, junto ao lugar de Carrinhos, na estrada Lisboa-Porto. O acidente envolveu uma viatura ligeira, uma outra de carga e uma motorizada.

Mário Monteiro, veterinário municipal de Pombal, que conduzia o carro ligeiro, teve morte imediata, quando chocou com a viatura de carga, ao tentar desviar-se da motorizada que ia fora de mão.

António Gaspar, que viajava

ao lado do veterinário, e o condutor da motorizada, Joaquim Pereira Bernardes, depois de levados para o hospital de Pombal foram transferidos para o de Coimbra, onde ficaram internados em estado muito melindroso. Este último, contudo, não resistiria aos ferimentos, vindo a falecer, ao princípio da madrugada, no Hospital de Covos, em Coimbra, para onde fora transportado.

O mesmo informador hospitalar que deu a notícia da morte de Joaquim Pereira Bernardes

acrescentou ser «muito grave» o estado de António Gaspar, que viajava ao lado do veterinário Mário Monteiro, o que teve morte instantânea.

Os ocupantes da camioneta, que circulava em sentido contrário ao da viatura de Mário Monteiro e da motorizada envolvida, nada sofreram. O carro do veterinário chocou de frente com a camioneta, como acima dissemos, ao tentar desviar-se da motorizada guiada por Joaquim Bernardes.

Morreu um "personagem" de Aquilino Ribeiro

Na povoação de Peda, no concelho de Moimenta da Beira, morreu agora, com 85 anos, João Franco, ali conhecido por ter inspirado algumas passagens da obra de mestre Aquilino Ribeiro.

João Franco, que viveu muitos anos em África, foi amigo de longa data de Aquilino e seu companheiro de andanças pelas serranias das «Terras do Demo», de onde ambos eram naturais.

João Franco contava também histórias a mestre Aquilino, algumas das quais terão ficado nos seus contos e romances.

Teria mesmo inspirado alguns dos seus personagens, nomeadamente o «António das Árbitas», diz-se ainda hoje.

Carro oficial contra candeieiro

'Braço direito' de José Vitorino ficou ferido mas já está em casa

O chefe de gabinete do secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares ficou ontem à tarde ferido num acidente de viação em Lisboa, vindo a ser operado na região macrofacial e aos dois maxilares, no Hospital de S. José.

José Penedos, de 38 anos, natural de Coimbra, mas residindo na capital, ficou ferido quando o carro em que seguia, da Secretaria de Estado dos Assuntos Parlamentares, embateu num candeieiro, na Avenida Alfredo Bensaúde. O motorista da viatura oficial, Arménio Lopes, de 51 anos, também sofreu ferimentos ligeiros.

Submetido a intervenção hospitalar dirigida pelo cirurgião Pinharanda, o chefe de gabinete da Secretaria de Estado dos Assuntos Parlamentares regressaria ao seu domicílio, em Lisboa, às primeiras horas de hoje, conduzido pelo secretário de Estado António Vitorino, que acompanhou a evolução do seu estado logo que soube do acidente.

Foi António Vitorino que esta manhã disse ao «DL» que quer o chefe do seu gabinete quer o motorista tinham reagido bem ao acidente, encontrando-se ambos nas suas residências, em fase de recuperação.

Estado burocrático dificulta combate ao crime

— entende

Almeida Bruno

O comandante-geral da PSP, brigadeiro Almeida Bruno, acusou a «excessiva burocracia» do Estado de dificultar a acção da Polícia.

«A excessiva burocracia de toda a máquina do Estado cria imensas dificuldades à acção policial (...) é um factor altamente negativo» — disse Almeida Bruno numa conferência de imprensa ontem realizada no Funchal, no final da visita de cinco dias que efectuou à Madeira.

Sobre a delinquência juvenil, o comandante-geral da PSP afirmou que a solução do problema não depende exclusivamente da Polícia.

«Se alguma sociedade pensa que a PSP, quer em prevenção ou repressão, resolve os problemas de fundo da delinquência juvenil, está completamente enganada e vai continuar de certeza a ter mais delinquência juvenil» — afirmou.

Referindo-se ao comando regional da PSP, Almeida Bruno disse tratar-se de «uma unidade altamente disciplinada».

«Levo as melhores impressões» — declarou.

Portimão

chora jovem

que se suicidou

Filha de um taxista desta cidade, boa estudante (aluna até ontem da Escola Poeta António Aleixo), Maria da Graça Marques Duarte deixou de pertencer ao rol dos vivos.

As autoridades julgam estar perante um caso de suicídio, porque, junto da jovem, de 18 anos, se encontravam uma toalha e um frasco com acentuado cheiro a diluente, que terá sido a causa da morte.

Os companheiros de Maria da Graça secundam os palpites das autoridades, pois acreditam que o acto de desespero esteja relacionado com a morte, há cerca de um mês (e também por suicídio), de um outro jovem intimamente relacionado a Maria da Graça, por afinidades intelectuais e sentimentais.

Maria da Graça Marques Duarte foi encontrada, praticamente inconsciente, por dois turistas na praia da Rocha.

Estudante do ensino secundário na António Aleixo, de Portimão, devido às suas médias escolares era apontada como já aprovada no 12.º ano e potencial candidata à Universidade no próximo ano.

CP vai servir melhor transporte de deficientes



Os deficientes motores passam a dispor deste plataforma de acesso às carruagens

A CP está desde o início de Maio habilitada ao transporte integrado de deficientes em cadeiras de rodas, com instalações sanitárias adequadas e seis carruagens que se encontram actualmente em circulação entre Lisboa e Porto e servirão no «Sud-Express» Irun-Lisboa-Irun, especialmente para o transporte, no próximo mês, de congressistas deficientes.

Após o XV Congresso da Reabilitação Internacional, que decorrerá em Lisboa de 4 a 8 de Junho, as seis carruagens passarão a circular na rede geral dos

Caminhos de Ferro, com incidências nas linhas de maior frequência.

No interior dos comboios, a circulação é garantida por uma cadeira especial (cadeira «transfer») e o acesso à composição é garantido por uma rampa móvel que permite a entrada e saída das cadeiras de rodas.

Na Estação de Santa Apolónia foram adaptadas algumas casas de banho e anuladas barreiras arquitectónicas à circulação de deficientes, nomeadamente com a instalação de rampas de acesso ao edifício da estação.

Presidente diz que sim, por "um céu azul"

Eleitos APU pedem inquérito à Câmara de Condeixa-a-Nova

Os membros da APU da Assembleia Municipal de Condeixa pediram um inquérito à gestão da Câmara Municipal, no ano de 1982.

Em comunicado, a Comissão Coordenadora APU, de Condeixa, afirma haver «nuvens negras quanto aos 40 mil contos de multas perdoadas à firma SANURB e ao processo de designação do vereador a tempo inteiro, que foi quadro superior da dita empresa».

A APU acusa o executivo municipal de «erros escandalosos» na relação de horas de trabalho com máquinas da Câmara, as quais, sublinha, «apontam para que um ano passe a ter mais de 365 dias».

Acrescenta que «haverá outras irregularidades que o inquérito poderá revelar, pois, se assim não fosse, o relatório de contas de 1982 já teria sido aprovado».

«O ano de 1982 é um ano com muitas nuvens negras na gestão da Câmara» — sublinha a APU, que afirma ter decidido requerer o inquérito depois de ver que «se esgotaram todas as hipóteses de esclarecimento nas sessões da Assembleia Municipal».

«Para cúmulo de tudo isto» — acrescenta aquela força, em comunicado — «a Câmara anunciou recentemente que irá proceder judicialmente contra um eleito da APU. Porque, mais uma vez, um eleito da APU disse (...) o que ele e outros eleitos têm vindo a dizer desde há meses».

Presidente de acordo

O presidente da Câmara de Condeixa-a-Nova considerou, em relação ao pedido de inquérito à gestão do executivo, que a Comissão Coordenadora da APU «recuou e substituiu as acusações».

Para Armando Martins Tavares, «os homens sem rosto» da Comissão Coordenadora da APU «recuaram e substituíram as acusações de corrupção e compadrio por termos como nuvens negras e erros graves».

A propósito da entrega, no Governo Civil de Coimbra, de um pedido de inquérito à gestão daquela Câmara, referente ao ano de 1982, feito por representantes da APU na Assembleia Municipal, Armando Tavares afirmou que a Comissão Coordenadora da APU «mente».

«Os relatórios e Contas do ano de 1982 foram agendados para a sessão de Fevereiro e foi a própria APU que pediu que fosse retirado de discussão» — esclareceu o presidente da Câmara de Condeixa-a-Nova.

Armando Teixeira manifesta-se pelo inquérito, para que «as nuvens negras se transformem num céu azul de esperança para aqueles que tudo criticam e põem em causa» e diz esperar que «os homens sem rosto mudem novamente de lentes, dado que as actuais são muito escuras e desfocadas, induzindo-os em miragens alucinantes e erros escandalosos».

Comerciantes mobilizam-se para Assembleia Municipal

Horários do comércio dão polémica em Lisboa e Guimarães

O Movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais (MPMCI'S) apelou aos comerciantes para que compareçam no edifício da Câmara Municipal de Lisboa, no dia 29, entre as 19 e 30 e as 21 horas, manifestando a sua vontade «de que continuem em vigor os horários anteriores».

O apelo resulta da marcação para aquela data da discussão, em Assembleia Municipal, dos novos horários, já aprovados pelo executivo municipal (com os votos contra da APU), que liberalizam a abertura dos estabelecimentos (das seis da manhã às quatro da madrugada).

O MPMCI'S entende que os membros da Assembleia Municipal terão agora «oportunidade de rectificar aquela decisão prejudicial à esmagadora maioria do

comércio lisboeta».

Recorde-se que o problema da abertura dos estabelecimentos comerciais tem sido motivo de acesa polémica em muitos municípios, estabelecendo-se o conflito, com muita frequência, entre os pequenos e médios comerciantes de tipo tradicional e os centros comerciais que se encontram ligados aos grandes.

Também em Guimarães

Os trabalhadores do Sindicato do Comércio de Braga e a Associação Comercial e Industrial de Guimarães manifestaram-se contra a deliberação da Câmara Municipal que fixa um novo período de abertura e encerramento dos estabelecimentos

comerciais.

O horário fixado pela Câmara Municipal é das 8 às 23, defendendo o Sindicato e a Associação que se mantenha o actual horário, entre as 9 e as 19, mas mostrando-se no entanto receptivos ao período entre as 8 e as 20.

Para o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, a deliberação da Câmara favorece os especuladores imobiliários, salientando que 99,9 por cento do comércio tradicional é contra este novo período de funcionamento. Segundo os mesmos dirigentes sindicais, este novo regime fixado pela edilidade acaba com a chamada «semana inglesa», regalia que os trabalhadores adquiriram e da qual não abdicam.

Para o Sindicato, a deliberação da Câmara vai dar cobertura a uma situação de ilegalidade em que se mantinham os centros comerciais.

A Associação Comercial e Industrial de Guimarães referiu que a deliberação da edilidade, para além de ser precipitada, vai perturbar o sistema de horários comerciais.

Para esta Associação, a flexibilidade de horários dos estabelecimentos comerciais, em vez de permitir a criação de novos postos de trabalho, vai aumentar ainda mais o subemprego a nível de certos estratos sociais que vêm na instalação de centros comerciais uma fonte extraordinária de rendimento.

Segundo a Associação, a decisão da Câmara favorece apenas os centros comerciais.

Acusa um sociólogo do Parque Natural da Estrela

Queijo da Serra está a ser partidarizado

O sociólogo Alberto Martinho, do Parque Nacional da Serra da Estrela, afirmou à ANOP ter havido uma partidização na organização das feiras-concurso do queijo da serra.

Um exemplo dessa partidização foi a transferência da sua organização do âmbito do PNSE para as câmaras municipais — acrescentou.

Afirmou que estes certames não podem ser vistos apenas como fins mas como meio para atingir a melhoria e promoção social do produto.

Justificou dizendo que ao considerar as feiras como um fim «está a desvirtuar-se o produto, pois, está a enganar-se o produtor e o consumidor».

«As feiras-concurso do queijo da serra têm de ser feitas com cientificidade e não com política» — expressou.

Alberto Martinho preconizou várias acções para o desenvolvimento do queijo da serra, nomeadamente a melhoria de prados, as casas dos pastores, das queijas, construção de pequenas estradas e obras de irriga-

ção, cercas para gado, ordenha mecânica, saúde animal e controlo leiteiro.

Como estruturas de apoio à produção do queijo da serra disse ser necessário instalar câmaras de cura e abertura de linhas de crédito bonificadas para esta actividade económica e feiras-concurso do queijo da serra.

O sociólogo Alberto Martinho frisou ainda a necessidade de se promover o registo internacional da patente do queijo da serra como forma de proteger e pro-

mover socialmente o produto. Alberto Martinho, que recentemente se doutorou em Nice (França) em antropologia, frisou a importância do queijo da serra para a actividade económica da população serrana.

O Parque Nacional da Serra da Estrela é entendido pelos responsáveis regionais como sendo composto pelos concelhos de Gouveia, Seia, Manteigas, Celorico da Beira, Guarda, Covilhã e Oliveira do Hospital, na sua totalidade ou em áreas parciais.

Para expor em Beja sob o patrocínio da Câmara local

António Carmo pintou 24 quadros sobre poemas de Manuel da Fonseca

A Câmara Municipal de Beja vai patrocinar uma exposição do pintor António Carmo inspirada na problemática alentejana e em poemas de Manuel da Fonseca. Integrada por 24 trabalhos, todos eles criados já no ano em curso, a mostra irá estar patente ao público no salão do INATEL, localizado no centro da capital baixo-alentejana frente ao liceu local.

António Carmo, há que referir-lo, foi talvez o primeiro pintor que, ainda antes do 25 de Abril

de 74, teve a coragem de abordar na tela a problemática da guerra colonial, ao inspirar-se na sua experiência enquanto militar (miliciano) na Guiné nos tempos do general António Spínola como governador-geral da colónia então sob administração portuguesa. A galeria escolhida para tornar visível (e público) o fruto da sua inspiração foi a que, à data, meados de 1973, existia na Livraria Opinião (agora Nova Opinião), na Rua da Trindade, então liderada pelo também ele

pintor (e poeta), Hipólito Clemente.

Da sua vivência na Guiné António Carmo recorda que, enquanto aguardava «passaporte» para o mato, participou em Bisau na «Segunda Feira de Amstras de Artesanato», onde se encontravam representados alguns artistas locais, como Augusto Trigo, numa iniciativa que teve como grandes impulsores os oficiais de Artilharia, capitães Otelo Saraiva de Carvalho e Sales Golias. Na sua pas-

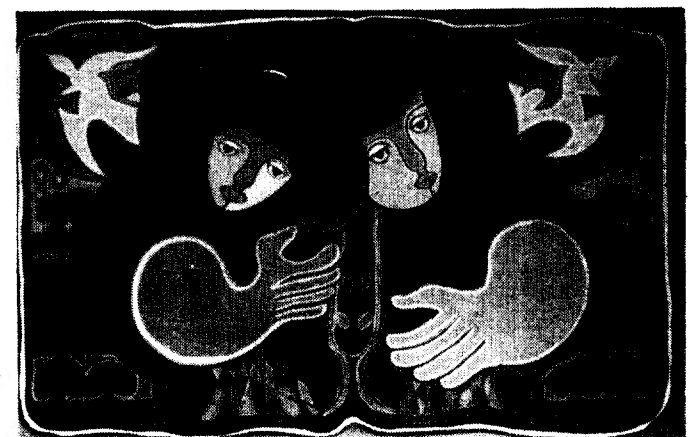
sagem pela Guiné, António Carmo considera ter recebido influências da Arte Nalú.

Um «cordão umbilical» chamado Adriano

Relativamente às motivações que o levaram a esboçar (e a concretizar) o projecto a que irá dar corpo, no próximo dia 2 de Junho, na exposição de Beja, António Carmo realça o «cordão umbilical» que, por laços familiares, o ligava, desde há muitos anos, ao sempre presente Adriano Correia de Oliveira. Ora, para quem não sabe, Adriano foi o trovador que mais interpretou Manuel da Fonseca, havendo já um projecto que, na sua génese, tinha como programa uma exposição com estes quadros, que, na sessão inaugural, teriam a interpretar-los a voz de Adriano. Só que a morte levou Adriano.

Dos poemas ilustrados por António Carmo destaque para «As Balas», «No Vale Escuro», «Tu e Eu Meu Amor», «O Vagabundo», «Recado a Helena», «Dona Abastânia», «Cantiga de Morte Maior» e «Seara de Vento», este último inspirado no romance com o mesmo título e que a Censura salazar/caetanista manteve proibido até ao 25 de Abril de 1974. O artista pensa levar depois a exposição até ao Museu de Santiago de Cacém na terra natal de Manuel da Fonseca.

No futuro, António Carmo projecta ilustrar outros prosadores e poetas portugueses, ou estrangeiros, desde que estes lhe transmitam motivos de inspiração. Estando neste momento já a trabalhar num conjunto pictórico que terá o pescador como tema fulcral. O que não será a de ad-



O quadro «As Celfeiras», com uma referência muito concreta a Catarina e à pomba da paz, símbolos que rivalizam com o «espectro» da ocupação alemã (e a ameaça americana) da Base Aérea de Beja

mirar se dissermos que o pintor nasceu na Madragoa, de mãe varina e pai homem do mar.

Que o pincel te seja fértil (e «realista»), António. Tal como

Manuel da Fonseca entende a literatura, sem complexos de idade ou de modas!...

Manuel Geraldo



António Carmo e Manuel da Fonseca, na Praça da República, em Beja

férias na praia

VÓOS ESPECIALMENTE FRETADOS

Palma de Maiorca
Ibiza * Menorca 8 e 15 DIAS
Las Palmas
Tenerife * Lanzarote

PARTIDAS: 9, 16, 23 e 30 JULHO - 6, 13, 20 e 27 AGOSTO - 3, 10 e 17 SETEMBRO

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840

abreu

ALVARO 35 - OPI RADOR TURISTICO

PEÇA NOS PROGRAMAS DETALHADOS

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341

LISBOA - Avenida da Roma, 66 B Tel. 803609

LISBOA - Estrada de Benfica, 451 - C Tel. 742180

PORTO - BRAGA - GUIMARÃES - COIMBRA - CASCAIS

ALMADA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

Na Alemanha Federal

Crimes fiscais continuam a dar escândalo político

Os partidos da maioria cristão-liberal (CDU-CSU-FDP) parecem não ter abandonado completamente a intenção de amnistiar crimes fiscais como financiamento de partidos políticos — comenta a Imprensa de Bona.

No debate realizado quinta-feira no Parlamento federal, a maioria governamental apresentou uma resolução visando, à luz do direito britânico, dar aos tribunais alemães a possibilidade de arquivar processos em fase de instrução.

A proposta, aprovada por 264 votos contra 218, apela ao governo federal para «estudar a possibilidade de ser alterado o direito penal alemão, através da inclusão da prática anglo-saxônica que dá aos tribunais o direito de arquivar processos, caso os suspeitos sejam publicamente condenados antes de terem sido submetidos a julgamento».

A oposição social-democrata (SPD) e os ecologistas (Verdes) acusam democratas-cristãos e liberais de pretenderem, desta forma, «lançar uma nova iniciativa para uma amnistia» a favor dos políticos e empresários envolvidos em alegadas irregularidades, na sequência de dadas oferecidas por empresas aos partidos políticos.

O chefe do grupo parlamentar social-democrata, Hans Juergen Vogel, apresentou uma resolução do seu partido visando «impedir para sempre» qualquer tipo de amnistia para as pessoas envolvidas em crimes daquele tipo.

A resolução foi rejeitada por 267 votos contra 208 a favor e dez abstenções.

Hans Dietrich Genscher, presidente do FDP e ministro dos Negócios Estrangeiros, recusou, porém, durante o debate, o apoio do seu partido a um novo projecto de lei de amnistia.

Uma iniciativa do governo democrata-cristão-liberal lançada há três semanas, com

aquela finalidade, fracassou por ter sido rejeitada antes da discussão parlamentar pela maioria dos deputados liberais.

Genscher defendeu, no entanto, juntamente com o chanceler Helmut Kohl e outros representantes dos partidos democratas-cristãos a necessidade de «cidadãos de boa-fé» não serem «tratados como criminosos por terem feito uso do direito de conceder e receber ajudas financeiras aos partidos políticos democráticos».

O chefe do grupo parlamentar democrata-cristão, Alfred Dregger, considerou que o escândalo se ficou a dever «ao falhanço do legislador», que preparou o quadro legal através do qual os partidos podem receber ajudas de empresas privadas, sendo-lhe garantidos «alguns benefícios fiscais».

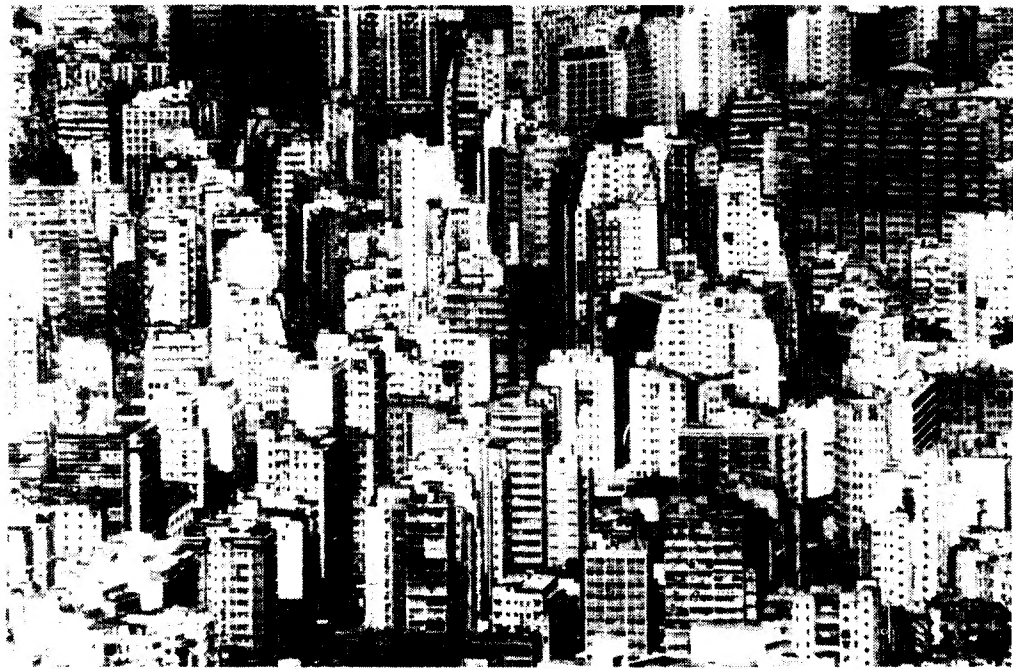
O representante dos Ecologistas, Otto Schily, acusou a coligação de ter pretendido elaborar uma legislação «privilegiando os políticos e os empresários face ao normal cidadão contribuinte».

«Se a amnistia tivesse sido aprovada, o Estado não poderia hoje perseguir mais ninguém por alegados delitos fiscais», afirmou então o chefe do grupo parlamentar social-democrata, Vogel.

A greve

Negociações para acabar com a greve dos metalúrgicos alemães federais entraram numa fase crítica sob a ameaça de mais «lock-outs» e uma paralisação quase total da indústria automobilística do país, na próxima semana.

Tanto representantes do patronato, como dos sindicatos, manifestaram vontade de chegar a um compromisso, mas não se registaram progressos nas conversações contratuais iniciadas anteontem pela primeira vez, desde o começo da greve, em 14 de Maio.



Hong-Kong cidade

“Que nacionalidade tenho?”

Cidadãos de “terceira” de Hong-Kong

Phillip Yung nasceu há 32 anos na colónia britânica de Hong Kong e sente-se chinês.

Yung, um dos cinco milhões e meio de habitantes da colónia, trabalha numa importante empresa turística, a terceira indústria do território depois da do vestuário e da electrónica, e tem passaporte britânico, mas emitido em Hong Kong.

Este último pormenor é precisamente o que impede Yung de obter a nacionalidade britânica de pleno direito e fixar residência na Grã-Bretanha, caso o deseje.

«Que nacionalidade tenho?» — interroga-se, por sua vez, quando o jornalista lhe faz a pergunta — «não sei. Estive no ano passado com a minha noiva na Europa pela primeira vez e na fronteira britânica fartaram-se de olhar para o passaporte, fizeram-nos um monte de perguntas e pediram-nos para mostrar as passagens de regresso a Hong Kong, para além de nos tratarem como forasteiros indesejáveis».

«Isto é, não sou chinês, não sou cidadão britânico, e Hong Kong não se sabe nem a quem pertence», lamenta Yung, sem se mostrar no entanto deveras preocupado com o facto.

A primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, numa das frases que costuma repetir, diz que a Grã-Bretanha «é moralmente responsável perante a população de Hong Kong».

E, contudo, em 1981, quando o Parlamento britânico aprovou as novas leis da nacionalidade, os cidadãos de Hong Kong foram considerados «de terceira», sem direito à emigração automática para o Reino Unido, apesar de serem «leais súbditos de sua majestade».

Quanto à posição de Londres,

Yung é contundente: «A Grã-Bretanha nada poderá fazer, isto não são as Falklands (Malvinas). Os chineses não necessitarão de força alguma se quiserem ocupar Hong Kong».

Basta fecharem a torneira da água e impedir a entrada de alimentos, 90 por cento dos quais provêm da China».

A população acostumou-se também a viver num dos territórios mais densamente povoados e por vezes mais hostil do mundo, do ponto de vista urbanístico.

Hong Kong tinha 600 000 habitantes em 1946 e, vinte anos depois, 3,5 milhões, graças a uma prosperidade sem paralelo no mundo, que os analistas julgam dever-se ao espírito comerciante, empreendedor e dinâmico dos seus habitantes.

A colónia cresceu exorbitantemente em altura. No bairro de Shamshuipo, de Kowloon, onde muitos milhares de lojas e restaurantes se oferecem aos turistas, encontra-se também a zona mais densamente povoada do planeta: 165 000 habitantes por quilómetro quadrado.

A princípio, a população cresceu com refugiados de Xangai e Cantão, durante a revolução comunista que culminou na China em 1949.

Mais tarde, a imigração do Vietname e da China, durante a Revolução Cultural, trouxe-lhe também a mão-de-obra barata.

Os seus habitantes parecem agora já acostumados, ou resignados, com o «governador colonial por decreto real britânico», que funciona com o apoio de um sistema consultivo sem quaisquer representantes eleitos.

Neste momento, Hong Kong tenta desesperadamente fazer-se ouvir nestas negociações

sino-britânicas e conseguir uma oportunidade para debater as conclusões. Porém, uma vez mais o seu destino está nas mãos dos negociadores britânicos.

Será talvez isso que a expressão «colónia da Coroa Britânica» caiu absolutamente em desuso, falando-se antes no «território de Hong Kong».

David Bonavia, correspondente do «The Times» em Pequim e autor do livro «Hong Kong 1977» e vários outros sobre a China, disse que a lei da nacionalidade britânica foi recebida com a resignação habitual que é apanágio dos habitantes de Hong Kong.

«Não houve enfado, nem mau humor» — afirmou Bonavia à EFE. As pessoas comentaram: «Pois bem, já se sabia, não podemos fiar-nos nos britânicos».

De um total de quase 5,5 milhões de habitantes de Hong Kong, apenas cerca de 10 000 têm cidadania britânica plena e são, na sua grande maioria, «os brancos» que governam a colónia e os seus negócios.

A possibilidade da China «recuperar a sua soberania» sobre o território não parece preocupá-los demasiado, nesta altura, a 13 anos de distância, embora no mundo dos negócios se tenham verificado alguns momentos de pânico e avultadas transferências de capitais para Singapura, Japão e Estados Unidos.

A população, de momento, parece mais preocupada em ganhar dinheiro e só de quando em vez presta atenção ao labirinto de insinuações, previsões, prognósticos e aos dados adiados acerca das decorrentes conversações secretas sino-britânicas (Anop).

Moçambique interpele

Apesar de “bandido”

Alegadas violações ao Acordo de Nkomati levaram o ministro da Defesa sul-africano a reagir violentamente contra o que classificou de «afirmações irresponsáveis» destinadas a «comprometer as relações com os Estados vizinhos».

A causa próxima da irritação do general Magnus Mallan é um artigo assinado esta semana no jornal liberal sul-africano «Rand Daily Mail» pelo seu subdirector Benjamin Progrund.

Progrund é uma das figuras mais prestigiadas do jornalismo sul-africano e esteve há duas semanas no Maputo onde conversou com diversas personalidades moçambicanas sobre os progressos verificados na implementação dos Acordos de Nkomati assinados a 16 de Março deste ano entre a RAS e a RPM.

O artigo refere que desde Nkomati continua a não haver co

Casa B mísseis

— a conselho dos se

A Casa Branca decidiu forçar à Arábia Saudita e deslocar um Marinha norte-americana para onde a situação militar se agrava.

Ronald Reagan resolveu não pôr o Congresso e fez uso do presidente dos Estados Unidos para a entrega de 200 mísseis antiaéreos de terra à Arábia Saudita. As armas «emprescípico» ser devolvidas quando terminarem no Golfo Pérsico.

Um acordo estabelecido no mesmo dia entre a Casa Branca e as autoridades de Riade vem atenuar as preocupações do governo israelita e do «lobby» pró-israelita do congresso dos Estados Unidos, que tinha manifestado reservas perante a eventualidade da entrega à Arábia Saudita de mísseis que poderiam ser utilizados pelos países árabes contra Israel.

Aliados não es a cumprir

— diz o comandante su

O comandante supremo da NATO na Europa afirmou que os Estados membros não estão a cumprir os requisitos militares da Aliança, acrescentando ser necessário um aumento anual de 7 por cento dos gastos reais para uma defesa convencional adequada.

O general norte-americano Bernard Rogers afirmou, numa violenta crítica aos governos da NATO, que «os últimos objectivos recentemente aprovados pelos ministros da Defesa não satisfazem inteiramente as necessidades actuais da NATO, apenas as mais prementes».

Esses objectivos exigiriam de cada país membro da NATO um aumento médio anual de 3,2 por cento até 1990, mas custaria mais 7 por cento/ano para se

DESDE 1840

abreu

AGORA EM:

CASCAIS

A AGÊNCIA ABREU PENSA EM SI, NA SUA COMODIDADE, E QUER SERVI-LO MELHOR. EM CASCAIS, NAS GALERIAS ESTORIL-SOL, ESPERAMOS A SUA AMÁVEL VISITA E PREFERÊNCIA.

GALERIAS ESTORIL-SOL — LOJA 3

DESDE 1840

abreu

AV. MARGINAL — CASCAIS
TELEFS. 28 08 61/2/3

EUA oferecem mediação entre Israel e o Líbano

Os Estados Unidos ofereceram-se para patrocinar novos acordos de segurança entre Israel e o Líbano — afirmou o primeiro-ministro libanês, Rashid Karami.

«O embaixador norte-americano ofereceu a mediação dos Estados Unidos entre o Líbano e Israel se as duas partes concordarem», disse Karami à rádio de Beirute.

«Os Estados Unidos preferem negociações directas, mas nós sabemos que isso não era possível», acrescentou o

primeiro-ministro libanês, que não rejeitou a ideia de acordos de segurança com Israel.

Israel invadiu o Líbano em 1982 sob pretexto de assegurar a segurança da sua fronteira Norte, e 10 000 soldados israelitas continuam a ocupar o Sul do Líbano.

Em Telavive, o ministro israelita de Defesa, Moshe Arens, disse que o Exército israelita não permanecerá «por muito tempo» no Sul do Líbano, acrescentando que só se retirará da região, quando existirem acordos que garantam a segurança dos habi-

tantes da Galileia, Norte de Israel.

Ontem, porém, foi um dia negro para Karami, que viu os deputados libaneses recusarem-se a convocar uma sessão do Parlamento que era destinada a votar a confiança ao seu governo.

Os deputados queixavam-se de falta de condições de segurança, e, como para confirmá-lo, combates com armas pesadas deflagraram ao longo da linha verde que separa milícias muçulmanas e cristãs no centro de Beirute.



a África do Sul:

a assinatura do acordo de Nkomati "brancos" mantêm-se activos

idências de que tenha dimi-
do a actividade dos «bandi-
tas armados», designação mo-
çambicana para os elementos do
NR, força desestabilizadora
criada pela África do Sul.

Progrund cita fontes gover-
namentais moçambicanas que
terão afirmado haver evin-
cias de que elementos do
NR atravessaram a fronteira
da África do Sul na segunda me-
do mês de Abril do mesmo
do que 2 carregamentos de
mas e munições terão sido
descarregados no mesmo pe-
do por via marítima a Norte do
to da Beira.

A fonte moçambicana citada
lo «Rand Daily Mail» faz ques-
to em salientar que existe da
te do Governo sul-africano
a vontade e uma verdadeira
enção de respeitar os termos
Acordo de Nkomati. Contudo,
verá «certos elementos» que
ntinuam aparentemente a

apostar no apoio ao MNR assim
como o fazem em relação a ele-
mentos desestabilizadores do
Lesotho e em relação à UNITA
em Angola.

Especialistas da África Austral
atribuem a fama de controle da
parte sul-africana à complexa
máquina de segurança e aparato
de inteligência e contra-inteli-
gência militar com diferentes
temperaturas e sensibilidades
no seu interior, dificultando a ac-
tuação do Governo formalmente
responsável pelo cumprimento
dos acordos.

Por outro lado, não deixa de
levantar interrogações a cortina
de silêncio imposta ao desen-
volvimento do processo ten-
dente a eliminar os focos de de-
sestabilização contra Moçambi-
que no interior da África do Sul.

Oficialmente para as autorida-
des de Pretória o MNR nada tem
a ver com a África do Sul. Con-
tudo, é facto comumente

aceite pelos próprios sul-africa-
nos, pelo que a ausência de in-
formações respeitante à desarti-
culação de campos de treino e
aos próprios elementos não
deixa de levantar suspeições e
alguma desconfiança.

Há duas semanas, Jacinto Ve-
loso, o ministro moçambicano
para os Assuntos Económicos,
referenciava a existência de «al-
guns problemas» isto após ter
entregue uma mensagem do
presidente Samora Machel ao
primeiro-ministro P. W. Botha e
imediatamente a seguir à 3.^a
reunião da Comissão Conjunta
de Segurança RSA-RPM.

O artigo publicado no «Rand
Daily Mail» teve o condão de
despoletar uma reacção pública
por parte das autoridades sul-
africanas, depois de um ou
quase «blackout» imposto a par-
tir de Pretória sobre insistentes
rumores circulando a partir de
Maputo respeitantes a violações
do Acordo de Nkomati.

Com efeito, quer a Imprensa
sul-africana e mesmo agências
noticiosas internacionais ignora-
ram dúvidas apresentadas a
partir de Maputo em relação ao
acordo, do mesmo modo que si-
lenciavam os categóricos des-
mentidos de Moçambique sobre
um pretendo envolvimento do
ANC sul-africano com o MNR,
alegação feita pelo próprio mi-
nistro dos Exteriores, Pik Botha,
durante uma sessão do Parla-
mento em Campe Town.

«O «RDM» forçou Magnus
Mallan a vir a público dizer que o
seu Governo seguirá à risca os
termos do acordo assinado, do
mesmo modo que formalmente
expressava o compromisso das
forças de defesa em lutar acti-
vamente pela paz.

Magnus Mallan sugere que os
problemas existentes sejam dis-
cutidos através dos canais
apropriados, ou seja, a comissão
conjunta estabelecida entre os
dois países.



O ditador do Haiti, Jean Claude Duvalier

Repressão no Haiti

A cidade haitiana de Gonaives
continua isolada por soldados e
pela Polícia, depois dos distúr-
bios provocados pela morte de
uma mulher terem causado um
número indeterminado de mor-
tos — disseram testemunhas ci-
tadas pela agência NP.

As ruas de Gonaives, a quinta
cidade do país, a 120 quilôme-
tros da capital do Haiti estão a
ser patrulhadas por soldados e
polícia, que não permitem a en-
trada de jornalistas. Os órgãos
de informação, por seu lado, não
fazem referências aos distúr-
bios. No Haiti de Jean Claude
Duvalier a censura é uma insti-
tuição protegida pelo Estado.

Habitantes da cidade dissem
que houve «numerosas deten-
ções e vários mortos» em
consequência do que foi descrito
como o primeiro protesto sério
contra o regime de Jean Claude,
com pessoas a gritarem «abaixo
a fome, abaixo a miséria, abaixo
Duvalier».

Os distúrbios iniciaram-se
como reacção espontânea ao
espancamento de uma mulher
pela polícia, num bairro de lata
de Gonaives. A mulher acabou
no hospital.

Um habitante disse que o inci-
dente teve lugar na segunda-
feira, e, desde então, têm-se
verificado distúrbios diaria-
mente.

«A população dirigiu-se à casa
do polícia e destruiu-a. Apede-
jou a polícia. Depois tentou as-
saltar o quartel do Exército. Foi aí
que algumas pessoas foram
mortas» — disse outro habitante.

«Toda a cidade está em pé de
guerra e nós continuamos com
fome. As pessoas continuam a
comer cães e macacos» — dizem
outros habitantes.

Gonaives é a cidade onde, em
1804, foi proclamada a independência do Haiti, um dos países
mais pobres do mundo, e onde
os ricos são mais ricos.

ranca vai “emprestar” à Arábia Saudita

serviços secretos

ecer mísseis antiaéreos
segundo porta-aviões da
zona do Golfo Pérsico,
nas últimas 24 horas.
ão esperar pela autoriza-
ões poderes especiais do
para enviar, de emergên-
po «Stinger» para a Ará-
adas» deverão, em prin-
iminar o estado de alerta

O Pentágono informou também
ue o porta-aviões «América»,
ue se encontrava em águas es-
panholas, perto de Málaga, tinha
cebido ordem para se dirigir
ara a zona próxima da entrada
o Golfo Pérsico para se juntar ao
porta-aviões Kitty Hawk.

serviços secretos

A Casa Branca informou hoje o
ngresso dos Estados Unidos

da existência de um plano ira-
niano para ampliar a guerra do
Golfo a partir de 1 de Junho —
revelaram hoje parlamentares
norte-americanos.

Os congressistas afirmaram
que informações obtidas pelos
serviços secretos norte-america-
nos relativas a bombardeamen-
tos iranianos contra os poços
petrolíferos sauditas, foram utili-
zadas pela Casa Branca para
convencer o congresso da neces-
sidade de autorizar a venda de
1200 mísseis «Stinger» à Arábia
Saudita.

O congresso aprovou o envio
de duzentos mísseis, adiando
para mais tarde a venda dos
outros mil.

O presidente da Câmara dos
Representantes, o democrata
Thomas O'Neill declarou, depois

de uma entrevista com o secretá-
rio de Estado, George Shultz,
estar convencido de que o Irão
prepara uma ofensiva e que «ha-
verá uma escalada na guerra do
Golfo Pérsico depois de 1 de
Junho».

Síria

Coincidindo com o ataque ira-
quiano a seis navios no norte do
Golfo Pérsico, a Síria reafirmou
hoje o seu apoio ao Irão na guerra
contra o Iraque.

O regime de Damasco argu-
menta, através do seu órgão ofi-
cial Tishrin que o seu apoio ao
Irão se deve ao facto de o Iraque
ter «embarcado numa aventura
louca em contradição com os in-
teresses árabes e islâmicos e que
só serve os interesses norte-
americano-sionistas.

A Síria e a Líbia são os únicos
países árabes que apoiam o Irão
na guerra que opõe este país ao
Iraque há três anos e meio.

Recentemente, o vice-presi-
dente sírio, Abdel Halim Kaddam,
serviu de mediador junto das au-
toridades iranianas para pôr fim
à escalada do conflito que colo-
cou a guerra do Golfo em perigo
de internacionalização.

O ataque iraquiano a seis na-
vios na entrada do Golfo Pérsico,
numa acção combinada da Mari-
nha e da aviação, fez subir para
19 o número de barcos atacados
na zona no último mês.

Destes 19 navios, 15 sofreram
ataques iranianos e quatro, ira-
nianos.

Com estes ataques contra na-
vios internacionais no Golfo, o Ira-
que propõe-se bloquear o tráfego
marítimo com o Irão.

Tensão na Bolívia

Militares em “estado de alerta”

As Forças Armadas bolivianas
vêm com preocupação a agudi-
zação da crise política, social e
económica que afecta o país —
declarou o comandante supremo
das Forças Armadas, general
Alfredo Villarroel.

Villarroel disse numa cerimô-
nia pública que as provocações
às Forças Armadas por parte de
grupos «terroristas» colocaram
em estado de alerta os militares,
que «estão dispostos a manter a
paz e a tranquilidade na Bolívia
contra a anarquia».

Sublinhou que no seio da insti-
tuição militar «existe uma onda
de preocupação pela existência
de grupos que em democracia
provocam a desordem e não
respeitam as leis» e acusou
concretamente os sindicatos e
os partidos políticos «extremis-
tas» de deteriorarem a consoli-
dação do processo constituio-
nal.

Acrescentou que as Forças
Armadas estão conscientes de
que sem lei não pode existir um
Estado de direito e instou os bo-
livianos a esforçarem-se por, em
conjunto, enfrentarem a crise.

De acordo com as declara-
ções do chefe das Forças Arma-
das bolivianas, foram os milita-
res que fomentaram a entrada
em vigor de um regime democrá-
tico, ao convocarem e dirigirem
as eleições gerais de 1978, 1979
e 1980.

Villarroel disse que desde o
mês de Outubro de 1982,
quando o governo democrático
de Siles Suazo iniciou o man-
dato, os militares regressaram
aos quartéis e «deixaram aos
políticos a missão de governar».

Os quartéis bolivianos recebe-
ram anteaument instruções para
dispararem contra todos os sus-
peitos que rondarem as instala-

ções militares, para impedir
novos atentados terroristas se-
melhantes ao efectuado esta
semana contra o Tribunal Militar
de Justiça, que custou a vida a
um soldado da guarda do edifi-
cio, situado a pouca distância do
palácio presidencial.

O presidente do Tribunal de
Justiça Militar, general Lorgio
Justiano, considerou que o aten-
tado «culminou todas as intimi-
dações e ameaças de que são
alvo os funcionários desta insti-
tuição militar» que actualmente
julga um grupo de bolivianos e
chilenos acusados de pertencer
à guerrilha.

Por seu turno, o comandante
supremo do Exército, general
Simon Sejas, assegurou que
existe completa tranquilidade em
todos os quartéis e afastou a
possibilidade de os militares es-
tarem interessados em desen-
cadenar um golpe de Estado.

URSS protesta contra celebrações militaristas no Japão

A União Soviética protestou
oficialmente contra a celebração
no Japão da «grande vitória da
Armada japonesa na guerra
contra a Rússia» em 1905, que
considerou «um acto de hostili-
dade em relação a um país vizi-
nho amigo».

Numa nota do Ministério dos
Negócios Estrangeiros entregue
ao embaixador do Japão em
Moscou, as autoridades sovié-
ticas advertem Tóquio de que ti-
rarão «as conclusões adequa-
das» desta iniciativa que classifi-
cam de «provocação».

As comemorações incluem um
desfile naval em Kagoshima com
participação de dois navios de
guerra e um porta-aviões japo-
nês, dois barcos da Sétima
Esquadra dos Estados Unidos,
duas patrulhas britânicas e um
«destroyer» francês.

De acordo com Tóquio, o des-
file naval comemorativo do quin-
quagésimo aniversário da morte
do comandante da frota nipónica
na guerra de 1905 contra a Rús-
sia e do octogésimo aniversário
(antecipado um ano) deste con-
flito, é promovido por «empresas
privadas» e não conta com o pa-
trocinio governamental.

No entanto, Moscovo não
aceita esta explicação salien-
tando a participação nas «co-
memorações» de representan-
tes oficiais japoneses e de na-

vios de guerra e aviões das for-
ças japonesas. Pergunta Mos-
covo: «Como se explica que or-
ganizações privadas disponham
de navios da Armada japonesa».

Moscovo comenta que «há
muitas ambiguidades nestes
actos e é mais do que evidente
que o Governo do Japão aprova
e apoia essa ostentação da força
militar».

«No Japão contemporâneo —
prossegue a nota — semelhantes
factos tornaram-se possíveis
devido ao facto de determinados
círculos, incluindo o Governo, se
empenharem na implantação de
ânimos chauvinistas e revan-
chistas no país».

O protesto soviético adverte
que as acções do Japão têm um
carácter hostil para com a URSS
e que Moscovo «avisou mais de
uma vez Tóquio de que as rela-
ções bilaterais não se avaliam
apenas pelas palavras mas tam-
bém pelos actos, que são con-
trários às afirmações de Tóquio
de que deseja desenvolver e me-
lhorar as relações nipo-soviéti-
cas».

A guerra naval entre a Rússia
cazista e o império japonês em
1905 terminou com a tomada,
pelos japoneses, da zona Sul da
ilha de Sacalina e das ilhas Keni-
lhas, territórios mais tarde recu-
perados pela União Soviética e
que agora Tóquio reclama a
Moscovo.

tão

premo da NATO

ntar com garantias razoáveis
frustrar um ataque convencio-
à Aliança Ocidental.

«A única conclusão que po-
mos tirar disto é que vamos na
recção errada», declarou Ro-
ers a um «forum» patrocinado
o Centro de Estudos Políticos
uropeus, em Bruxelas.

«Se fosse atacada convencio-
namente, a NATO seria hoje for-
da a tomar rapidamente a difi-
cissão de ripostar com
mas nucleares. Hipotecamos a
essa defesa à resposta nuce-
», afirmou.

«Um dos resultados desta si-
ação é a consciência cada vez
aior do público nos países
mbros da NATO de que a es-
tégia defensiva do Ocidente
nvia ao conflito nuclear»,
sse o general.



sismet

SISTEMA DE METEOROLOGIA E INFORMATICA
DEPARTAMENTO DE RECURSOS HUMANOS
R. SANCHES (DE) 101 90 TEL 76/941 1600 LISBOA

SELECIONA

PARA CÂMARA MUNICIPAL DE GRÂNDOLA

• **ECONOMISTA** — Ref.º 46/002 DL
Para funções de assessoria ao Executivo na gestão económico-financeira.

• **ENGENHEIRO AGRÓNOMO**

Para dar apoio às actividades de ajardinamento, arborização e análise de projectos agrícolas.

CONDIÇÕES:

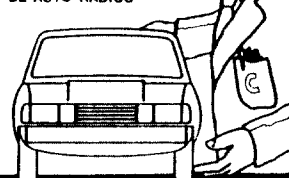
- Vencimento e regalias sociais em vigor na Função Pública.
- Contrato de 6 meses, com possibilidade de posterior ingresso no quadro.

Envie a sua resposta pormenorizada no prazo de 10 dias, para o Departamento de Recursos Humanos da SISMET, indicando a referência.

Auto-Rádios e Anti-Roubo Philips

Cetra

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, S.A.R.L.
CONCESSIONÁRIO PHILIPS
PARA INSTALAÇÃO DE AUTO-RÁDIOS



R. Cidade de Bolama, 1-B - R. Cidade de Bissau, Olivais Sul - 1800 LISBOA
Telefs.: 33 10 22 - 3172 73 - 33 31 07

Se conduzir não beba



ACTUALIZAÇÃO DO RESENSEAMENTO ELEITORAL

2 a 31 de Maio

Se ainda não está inscrito no recenseamento, se é maior de 18 anos ou se os completa até 31 de Maio,

INSCREVA-SE

Se já está inscrito no recenseamento mas mudou de residência para outra freguesia,

TRANSFIRA A SUA INSCRIÇÃO

Dirija-se para o efeito à Comissão Recenseadora da freguesia onde reside.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE SINTRA

Proc. 298/82 CP
2.ª Secção

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que no dia 4 de Junho de 1984 pelas 14 horas, neste Tribunal do Trabalho de Sintra, 2.ª Secção e nos Autos de Carta Precatória para arrematação em hasta pública, vindos do Tribunal do Trabalho de Lisboa-12.ª Juízo-1.ª Secção, extraída dos Autos de Execução de Acordo em que é Exequente Otilio Nobre Colaço Guesreiro e Executada Loturba — Sociedade de Lotamentos e Urbanizações, Lda., com sede na Av.ª Santos Dumond, n.º 53-4 em Lisboa, há-de ser postos em praça pela terceira vez, para ser arrematado por qualquer valor, o seguinte bem penhorado àquela executada.

BEM A ARREMATAR

Um terreno de montado, descrito na 1.ª Conservatória do Registo Predial de Sintra, sob o n.º 17 872 Livro B-44, com a transmissão registada a favor da executada acima identificada, pela inscrição n.º 59 687 do Livro C-69 e inscrito na matriz cadastral respectiva sob o art.º 46 Secção BB.

Sintra, 17 de Maio de 1984

O Juiz de Direito,
a) Álvaro Poppe Lopes Cardoso

A Escriutaria
a) Maria Fernanda Alves Fernandes Pinto

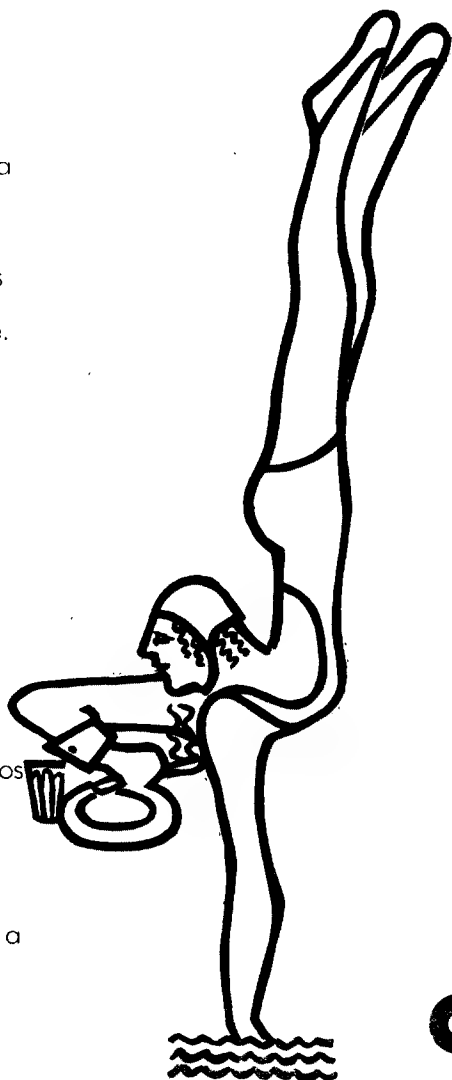
LISBOA E ALGARVE MAIS PRÓXIMOS

Dois novos comboios directos diários!

A partir de 3 de Junho próximo, a CP põe à sua disposição novos e melhores serviços diários entre Lisboa e o Algarve.

Trata-se de 2 novos comboios directos com reserva de lugar, ao mesmo preço dos comboios normais, e mais rápidos do que estes em 40 minutos.

Por outro lado, os horários do comboio rápido Sotavento foram reformulados, por forma a torná-lo ainda mais funcional e acessível.



Dê um mergulho no Algarve.
Ou venha almoçar a Lisboa.
De comboio, claro.

Armazéns de Móveis BEIRA RIO de António Carloto

Móveis em todos os estilos



Para vosso interesse consultem os nossos preços

VENDAS:

Rua Miguel Bombarda, N.º 1, 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 e 45

Tel 2072448
BARREIRO

BATAS PROFISSIONAIS

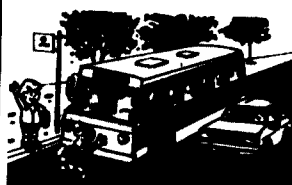
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeções
Av. João XXI, 5-D - 1000 (Metro Areeiro) - R. Infantina 16, 55-C - 1300 LISBOA

POUPE COMBUSTÍVEL
Não faça manobras desnecessárias.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

AOS CONDUTORES



Junta dos transportes de transportes públicos, através a motor, para a qualquer momento pode obter uma licença a qualquer tempo para todo o tempo de validade da licença.

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

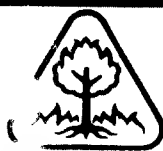


concurso



Nome _____ Idade _____ Tel: _____
Mor: _____ Profissão _____
Tem Televisor? _____ N.º Licença _____
Acompanhante _____ Idade _____
Profissão _____

Cupao a enviar colado em bilhete-postal para Concurso «1-2-3», Apartado 4315 — 1507 Lisboa Codex



NÃO FAÇA LUME

PROTEJA AS FLORESTAS

As florestas são uma riqueza nacional.

Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.



Metalúrgicos em Congresso concluem pela necessidade de continuar a lutar

«A luta vai prosseguir com firmeza para consumir a derrota do actual Governo e para a criação de uma alternativa democrática que respeite a Constituição e as conquistas de Abril» — afirmou Torrinha Paulo, coordenador da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas, no decurso dos trabalhos do 3.º Congresso desta organização sindical, que decorre desde ontem no pavilhão do Sacavenense e se prolonga até amanhã.

Os cerca de 500 delegados presentes ao Congresso interromperam, ao fim da tarde de ontem, os trabalhos para uma acção de rua junto da estação de Sacavém dos caminhos-de-ferro.

O Congresso foi aberto cerca das 15 horas, por Carlos Carvalho, membro do Secretariado da Federação e do Conselho Nacional da CGTP-IN, tendo-se seguido a discussão do Programa de Acção.

A preparação deste Congresso começou em Janeiro e

foram apresentadas 109 propostas de alteração, das quais apenas nove foram aceites. Hoje e amanhã, os delegados eleitos pelos trabalhadores da indústria naval, siderúrgica, metalúrgica, minas e relojaria vão culminar esse trabalho de debate, elegendo, também amanhã, os 52 novos dirigentes. Na sessão de encerramento intervirá José Luís Judas, membro da Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-IN.

Como convidados, participam no Congresso dirigentes

sindicais da CGTP, uniões distritais, federações, sindicatos, coordenadoras de comissões de trabalhadores, comissões intersindicais, associações de deficientes e o MURPI, para além de outras organizações.

«Valeu a pena lutar»

Na sua comunicação, Torrinha Paulo considerou que a situação política e social se caracterizou desde a data da realização do último Congresso, em Dezembro de 1981, pelo «prosseguimento da ofensiva reaccionária, antipatriótica e de recuperação capitalista» dos sucessivos governos de direita e pela «luta firme e corajosa desenvolvida pelos trabalhadores e pelo Povo português».

Não obstante, sublinhou, obtiveram entretanto **importantes vitórias que permiti-**

tem concluir que valeu a pena lutar. E daí a necessidade de prosseguir essa luta para a concretização dos objectivos definidos pelo movimento sindical unitário e que consistem na exigência de «um novo Governo e uma nova política».

Os congressistas aprovaram por unanimidade o Regulamento de funcionamento do Congresso, e por maioria os estatutos, que consagram novos órgãos da FSMMM.

O secretariado, de 30 membros, foi substituído por um conselho nacional de 41 membros efectivos e 11 suplentes, segundo informadores da Federação, que anunciaram a criação de uma comissão executiva do Conselho Nacional.

Entretanto, uma proposta aprovada no início da apresentação e discussão do programa de acção, para a antecipação do final dos trabalhos,

levou à realização de um desfile dos delegados do Congresso em protesto contra o recente aumento dos preços decidido pelo Governo.

Na estação ferroviária foram distribuídos panfletos à população, apelando para uma participação na jornada de luta que a CGTP-IN realiza no dia 2 de Junho.

Integrado na realização do Congresso, vai realizar-se hoje, às 21 horas, no Rossio, em Lisboa, um espectáculo que integra grande número de artistas.

A Federação dos Metalúrgicos, segundo um documento por ela própria emitido, é «uma das estruturas sindicais mais importantes e significativas da CGTP-IN, representativa de cerca de 200 mil trabalhadores dos subsectores da siderurgia e metalurgia de base, metalomecânica ligeira e pesada e de automóvel, naval e mineira».

Sem verbas

I.T. da Covilhã impedida de actuar

A delegação da Inspeção de Trabalho da Covilhã encontra-se sem meios de transporte para exercer a sua actividade devido ao esgotamento de verbas para combustível — denunciou um sindicato.

O Sindicato dos Trabalhadores de Escritório e Comércio do distrito de Castelo Branco revelou que se encontra paralisada a totalidade dos motoristas e automóveis da Inspeção, de âmbito distrital, por carência de meios financeiros.

O sindicato deu a conhecer a situação em telegramas enviados ao Presidente da República, Primeiro-Ministro, ministro do Trabalho e secretário de Estado do Trabalho.

Comissão imposta entrou na Mútua dos Pescadores

Trabalhadores consideram «abusiva» a intervenção governamental

A Comissão Administrativa da Mútua dos Pescadores, recentemente nomeada pelo Governo, logrou entrar nas instalações ontem à tarde com o apoio de uma força policial.

A Comissão Administrativa, como ontem noticiámos, apresentara-se durante a manhã, para ocupar os seus postos de trabalho, mas deparou-se-lhe a situação de simultaneamente se terem apresentado os corpos gerentes da Mútua, oficialmente demitidos pelo Governo.

À tarde, a presença de uma força policial permitiu a entrada da Comissão Administrativa, cujo primeiro acto foi um encontro com os dirigentes sindicais e numerosos outros trabalhadores que ali se encontravam.

Os jornalistas que se deslocaram ao local foram impedidos de entrar pelas forças de segurança enquanto trabalhadores do mar afirmam esperar «grandes manifestações nacionais de pescadores de todo o País», como repúdio pela intervenção governamental na Mútua, acção que consideram «abusiva».

Entretanto os legítimos dirigentes da Mútua dos Pescadores expressaram à Comissão Administrativa imposta a sua determinação de lutar até que o Governo recue e aceite a legalidade dos seus corpos gerentes eleitos no passado dia 6.

Os representantes dos pescadores afirmaram que «a menos que sejamos contestados judicialmente, o Governo tem a obrigação de nos deixar resolver os nossos problemas e eventuais diferendos pelas vias estatutárias e legais».

O Sindicato dos Pescadores divulgou um comunicado em que afirma que a medida governamental «vem na sequência de uma lista B, afecta ao Governo e à UGT, ver que não conseguia ganhar as eleições para a direcção nacional da Mútua, apesar de todas as manobras, desde subornos a chantagens, que utilizou».

«Tudo indica — acrescenta — que o Governo quer a qualquer preço voltar aos tempos das Casas dos Pescadores e do Povo, salazarentas e tenreiristas, de tão triste memória, e instrumentalizar a Mútua em seu proveito.»

Rui Amaral em África

‘Esperança de voltar com acordos’ no domínio da formação profissional

O secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional, Rui Amaral, que ontem partiu do Porto para uma visita oficial a três países africanos de expressão portuguesa (Angola, S. Tomé e Moçambique) manifestou a esperança de «regressar desta viagem com três acordos de cooperação a estabelecer com esses países, no domínio da formação profissional».

Rui Amaral afirmou que no campo da formação profissional e emprego «há uma grande receptividade dos países africanos à cooperação com Portugal».

Atribuiu esta situação a duas razões fundamentais, a identidade da língua e a circunstância de Portugal dispor de tecnologias «não muito exigentes e muito próximas das necessidades actuais daqueles países».

Recordou que houve já iniciativas de Governos anteriores substanciadas em acções pontuais de cooperação que assentam em duas linhas de orientação — alargar o âmbito da cooperação ao Brasil e associar a OIT a este processo.

No ano transacto efectuou-se em Lisboa uma reunião de ministros do Trabalho e Emprego dos vários países envolvidos nesta cooperação, na qual ficou preparado um acordo de cooperação entre a OIT e Portugal, visando a coordenação destas iniciativas.

Definir os programas

O actual Governo português ratificou esse acordo com a OIT e numa visita que, em Dezembro

último o ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo e o secretário de Estado, Rui Amaral fizeram à OIT, assentou-se na constituição de uma comissão mista e no início dos seus trabalhos.

Esta comissão mista — disse Rui Amaral — vai reunir-se pela primeira vez em Genebra no dia 4 de Junho.

Acrescentou que já se acertaram com os países de um plano a elaborar, visando a cooperação na formação profissional e de emprego, e a desenvolver ao longo dos próximos três anos.

Este plano compreende acções de formação, por técnicos portugueses, de monitores desses países e de estágios, em Portugal, destinados à formação dos mesmos monitores.

Numa reunião realizada em Fe-

vereiro em Brasília, ficou assente que o secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional se deslocaria às capitais dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa.

Estas deslocações têm em vista definir com cada um desses países, até ao fim do ano em curso, as formas específicas dos programas de acção a desenvolver.

Rui Amaral deslocou-se no ano passado a Cabo Verde e à Guiné-Bissau, onde celebrou com os respectivos Governos acordos de programas comuns para os próximos três anos.

Uma comissão técnica portuguesa está presentemente na Praia e estagiará brevemente na Guiné-Bissau, no âmbito dos acordos celebrados com estes dois países.

Horários do comércio

Sindicatos de Coimbra e Braga condenam liberalização

O Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços de Coimbra, na sequência de idênticas tomadas de posição de diversas estruturas do sector, **condenou** a possível liberalização dos horários dos estabelecimentos comerciais no concelho.

Em comunicado, o Sindicato responsabiliza a Câmara Municipal de Coimbra pelas consequências que tal eventualidade poderia acarretar para os trabalhadores e para as pequenas e médias

empresas comerciais.

O Sindicato defende a necessidade de os chamados centros comerciais **respeitarem o horário do restante comércio do ramo** e sublinha que «a semana inglesa e o princípio da paridade sectorial do tempo de exploração correspondem ao sentir mais profundo dos trabalhadores e dos pequenos e médios comerciantes».

Um decreto-lei publicado em Novembro de 1983 fixa um prazo de 180 dias para que as Câmaras

Municipais tomem posição sobre os horários dos estabelecimentos comerciais nos respectivos concelhos sem o que estes poderão funcionar das seis às 24 horas todos os dias, incluindo domingos e feriados.

Também a Associação Comercial e o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio de Braga **discordaram** da decisão camarária respeitante aos períodos de abertura e encerramento dos estabelecimentos comerciais.

Um comunicado subscrito pelas duas organizações considera «uma arbitrariedade» a decisão da Câmara manter o edital estipulando a existência de horários diferentes nos estabelecimentos dos mesmos ramos de actividade consoante se situem ou não em comerciais».

«O princípio legal é no sentido da igualdade de abertura e encerramento dos estabelecimentos de cada um dos ramos de actividade» — refere o documento.

Ponta Delgada

SITAVA contra as normas que envolvem o encerramento nocturno do aeroporto

O Sindicato dos Aeroportos e Navegação Aérea (SITAVA) anunciou a realização de greves em Junho destinadas a obrigar a ANA a discutir as condições do encerramento nocturno do aeroporto de Ponta Delgada, Açores.

Em conferência de Imprensa em Ponta Delgada, o SITAVA disse que a administração da Empresa Pública de Aeroportos e Navegação Aérea pretende encerrar o aeroporto de Ponta Delgada a partir de 1 de Julho entre as sete e as 22 horas.

O porta-voz sindical disse que os trabalhadores não se opõem ao encerramento nocturno do aeroporto, embora o considerem «um mau acto de gestão», opondo-se sim às normas que orientarão o prolongamento e antecipação do horário de funcionamento da estrutura.

As normas que a ANA pretende impor aos cerca de 150

trabalhadores do aeroporto poderão significar que os trabalhadores sejam convocados a qualquer hora da noite sem qualquer contrapartida — disse o dirigente sindical.

Adiantou que nos termos das normas de encerramento, nocturno pretendidas pela entidade patronal o aeroporto poderá ser aberto por solicitação, 24 horas antes, das transportadoras aéreas nacional e regional.

Para obrigar a administração a negociar com os trabalhadores, o SITAVA, anunciou duas greves de 12 horas entre 1 e 25 de Junho e uma paralisação de 24 horas para depois.

Se essas formas de luta não surtirem efeito o SITAVA encara a convocação de uma greve às horas extraordinárias a partir de 1 de Julho, dia em que entrará em vigor o encerramento nocturno do aeroporto.

Novos aumentos tornam a vida “mais penosa” para os madeirenses

— afirma o sindicato local da hotelaria

O Sindicato da Hotelaria e Similares da Madeira considerou que a subida de vários produtos e serviços essenciais recentemente decretada pelo Governo central constitui «mais uma forte machadada nas condições de vida dos portugueses».

Em comunicado, aquela estru-

tura sindical refere que «tais aumentos que na maior parte dos casos se farão sentir a muito curto prazo também na região, irão provocar mais subidas noutros artigos e domínios, o que é motivo para redobradas preocupações, dadas as circunstâncias dos salários aumentarem em

percentagens menores.

O facto incontestável da inflação na Madeira será largamente superior à verificada no Continente torna ainda mais penoso o dia a dia dos habitantes desta região e mais sombrio o seu futuro» — salienta o comunicado.

No tocante às tarifas aéreas o

Sindicato da Hotelaria da Madeira considera que o avião é o único meio de transporte que os madeirenses dispõem para sair e regressar e adianta que «era já tempo de ser assegurado um mínimo de estabilidade duradoura no seu preço».



DESPORTO

“Milagre” pôs Santos à frente

VEISEU (Do nosso enviado especial Augusto Vilela) — O líder incontestado da prova desde o seu início nas estradas de Sintra, Joaquim Moutinho, acabou inesperadamente por ceder o primeiro lugar ao seu grande rival Joaquim Santos, quando na segunda passagem pelo Colmeal, última classificativa antes da neutralização em

Viseu, ficou sem pressão de óleo no motor e foi obrigado a desistir. Comandava nessa altura a prova com uma vantagem de 1 minuto e 47 segundos. Joaquim Santos recebeu este primeiro lugar numa situação ainda mais confortável visto o concorrente mais próximo dele, Carlos Bica, estar a mais de 3 minutos.

A nossa equipa de reportagem viaja com lubrificantes GALP GALAXIA

Foi um volte-face com que ninguém contava, tanto mais que Joaquim Moutinho, pela facilidade com que tinha ganho tempo desde o início da prova, estava a correr com uma boa margem de segurança e a pressão que o seu adversário naturalmente lhe fazia ainda não se tinha feito sentir de modo a causar-lhe inquietações.

O piloto da «Diabolique» foi de qualquer modo premiado pelo esforço e perseverança que sempre caracterizaram as suas participações. Mesmo sabendo que em condições normais não dispõe de uma máquina que lhe permita bater-se em igualdade, do ponto de vista mecânico, com Joaquim Moutinho, Santos nunca baixou os braços e, mesmo quando perde, tem valorizado as vitórias do piloto da Renault/Galp.

Esta prova parece demonstrar mais uma vez que na competição automóvel nada é completamente evidente e até aos últimos metros de uma prova torna-se sem-

pre arriscado fazer prognósticos. Foi o que aconteceu mais uma vez?

Moutinho melhor que Santos? Santos melhor que Moutinho?

Há quem faça estas perguntas mas a questão não é exactamente essa. Trata-se de dois excelentes pilotos, ambos com raras qualidades humanas e inegável talento. Eles são francamente fora de série para o nosso meio. Só que um tem um carro extremamente competitivo e actual, enquanto o outro dispõe de um carro que fez época, tem um palmarés invejável, mas hoje se encontra completamente ultrapassado, incapaz de fazer frente ao Renault-5-Turbo. Apesar disso, bate-se com enorme desportivismo, o que é muitas vezes premiado, como aconteceu agora.

O percurso de Lisboa até à segunda passagem do Colmeal foi a história da luta possível entre Joaquim Santos e Joaquim Moutinho e de um despique entusiástico para a luta pelo segundo lugar, que tinham como protagonistas, José Miguel e Carlos Bica.

Anulada a prova de classificação que estava prevista para a Quinta do Gualdim em Santarém, a 1.ª classificativa da 2.ª etapa disputou-se em Fungalvaz numa extensão de 10,5 quilómetros, um troço misto de terra e alcatrão que proporcionou a vitória a Joaquim Santos, enquanto Joaquim Moutinho se classificaria em 4.º lugar com mais 9 segundos que o vencedor e atrás mesmo de José Miguel e Carlos Bica.

Mas, na Candosa, Moutinho voltou de novo a impor-se ganhando 4 segundos ao longo dos 6,7 quilómetros deste troço. O mesmo sucederia no Colmeal, o sítio onde o então líder viria a deixar todas as suas esperanças. Tratava-se de uma classificativa com 25 quilómetros, que apresenta uma descida longa e de forte inclinação, seguida de uma zona de asfalto muito si-

nuosa e uma subida em terra, com uma parte final em piso de macadame com ganchos espectaculares.

Na 2.ª passagem pela Candosa, Moutinho ganhou mais 8 segundos enquanto prosseguia segundo a segundo, a luta entre José Miguel e Carlos Bica, que acabaria por se resolver a favor deste último.

Nada fazia prever que Joaquim Moutinho viesse a abandonar, pois naquele momento não havia notícia de que o piloto se tivesse queixado de qualquer anormalidade com o carro. Foi por isso, com um certo sabor de inesperado, que Joaquim Santos e Miguel de Oliveira se viram no comando.

Mas isto não lhes deu especial euforia. O co-piloto do novo líder sublinhou à chegada a Viseu o intuito de procurar ganhar a prova mas ao mesmo tempo recordou, por outro lado, que em 4 anos estiveram outras tantas vezes no comando da volta sem nunca terem conseguido ganhar.

Até agora o carro desta equipa está em perfeitas condições e apto para chegar a Lisboa. Mas se as esperanças não lhes fal-

tam, prudência também não.

«Já ficou demonstrado — disse Miguel de Oliveira — que Joaquim Moutinho é mais rápido do que nós, pelo que considero o facto de termos andado em segundo lugar perfeitamente normal. Quando vimos o Renault parado no troço do Colmeal não sabíamos se era apenas um furo ou uma questão mais grave. Mais tarde viemos a saber que se tratava de algo no motor, e se isso nos pode facilitar a vitória há que reconhecer que falta ainda bastante para correr».

Miguel de Oliveira, está agora, porém, mais optimista quanto à possibilidade de vencer o campeonato pois, recordou, se ganharem a volta ficarão apenas a 7 pontos de Moutinho, considerados apenas 4 resultados, «o que nos irá levar a encarar de outra forma o futuro e a pensar na hipótese de arranjarmos um carro mais competitivo, para além de passarmos a preparar de uma forma mais apurada as próximas participações».

Figuras em destaque são neste momento, embora sem surpresas, Jorge Ortigão e Manuel de Melo Breyner. Ortigão comanda o grupo A bastante à vontade, diremos mesmo que sem adversários a preocupá-lo o que lhe tem permitido andar num ritmo moderado. Manuel de Melo Breyner é um líder também des- preocupado no grupo N e pelo mesmo intrometer-se no meio do

grupo A, embora não imprima andamentos que o façam correr riscos demasiados.

Um acidente lamentável colocou fora de prova o concorrente Faye Marinho. Cerca de 500 metros antes da Candosa, o seu carro despiçou-se por um precipício num troço de ligação.

O piloto, que não levava na altura o capacete nem tinha o cinto de segurança apertado, foi projectado e sofreu diversos traumatismos com maior gravidade na região torácica.

Foi imediatamente transportado para o Hospital da Universidade de Coimbra onde se encontra internado com diagnóstico reservado.

Em consequência deste acidente, a prova sofreu um atraso de 37 minutos que seria recuperado em Viseu, com a anulação quase total da neutralização prevista no regulamento.

Esta manhã partiram de Viseu apenas 15 concorrentes para a terceira e última etapa, que termina à meia noite e trinta, junto ao Mosteiro dos Jerónimos.

Os concorrentes terão que disputar ainda onze provas especiais de classificação, mas, em termos de luta para os lugares principais, tudo parece estar resolvido.

Agora é uma questão de cada um se «arrastar» como puder até Lisboa, alguns mesmo, pode dizer-se, que «presos por arames».

Classificativas

6.ª PEC — FUNGALVAZ

1 — 1.º, Joaq. Santos (Escort RS), 06.52; 2 — 2.º, José Miguel (Escort RS), 06.57; 3 — 3.º, Carlos Bica (Escort RS), 07.00; 4 — 4.º, Joaq. Moutinho (Renault 5 Tur), 07.01; 5 — 5.º, Rui Souto (Escort RS), 07.12; 6 — 1.º, Ram. Fernandes (Ritmo 130 Aba), 07.12; 7 — 1.º, Jorge Ortigão (Corolla 1.6), 07.23; 8 — 6.º, J. Faya Marinho (Escort RS), 07.31; 9 — 2.º, «Tchine» (Manta 2.0 E), 07.35; 10 — 1.º, Garry Hicks (Nissan 240 RS), 07.38; 11 — 1.º, Man. Mello Breyner (Audi 80 Quatt), 07.38; 12 — 3.º, Fern. Simões (Manta 2.0 E), 07.38; 13 — 2.º, Aug. Mendes (Porsche 911 S), 07.45; 14 — 4.º, Carlos Morna (Manta 2.0 E), 07.48; 15 — 1.º, Artur Lemos (Starlet 1.3 S), 07.50; 16 — 5.º, Ant. Segurado (Ascona 2000 i), 08.01; 17 — 6.º, Jorge Ramos (Escort RS), 08.04; 18 — 7.º, Dautheribes (R5 Alpine Tur), 08.17; 19 — 8.º, Henr. Cunha (Manta 2.0 E), 08.18; 20 — 2.º, Jean Clos (VW Golf GTI), 08.27; 21 — 9.º, Man. Cardoso (Manta 2.0 E), 08.29; 22 — 1.º, Jean Devriese (R5 Alpine Tur), 08.44.

7.ª PEC — CANDOSA

1 — 1.º, Joaq. Moutinho (Renault 5 Tur), 05.03; 2 — 2.º, Joaq. Santos (Escort RS), 05.07; 3 — 3.º, Carlos Bica (Escort RS), 05.12; 4 — 4.º, José Miguel (Escort RS), 05.17; 5 — 5.º, Rui Souto (Escort RS), 05.31; 6 — 1.º, Garry Hicks (Nissan 240 RS), 05.36; 7 — 1.º, «Tchine» (Manta 2.0 E), 05.41; 8 — 1.º, Jorge Ortigão (Corolla 1.6), 05.41; 9 — 6.º,

J. Faya Marinho (Escort RS), 05.48; 10 — 2.º, Ram. Fernandes (Ritmo 130 Aba), 05.52; 11 — 3.º, Carlos Morna (Manta 2.0 E), 05.57; 12 — 1.º, Artur Lemos (Starlet 1.3 S), 06.00; 13 — 4.º, Ant. Segurado (Ascona 2000 i), 06.03; 14 — 5.º, Henr. Cunha (Manta 2.0 E), 06.04; 15 — 1.º, Man. Mello Breyner (Audi 80 Quatt), 06.05; 16 — 6.º, Fern. Simões (Manta 2.0 E), 06.05; 17 — 7.º, Jorge Ramos (Escort RS), 06.11; 18 — 2.º, Jean Clos (VW Golf GTI), 06.16; 19 — 8.º, Man. Cardoso (Manta 2.0 E), 06.16; 20 — 9.º, Dautheribes (R5 Alpine Tur), 06.31; 21 — 1.º, Jean Devriese (R5 Alpine Tur), 06.44; 22 — 2.º, Aug. Mendes (Porsche 911 S), 07.10.

8.ª PEC — COLMEAL 1

1 — Joaq. Moutinho (Renault 5 Tur), 19.24; 2 — Joaq. Santos (Escort RS), 19.45; 3 — Carlos Bica (Escort RS), 20.14; 4 — Rui Souto (Escort RS), 20.46; 5 — Jorge Ortigão (Corolla 1.6), 21.17; 6 — «Tchine» (Manta 2.0 E), 21.38; 7 — J. Faya Marinho (Escort RS), 21.41; 8 — José Miguel (Escort RS), 21.48; 9 — Garry Hicks (Nissan 240 RS), 21.56; 10 — Ram. Fernandes (Ritmo 130 Aba), 22.09; 11 — Carlos Morna (Manta 2.0 E), 22.29; 12 — Man. Mello Breyner (Audi 80 Quatt), 22.31; 13 — Fern. Simões (Manta 2.0 E), 22.36; 14 — Artur Lemos (Starlet 1.3 S), 22.42; 15 — Jorge Ramos (Escort RS), 23.03; 16 — Ant. Segurado (Ascona 2000 i), 23.06; 17 — Henr. Cunha (Manta 2.0 E), 23.38; 18 — Dautheribes (R5 Alpine Tur), 24.43; 19 — Aug. Mendes (Porsche 911 S), 25.09; 20 — Man. Cardoso (Manta 2.0 E), 27.13; 21 — Jean Devriese (R5 Alpine Tur), 31.59.

9.ª PEC — CANDOSA 2

1 — Joaq. Moutinho (Renault 5 Tur), 05.07; 2 — Joaq. Santos (Escort RS), 05.18; 3 — Carlos Bica (Escort RS), 05.22; 4 — José Miguel (Escort RS), 05.24; 5 — Rui Souto (Escort RS), 05.32; 6 — Garry Hicks (Nissan 240 RS), 05.38; 7 — «Tchine» (Manta 2.0 E), 05.40; 8 — Jorge Ortigão (Corolla 1.6), 05.48; 9 — Fern. Simões (Manta 2.0 E), 06.02; 10 — Man. Mello Breyner (Audi 80 Quatt), 06.04; 11 — Carlos Morna (Manta 2.0 E), 06.05; 12 — Ant. Segurado (Ascona 2000 i), 06.12; 13 — Ram. Fernandes (Ritmo 130 Aba), 06.12; 14 — Artur Lemos (Starlet 1.3 S), 06.14; 15 — Jorge Ramos (Escort RS), 06.14; 16 — Henr. Cunha (Manta 2.0 E), 06.18; 17 — Man. Cardoso (Manta 2.0 E), 06.29; 18 — Aug. Mendes (Porsche 911 S), 07.00; 19 — Dautheribes (R5 Alpine Tur), 07.35; 20 — Jean Devriese (R5 Alpine Tur), 08.27.

10.ª PEC — COLMEAL 2

1 — 1.º, Joaq. Santos (Escort RS), 19.50; 2 — 2.º, Carlos Bica (Escort RS), 20.15; 3 — 3.º, José Miguel (Escort RS), 20.30; 4 — 4.º, Rui Souto (Escort RS), 21.02; 5 — 1.º, «Tchine» (Manta 2.0 E), 21.22; 6 — 1.º, Jorge Ortigão (Corolla 1.6), 21.23; 7 — 1.º, Garry Hicks (Nissan 240 RS), 22.03; 8 — 2.º, Ram. Fernandes (Ritmo 130 Aba), 22.26; 9 — 3.º, Fern. Simões (Manta 2.0 E), 22.29; 10 — 1.º, Man. Mello Breyner (Audi 80 Quatt), 22.35; 11 — 4.º, Jorge Ramos (Escort RS), 22.51; 12 — 5.º, Ant. Segurado (Ascona 2000), 23.01; 13 — 6.º, Henr. Cunha (Manta 2.0 E), 23.26; 14 — 7.º, Man. Cardoso

(Manta 2.0 E), 24.07; 15 — 8.º, Dautheribes (R5 Alpine Tur), 24.44; 16 — 2.º, Aug. Mendes (Porsche 911 S), 25.35; 17 — 9.º, Carlos Morna (Manta 2.0 E), 26.10; 18 — 1.º, Artur Lemos (Starlet 1.3 S), 29.02; 19 — 1.º, Jean Devriese (R5 Alpine Tur), 29.43.

11.ª PEC — MOLEDO 1

1 — 1.º, Joaq. Santos (Escort RS), 14.59; 2 — 2.º, José Miguel (Escort RS), 15.20; 3 — 3.º, Carlos Bica (Escort RS), 15.21; 4 — 4.º, Rui Souto (Escort RS), 15.37; 5 — 1.º, Jorge Ortigão (Corolla 1.6), 15.52; 6 — 1.º, Ram. Fernandes (Ritmo 130 Aba), 16.11; 7 — 2.º, «Tchine» (Manta 2.0 E), 16.32; 8 — 1.º, Man. Mello Breyner (Audi 80 Quatt), 16.40; 9 — 1.º, Garry Hicks (Nissan 240 RS), 16.58; 10 — 1.º, Artur Lemos (Starlet 1.3 S), 17.06; 11 — 3.º, Fern. Simões (Manta 2.0 E), 17.13; 12 — 4.º, Ant. Segurado (Ascona 2000), 17.19; 13 — 5.º, Carlos Morna (Manta 2.0 E), 17.31; 14 — 6.º, Jorge Ramos (Escort RS), 17.44; 15 — 7.º, Henr. Cunha (Manta 2.0 E), 17.45; 16 — 8.º, Man. Cardoso (Manta 2.0 E), 18.51; 17 — 9.º, Dautheribes (R5 Alpine Tur), 19.08.

12.ª PEC — VISEU 1

1 — José Miguel (Escort RS), 16.08; 2 — Joaq. Santos (Escort RS), 16.10; 3 — Jorge Ortigão (Corolla 1.6), 16.27; 4 — Carlos Bica (Escort RS), 16.29; 5 — Rui Souto (Escort RS), 16.53; 6 — Ram. Fernandes (Ritmo 130 Aba), 16.54; 7 — Garry Hicks (Ritmo 130 Aba), 16.54; 8 — «Tchine» (Manta 2.0 E), 17.21; 9 — Carlos Morna (Manta 2.0 E), 17.44; 10 — Man. Mello Breyner (Audi 80 Quatt), 18.04; 11 —

Fern. Simões (Manta 2.0 E), 18.06; 12 — Artur Lemos (Starlet 1.3 S), 18.13; 13 — Jorge Ramos (Escort RS), 18.41; 14 — Henr. Cunha (Manta 2.0 E), 19.16; 15 — Ant. Segurado (Ascona 2000 i), 20.15; 16 — Man. Cardoso (Manta 2.0 E), 20.21; 17 — Dautheribes (R5 Alpine Tur), 21.11.

13.ª PEC — MOLEDO 2

1 — Joaq. Santos (Escort RS), 15.27; 2 — Carlos Bica (Escort RS), 15.27; 3 — José Miguel (Escort RS), 15.37; 4 — Rui Souto (Escort RS), 15.50; 5 — Jorge Ortigão (Corolla 1.6), 16.15; 6 — Ram. Fernandes (Ritmo 130 Aba), 16.34; 7 — «Tchine» (Manta 2.0 E), 16.48; 8 — Man. Mello Breyner (Audi 80 Quatt), 17.19; 9 — Fern. Simões (Manta 2.0 E), 17.35; 10 — Artur Lemos (Starlet 1.3 S), 17.55; 11 — Jorge Ramos (Escort RS), 18.44; 12 — Ant. Segurado (Ascona 2000), 19.40; 13 — Dautheribes (R5 Alpine Tur),

20.07; 14 — Garry Hicks (Nissan 240 RS), 20.17; 15 — Henr. Cunha (Manta 2.0 E), 21.19; 16 — Man. Cardoso (Manta 2.0 E), 21.52.

14.ª PEC — VISEU 2

1 — José Miguel (Escort RS), 15.59; 2 — Carlos Bica (Escort RS), 15.59; 3 — Joaq. Santos (Escort RS), 16.04; 4 — Jorge Ortigão (Corolla RS), 16.32; 5 — Rui Souto (Escort RS), 16.32; 6 — «Tchine» (Manta 2.0 E), 16.42; 7 — Ram. Fernandes (Ritmo 130 Aba), 17.04; 8 — Ant. Segurado (Ascona 2000), 18.09; 9 — Man. Mello Breyner (Audi 80 Quatt), 18.13; 10 — Fern. Simões (Manta 2.0 E), 18.18; 11 — Artur Lemos (Starlet 1.3 S), 18.29; 12 — Jorge Ramos (Escort RS), 18.58; 13 — Henr. Cunha (Manta 2.0 E), 19.20; 14 — Dautheribes (R5 Alpine Tur), 20.35; 15 — Man. Cardoso (Manta 2.0 E), 21.30.

CLASSIFICAÇÃO GERAL NO FINAL DA 2.ª ETAPA

1 — Joaq. Santos/Mig Oliveira (Escort RS), 02.30.40
2 — Carlos Bica/Fern. Prata (Escort RS), 02.33.56
3 — Rui Souto/Eduardo Cid (Escort RS), 02.38.58
4 — Jorge Ortigão/J. Baptista (Corolla 1.6), 02.40.20
5 — «Tchine»/Gerard Borie (Manta 2.0 E), 02.43.54
6 — José Miguel/Cand. Júnior, (Escort RS), 02.45.31
7 — Ram. Fernandes/C. Monteiro (Ritmo 130 Aba), 02.45.40
8 — Man. Mello Breyner/M. Vilar (Audi 80 Quatt), 02.49.49
9 — Fern. Simões/Ant. Durães (Manta 2.0 E), 02.53.42
10 — Ant. Segurado/Pedro Sena (Ascona 2000 i), 02.58.03
11 — Artur Lemos/J.M. Tavares (Starlet 1.3 S), 02.59.09
12 — Jorge Ramos/Pinto Alves (Escort RS), 03.03.15
13 — Henr. Cunha/Carl. Mateus (Manta 2.0 E), 03.05.52
14 — Man. Cardoso/A. Baptista (Manta 2.0 E), 03.19.30
15 — Dautheribes/Eric Pages (R5 Alpine Tur), 03.32.33



Se os jovens pudessem...



JOÃO CARLOS
17 anos
Empregado de comércio

“O uso de drogas não leva a lado nenhum”

— Conte-me lá como é que começou a trabalhar...
— Tive bastantes dificuldades para arranjar este trabalho e andei uns três meses sem conseguir nada. E só o arranjei graças a conhecimentos...
— Você deixou de estudar?
— Deixei. E sabe porquê? Por estupidez da escola.
— ...
— Este ano, deram-me um horário de noite e outro de dia.
— Explique lá isso melhor.
— Eu tinha aulas em duas turmas, com disciplina à noite e outras de dia. Mas isso era impossível, o andar em duas turmas!
— E, agora, como se sente no seu trabalho?
— Mais ou menos.
— Não gosta do que faz?
— Gostaria de trabalhar noutra coisa...
— Em quê?
— Como empregado de escritório.
— Acredita nas suas possibilidades?
— Só estudando, mas vai ser difícil, mesmo assim...
— Tenciona voltar à escola?
— Já no próximo ano.
— O desporto diz-lhe alguma coisa?
— Não tanto como devia...
— Diz isso por não praticar nenhuma modalidade?
— Sim, é por isso.
— Por que razões você se considera apenas um «desportista de bancada»?
— Isso deve-se a duas razões: falta de tempo, agora que estou empregado, e falta de possibilidades.
— Se esses requisitos estivessem preenchidos, que modalidade gostaria de praticar?
— Talvez natação.
— O que faz você nos seus tempos livres?
— Leio, vou ao cinema...
— Que género de livros prefere?
— Policiais e de autores portugueses do século XIX. E poesia também, apesar de não a entender muito bem.
— Está a ler alguma obra presentemente?
— Um livro de Eça de Queirós, «O Crime do Padre Amaro».
— Para si, quais são os mais preocupantes problemas do nosso tempo?
— A guerra nuclear e também a situação dos jovens e a droga.
— Tem alguma posição quanto ao problema do consumo de drogas pelos jovens?
— Eu sou contra o uso de drogas, porque isso não leva a lado nenhum.
— Mas se o álcool ou o tabaco fazem tanto mal como algumas drogas, por que só estas são penalizadas?
— Eu não sou a favor do álcool e comparo-o a uma droga.
— Por que se drogam os jovens?
A maioria droga-se por causa do mau ambiente familiar e por causa da falta de trabalho. É isso que precisa de ser planeado, para combater o problema da droga.

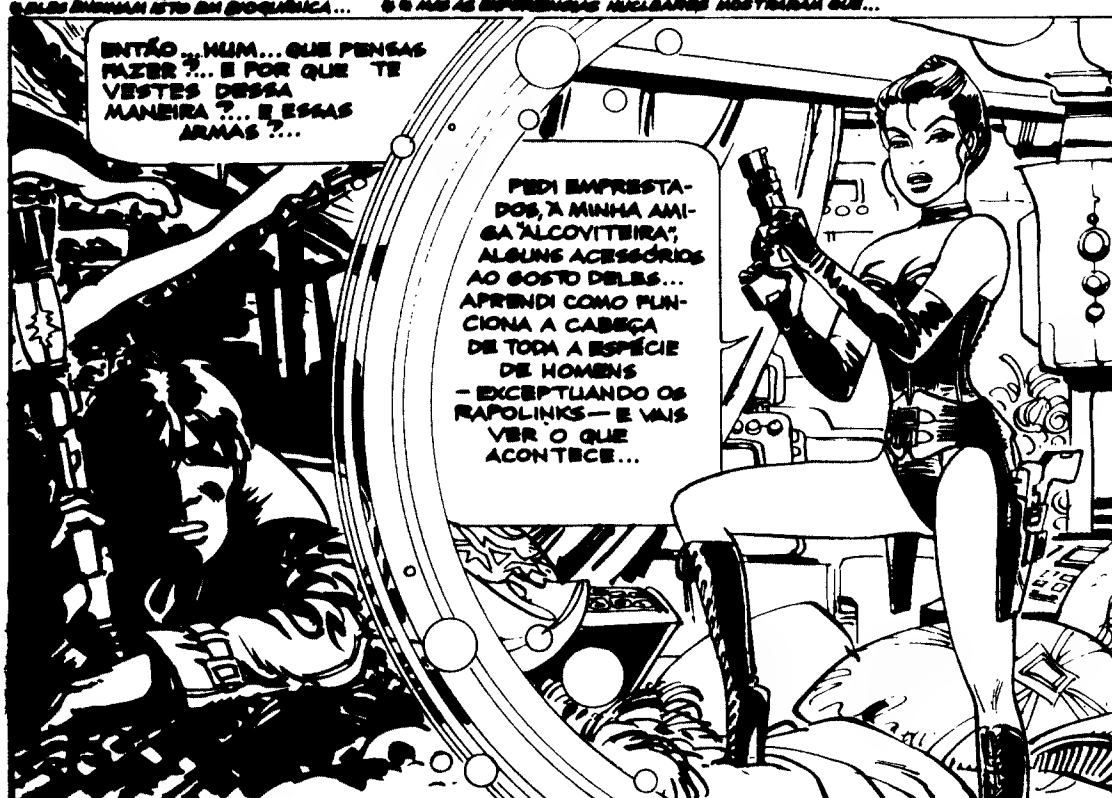
C. P.

Uma aventura de Valerian... e Laureline

BROOKLYN STATION. TERMINUS COSMOS

Mezieres
Christin

41



Copyright Dargaud/Meribérica

CONTINUA



Aquilino faleceu há 21 anos

O escritor Aquilino Ribeiro, um dos fundadores da «Seara Nova», considerado como um dos expoentes do pós-naturalismo republicano, nasceu em Carregal da Tabosa em 1885 e morreu em Lisboa a 27 de Maio de 1963.

Depois de estudar em Lamego, Viseu e no Seminário de Beja, Aquilino Ribeiro instalou-se em Lisboa, em 1907, onde participou activamente na política revolucionária da época.

Devido a esta actividade viu-se forçado a exilar-se em Paris, onde se estreia como escritor — «Jardim das Tormentas» (1913) — ao mesmo tempo que frequenta a Universidade da Sorbonne, mudando-se mais tarde para Bayonne.

De regresso a Portugal, exerce actividade docente no Liceu Camões desempenhando, entre 1919 e 1927, as funções de consultor da Biblioteca Nacional.

que ajudou a fundar, estende-se desde a literatura para crianças, passando pela tradução, ensaio, biografia, evocação histórica, crítica, polémica e etnográfica até ao teatro e à ficção.

Tido como um dos maiores cultores do idioma português, Aquilino patenteia na sua obra a revolta contra qualquer limitação da expressão do ser, o amor à terra, a comunhão do homem com a natureza.

Da sua vasta produção, de onde sobressai, a nível de linguagem, o recurso ao arcaísmo, ao regionalismo, a glossários especializados e à gíria popular, destacam-se «A Via Sinuosa» (1918), «Terras do Demo» (1919), «Andam Faunos pelos Bosques» (1926), «Aventura Maravilhosa de D. Sebastião» (1936), «Volfrâmio» (1944), «O Arcajo Negro» (1947), «O Malhadinho» (1949), «A Casa Grande de Romarigães» (1957) e «Quando os Lobos Uivam» (1958).

LABORATÓRIO

PERDE CABELO?

Dirija-se ao Instituto Marcel onde encontra a solução

RECUPERAÇÃO, PELADAS, ETC.

— Poderá tratar-se no Instituto ou em sua casa

— Marque consulta sem compromisso das 10.30 às 13 e das 15 às 20 h. Sábados das 9 às 13 h.

CONSULTÓRIOS DO INSTITUTO MARCEL, LDA.

Lisboa: Edifício Campo Grande, 30-3.º B - 1700 - Tel. 735181/771273

Porto: Edifício Brasília, 113-8.º piso - Boavista - 4100 - Telefone 006679

COMUNA

TEATRO PESQUISA

MARAT

DE PETER WEISS

*PERSEGUIÇÃO E ASSASSINATO DE JEAN PAUL MARAT REPRESENTADO PELO GRUPO DE TEATRO DO HOSPÍCIO DE CHARENTON SOB A DIRECÇÃO DO SENHOR MARQUÊS DE SADE

HOJE 21,30 H.

DOMINGO SO AS 17 H

2.ª FEIRA DESCANSO

praca de espanha

SUB. MC. tel. 72 08 18

CASA PRECISA-SE

Pessoa só, aluga 2 asoalhadas, Lisboa.

Resposta a este Jornal, ao n.º 24502.

FUMO NÃO FUME

EM RECINTOS FECHADOS

TEATRO DO BAIRRO ALTO

Rua Tenente Raul Cascais

Telefone: 66 15 15 / 66 92 05

ABEL, ABEL

de Augusto Sobral

Com: Glicínia Quartín, José Wallenstein e Rogério Vieira

De terça a sexta às 21.30 h

Sáb. às 17 h e 21.30 h

Dom. às 17 h

Folga à segunda

CURTA CARREIRA

«TRÁGICOS E MARÍTIMOS»

Sábados e Domingos

Às 11 e às 15 horas e fins-de-semana seguintes

DURANTE A SEMANA PARA AS ESCOLAS

MANHÃS — «TRÁGICOS E MARÍTIMOS»

TARDES — «AFONSO HENRIQUES»

NO

TEATRO «COMUNA» — Praça de Espanha

Reservas Telef.: 703056 — 2.ª a 6.ª feira

PARA TODOS A PARTIR DOS 8 ANOS

21.ª criação do

teatro o bando

SUB. M. CULTURA

crítica de teatro

Estrela brilha de novo

CARLOS PORTO

«AMOR DE UMA MULHER», de Maricla Boggio. Tradução: Estrela Novais. Revisão: João de Almeida Santos. Adaptação e Encenação: Júlio Cardoso. Cenografia: José Rodrigues. Música: João Loio. Figurinos: Isabel Cabral. Direcção de coros: Raul Santos Silva. Coreografia: Jorge Levy. Interpretação: Estrela Novais. Coro: Armindo Silva, Helena França, Isabel Leal, Maria Alice Augusto, Maria Graça Bastos, Olga Dias, Preciosa Branco, Zélia Santos, e as crianças Ana Catarina Reis e Tânia Elizabeth Reis. Seiva Trupe. Cooperativa do Povo Português. Abril 1984.

Depois de alguns anos em Itália, onde participou num curso de teatro orientado por Vittorio Gassman, depois do filme de Eduardo Guedes «Dona Genoviana», Estrela Novais volta ao teatro português. E volta num espectáculo do grupo a que pertence, «Seiva Trupe», dirigido por Júlio Cardoso, com um texto que ela própria escolheu. Trata-se da peça «Amor de uma Mulher» de Maricla Boggio.

A partir do mito de Medeia, a escritora italiana traça o itinerário da mulher ao longo da história, com os sacrifícios a que tem sido submetida mas também com o espírito de revolta que justamente a anima. Medeia sem crime porque, como escreveu Maricla Boggio, «uma mulher hoje não pode matar os seus filhos para vingar-se do homem que deixou de amar» (...) Precisamente: a Medeia dos nossos dias quer continuar a viver e deixar viver aqueles que ama. Hoje.

Reivindicação do lugar que à mulher pertence e que só pela luta, ao lado do homem, mas às vezes necessariamente contra ele, questionamento e protesto contra a desigualdade, a injustiça, o próbio, que ainda hoje a vitimam, «Amor de uma Mulher» vem na esteira da peça de Dario Fo e Franca Rame, «Oíçam como Ela Respira», que foi recentemente grande êxito de Irene Cruz. Acontece, porém, que a peça de Maricla Boggio não consegue a energia dramática, a capacidade de argumentação, a riqueza humana, social e humoral, da peça citada. E acontece que foi, ainda por cima, sobrecarregada por uma encenação excessiva que prejudica o que nela há de claro, de imediato e directo. Percebe-se ter sido intenção de Júlio Cardoso criar pontes: entre um texto para uma actriz e um público pouco receptivo a esse tipo de espectáculo. No entanto, parece evidente que houve exagero na criação de elementos cénicos capazes de criar essas pontes: o espectáculo perde em simplicidade, em relacionamento da intérprete com o espectador, em clareza da palavra, o que não chega a ganhar em teatralidade. Para isso, contribuiu também o cenário de José Rodrigues, também ele excessivo, até de um novoriquismo que acaba por não servir da melhor maneira o trabalho da actriz, o trabalho da palavra como signo cénico.

A sala da CPP surge completamente transformada. O espaço cénico é constituído pelo palco e por parte da plateia, sentando-se o público à volta deste segundo espaço. Uma escadaria ocupa o palco, tendo ao fundo um painel estreito pintado, imagem que evoca a Grécia com o céu muito azul e uma pequena árvore. Restos de estátuas, uma cabeça de cavalo, evocam Roma, sinalizando desse modo os vários tempos da acção da peça. No centro do espaço da plateia, a cama de Medeia que tem a forma de uma vulva.

Na escadaria, rodeada de painéis marmóreos, evoluem o coro e as personagens criadas pelo encenador a partir do cesto, no outro espaço Medeia e os filhos.

Entendemos o aparecimento do coro que, apoiado na bela música de João Loio, ajuda a criar a atmosfera em que se move Medeia, ajuda a transformar o monólogo no diálogo de sons através do qual se articula o discurso verbal. Já é mais difícil de aceitar o aparecimento do par de namorados, a música que emerge de uma nuvem de fumo, efeito perfeitamente artificial e deslocado. E mesmo o aparecimento das crianças me parece discutível, embora aqui Estrela Novais, com uma actuação extremamente simples e autêntica, consiga tornar natural e aceitável o que poderia parecer demagógico.

Também os diálogos que a intérprete procura travar com os e as espectadores dão ao espectáculo o tom intimista que, a meu ver, é o mais adequado ao texto. Pode acontecer que esses diálogos tenham efeitos surpreendentes como quando uma mulher responde ser capaz de lutar pelos seus próprios direitos, mas mesmo isso é positivo na medida em que nos esclarece sobre certos clichés que por vezes prejudicam obras de carácter militante como esta.

O que há neste espectáculo de

muito belo e de muito bom é o trabalho de Estrela Novais. A todo o momento sentimos que nem o texto nem a encenação estão à altura da intérprete. Sempre esta parece maior do que aquilo que a rodeia, mais capaz de exprimir emoções, sentimentos, vivências, mais forte na sua capacidade de comunicação do que qualquer outro elemento do espectáculo. A todo o momento lamentamos que a actriz, a sua criatividade, a sua força dramática não estejam ao serviço, e servidas, de uma outra obra, mais forte, mais digna do seu talento. É essa de resto uma sensação que algumas vezes experimentamos no teatro em Portugal, que aquilo que se passa no palco (encenação, interpretação) é maior do que o texto que serve e de que se serve. O problema da escolha das peças que se representam entre nós merecia bem um amplo debate.

Dominando, pois, a sua personagem, com uma presença admirável, uma voz que exprime os matizes das palavras, uma força no olhar, no comportamento em cena, na respiração da palavra, do sentimento, do corpo, Estrela Novais confirma ser uma das nossas grandes actrizes. Só por ela este espectáculo vale a pena ser visto, embora também outros motivos o justifiquem. A actuação do coro, alguns elementos da encenação e da cenografia, os excelentes figurinos de Isabel Cabral, a música, ajudam Estrela Novais a dar a «Amor de uma Mulher» a qualidade que não se pode recusar-lhe. Apesar de tudo.

Mas é em Estrela Novais que o espectáculo se justifica e justifica que sejamos exigentes em relação à escolha de textos para esta actriz.

Wim Wenders vence Festival de Cannes

O filme «Paris-Texas» do alemão Wim Wenders ganhou na quarta-feira a Palma de Ouro do Festival de Cannes, o prémio máximo deste certame anual. O júri de dez membros, presidido pelo actor britânico Dirk Bogarde, atribuiu o seu grande prémio especial a «Diário Intimo» da realizadora húngara Marta Mezaros.

O júri considerou a britânica Helen Mirren como a melhor actriz pela sua interpretação em «Cal» de Pat O'Connor. Francisco Rabal e Alfredo Landa, protagonista de «Os Santos Inocentes», do realizador espanhol Mario Camus, recebeu «ex-aequo» o prémio de melhor actor.

O realizador norte-americano Jonh Huston, de 77 anos, recebe um prémio pelo conjunto da sua obra, em homenagem aos seus 50 anos de carreira.

O filme vencedor, «Paris-Texas», com Nastassia Kinski e Harry Dean Stanton nos papéis principais, narra a história de um homem que, após quatro anos de ausência, tenta reencontrar a família numa pequena povoação do Texas chamada Paris.

I Feira de colecionismo realiza-se amanhã em Sintra

Os coleccionadores que amanhã passarem por Sintra não vão dar o seu tempo por mal empregado. Com efeito, entre as 10 e as 18 horas, tem lugar, no Pavilhão de Valenças, a I Feira de Colecionismo de Sintra, promovida pela Câmara Municipal.

Entre as modalidades de colecionismo aí representadas contam-se a filatelia, a numismática, a vitofilia, o filiminismo, o ex-librismo e ainda colecções de calendários, postais ilustrados, brinquedos antigos e emblemas.

Candidaturas a prémios do IPC

Até 31 de Maio deverão ser comunicadas ao Instituto Português de Cinema as candidaturas aos prémios da «curta-metragem de ficção», da «curta-metragem documental», do «filme de animação» e do «filme infantil». Os candidatos aos prémios da «distribuição» e da «exibição» deverão também comunicar as suas candidaturas até à mesma data.

O Instituto Português de Cinema, através de uma nota agora divulgada, recorda que poderão concorrer os produtores de filmes portugueses ou equiparados, findos durante o ano cinematográfico 1982/1983, e as distribuidoras e as entidades exploradoras das salas que, respectivamente, tenham distribuído ou exibido filmes portugueses durante o mesmo período.

Consultores de edição convidados pela Gulbenkian

A Fundação Calouste Gulbenkian vai constituir um grupo de consultores para a edição de obras de cultura portuguesa, de ciências e manuais universitários. Para o efeito, a Gulbenkian vai convidar David Mourão Ferreira, Miller Guerra, Martins Carvalho, Lindley Sintra, Sallette Leite e Luís de Albuquerque.

O Serviço de Educação da Gulbenkian, responsável pela edição, produziu, nos últimos vinte anos, mais de um milhão de livros a preços inferiores aos normalmente praticados por casas editoras. Este mês foi inaugurada uma exposição onde estão apresentadas as 300 obras editadas, e que promove a

última delas: a primeira tradução portuguesa de «As Revoluções dos Orbes Celestes» do astrónomo Nicolau Copérnico.

O Serviço de Educação emprega anualmente centenas de milhares de contos no apoio ao ensino médio e superior e ao ensino de deficientes. Durante o próximo ano, o plano de edições

contemplará mais três volumes da obra completa de Joaquim de Carvalho, historiador da cultura.

Pina Martins, responsável pelo Serviço, admitiu ainda que entre os próximos livros a editar pela Gulbenkian estejam obras de Carolina Michaelis, Leite de Vasconcelos e Sousa Viterbo.

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

“A Mulher do Aviador” De Eric Rohmer

O que eu gosto, em Rohmer, são coisas simples, pequenas: Anne a levantar-se em camisa de dormir e a dizer a Christian — que bate à porta — que espere um instante; ela vai lá dentro, vestir um roupão — pensamos nós — mas não, fora apenas lavar os dentes. Pormenores de ironia e de uma intensa inteligência do cinema que nos dão, num relance, inúmeras informações sobre a textura dos personagens.

O que eu gosto, em Rohmer, é

a capacidade de expor quase um programa e de o fazer com a agilidade de quem apenas diz tutilidades. Como em **A mulher do aviador**: eis que depois de uma explícita paixão pelo «falso» (**A marquesa d'O, Perceval**), Rohmer enceta uma ficção onde praticamente se põe em prática uma teoria da superioridade lúdica, ética, estética e vital do «falso» sobre o «verdadeiro», com a introdução desse personagem fadado para o mistério e para o imaginário que é Lucie — a

chama da vida sobre a pequenez pequeno-burguesa entediante de Anne.

O que eu gosto em Rohmer é este ar de quem saiu à rua e filmou as pessoas sem mais delongas e a descoberta do rigor do «quadro», dos gestos, dos tempos, dos encontros que só uma minuciosa fabricação proporciona.

O que eu gosto, em Rohmer, é esse erotismo intenso e reservado, esse quente-frio que existe na vizinhança do pecado,

essa atracção contida, sempre inconsumada porque a paixão do olhar quer-se feita de lentidões, que a sofreguidão é má conseleira: quantos fluxos libidinosos se cruzam em **A mulher do aviador**? Incontáveis.

O que eu gosto, em Rohmer, é que as suas triangulações sentimentais nunca são estereis nem estáticas; movem-se e é nesse movimento que o nosso olhar aprende a percebê-las.

O que eu gosto, em Rohmer, são os seus actores, sempre frágeis e complexos, à beira do simplismo e no limiar do grande fogo.

O que eu gosto, em Rohmer, é que a calma com que fala das coisas nunca se confunde nem com onisciência, nem com cinismo, nem com lassitude moral: pelo contrário, é a condição primeira de uma efervescência interrogativa que vai muitas vezes à fronteira do sublime.

O que eu gosto neste filme de Rohmer são todas estas coisas. Talvez lhe falte mais ironia (crescente nos outros dois filmes das «Comédias e provérbios», **O bom casamento** e **Pauline à la plage**, que eu amo muito) e lhe sobre «compreensão». Só por isso ele não me desperta os entusiasmos íntimos de outras obras suas?

FICHA:

Título original: La femme de l'aviateur.

Realização: Eric Rohmer (França — 1980).

Argumento: Eric Rohmer.

Fotografia: Bernard Lutic.

Música: Jean-Louis Valero.

Montagem: Cécile Decugis.

Interpretação: Philippe Marlaud (François), Marie Rivière (Anne), Anne-Laure Meury (Lucie), Mathieu Carrière (Christian), etc.

Distribuição em Portugal: Filmesfilmes.

Cinema: Estúdio 444

Classificação: Para maiores de 6 anos.

Duração: 106 minutos.



Anne-Laure Meury é Lucie, um personagem vitalizante de «A mulher do aviador»

Lisboa, Coimbra, Porto

Livros em feira atraem público com pouco dinheiro

Pequenos, médios e grandes editores estão de acordo em que a Feira do Livro é «uma ocasião comercialmente irrecusável», por muitos defeitos que se lhe apontem aos níveis da organização, estruturação e objectivos.

Essa ocasião, explicam, é tanto menos de recusar quanto é verdade — e aqui estão também todos de acordo — ser a crise do sector, porventura, a maior de sempre, «grave, de facto gravíssima».

E há «no ar», alertam, sinais de próximo agravamento, apurou a ANOP.

Naturalmente que não sentem todos a crise da mesma maneira, com a mesma intensidade. Enfim: há os que «se vão aguentando umas vezes bem, outras vezes mal», os que «vão fazendo o que podem para não fechar», os que «já não sabem o que há-de fazer à vida»... Panorama nada risonho, como se vê, mas que, dizem todos, merece notícia.

Também nem todos pensam do mesmo modo no que toca a soluções. Todos, com maior ou menor rigor, definem os contornos da crise, têm sobre ela maior ou menor informação, temem-lhe, uns mais do que outros, os efeitos. Mas são unânimes quando proclamam a urgência de pôr termo ao actual «estado

de coisas» na edição.

A questão de saber se há condições para «dar a volta à crise» todos dão respostas no mesmo sentido, fazendo, basicamente, esta verificação: bastaria haver uma política cultural que tivesse em conta, no seu peso e na sua medida culturais e sociais, o livro — e, logo, o editor, o escritor.

«Acontece — assinala José Antunes Ribeiro, da Ulmeiro — que os Governos de depois do 25 de Abril abandonaram completamente este sector não por decisão tomada, mas por falta de uma política cultural.»

Essa política compete ao Governo, aos Governos — e, desajeitadamente, antes de a definir, passar ao papel e impor o seu cumprimento, com auscultação dos directos (e interessados) intervenientes nos vários domínios de acção por ela visados.

A julgar pelo testemunho do presidente da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, Fernando Guedes, na abertura da Feira do Livro, não se tem passado assim. Isto é, os editores não têm sido ouvidos «pelo Poder».

Por exemplo, para a redacção do novo Código dos Direitos de Autor, recentemente aprovado em Conselho de Ministros, os editores «não foram ouvidos —

garante Fernando Guedes — mais do que para comunicar ao Governo o que lhes parece mal no actual código de 1966». (...) «E todavia, quase se pode dizer, observou o presidente da APEL, que este Código é, para os editores, mais importante do que o Código Civil, pois é sob a sua égide que se desenrola a vida quotidiana de uma casa editora.»

As questões não se ficam por aqui. Pontuais, umas, de fundo, outras, elas «enquadram» o dia-a-dia do editor. Uma existe já, outras «vêm a caminho». Por exemplo: a questão do imposto sobre o valor acrescentado é uma das que vêm a caminho, a crer no alerta de Fernando Guedes na abertura da Feira. Segundo disse supor o presidente da APEL, este imposto poderá vir a ser aplicado ao livro, com o que se poria termo a uma isenção de 20 anos...

Em Coimbra

Entretanto, abriu a Feira do Livro de Coimbra, na Praça do Comércio, com 14 pavilhões de várias editoras e um da Câmara Municipal.

Paralelamente à Feira, que encerra em 7 de Junho, irá decorrer um programa cultural que acompanha os diversos dias dedicados a uma temática.

O escritor Mário de Carvalho, «Prémio Cidade de Lisboa», um espectáculo musical com o Grupo de Cantares do Ateneu de Coimbra e a actuação da companhia «Os Bonifrates», são os pontos do programa previsto para hoje.

Domingo decorrerá o Dia do Autor Português, com a presença dos escritores José Saramago, Manuel da Fonseca e José Manuel Mendes.

Serão assinalados, no decorrer da Feira, o Dia Internacional da Criança, o Dia da Poesia e o Dia do Teatro.

Para o Dia da Poesia, em 2 de Junho, está prevista a presença dos cantores Fausto e Manuel Freire, do Grupo de Cantares Alentejanos de Montemor-o-Novo e o lançamento de um livro sobre música popular portuguesa.

No Porto

No Porto, também idêntico certame oferece numerosos pavilhões ao público.

Pode dizer-se que estão nos escaparates livros editados em todo o País.

Sessões de autógrafos não escasseiam, poetas declamam, o público passa, ouve e conta o dinheiro mentalmente...

Hoje



Na RTP-1 exhibe-se mais um episódio da série «A Jóia da Coroa»

- 15.15 **Pontos de Vista** — «Os Filhos do Dr. Spock».
- 16.20 **Aventura é Aventura** — «O Rebelde da Irlanda».
- 17.55 **Gala UNICEF/83** — programa gravado no Teatro Lirico de Milão.
- 19.10 **«Buck Rogers no Séc. XXV»**
- 20.00 **Telejornal**
- 20.30 **Palavras Ditas** — «Poemeto».
- 21.05 **«A Jóia da Coroa»**
- 22.10 **Eleição de Miss Portugal/84** — transmissão directa, do Casino Estoril, da eleição de Miss Portugal/84.
- 00.25 **Últimas Notícias**
- 00.35 **Última Sessão** — «Cai a Noite Sobre a Cidade». Interpretes: Alain Delon, Richard Crenna e Catherine Deneuve. Realizador: Jean-Pierre Melville.



Baseado num conto de Pushkin (na foto) e com música de Tchaikovsky, a RTP-2 apresenta a ópera intitulada «A Dama de Espadas»



- 18.02 **Troféu** — programa de actualidade desportiva.
- 21.00 **Noite de Ópera** — «A Dama de Espadas». Baseada num conto de Pushkin e com música de Tchaikovsky. Intervêm nesta versão: Yelena Obraztsova, Tamara Milashkina, Vladimir Aylantov, Yuri Mazurok e a Orquestra do Teatro Bolshoi, dirigida pelo maestro Simonov.

Amanhã



09.32: Eucaristia Dominical; 10.30: Setenta Vezes Sete; 11.00: Grão a Grão; 13.00: Notícias; 13.05: Grão a Grão; 14.30: TV Rural; 14.55: «Fama»; 16.00: A Festa Continua; 19.05: «Os Três Dukes»; 20.00: Telejornal; 20.30: O Mundo dos Fraggles; 21.00: «A Vida de Verdi»; 22.25: Domingo Desportivo; 23.20: «Tudo em Família»; 23.45: Últimas Notícias.

19.02: Troféu; 20.00: «O Príncipe Regente»; 20.55: Cine-Clube — com o filme «Desafio à Morte».

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...



Eleição de Miss Portugal/84
(22.10)



«A Dama de Espadas»
(21.00)



Cal a noite sobre a cidade

Ed Coleman é um jovem inspector da Polícia. Simon, seu amigo, tem um clube nocturno de legalidade duvidosa onde frequentemente a lei é violada das mais diversas maneiras. O bar é utilizado como fachada por um bando de traficantes de droga.

O submundo é um dos temas preferidos de Jean-Pierre Melville, que manifesta uma simpatia muito especial pelo universo da sombra onde se movem polícias e foragidos e pelos laços que se criam entre uns e outros. Alain Delon é uma presença quase constante nesses filmes do realizador.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca 17, Cruz Quebrada - Telef. 2112871



roteiro cultural



Vitali Bortnikov e Irina Khakimova são dois dos 16 bailarinos soviéticos que hoje à noite dançam no S. Luís

Música

• Em Lisboa, a noite de hoje é dedicada aos «rockers» portugueses. O ponto de encontro é no Pavilhão de «os Belenenses» onde a partir das 22 horas se pode ouvir (e ver) o grupo de rock britânico **Echo & The Bunnymen**. À mesma hora, mas desta vez amanhã, o grupo toca no Pavilhão do Clube Infante de Sagres. Os concertos são organizados pela Zero Internacional e o Rock Rendez-Vous.

• Em Évora, o dia é dedicado a **Zeca Afonso**. A partir das 14 horas, de madrugada, ranchos folclóricos, grupos corais, bandas de música, recitais de poesia e um espectáculo de palhaços para crian-

ças dão corpo a esta «homagem popular».

• **Miriam Makeba**, a popular cantora negra que se diz «cidadã do mundo», inaugura hoje o primeiro auditório ao ar livre do Algarve, situado na cidade de Portimão. A actuação de Miriam Makeba insere-se no VIII Festival Internacional de Música do Algarve.

• «**A Música e a Dança da nossa Terra**» é o tema dum conjunto de manifestações promovidas pela Junta de Freguesia de Agualva-Cacém. Um encontro de bandas e de corais alentejanos preenchem o programa de hoje.

• Na Sé de Lisboa, tem hoje à noite lugar o VII Encontro de **Coros Amadores de Lisboa**.

• O organista **Gerhard Doderer** toca hoje, pelas 16 e 30,

na Sé de Évora. Doderer especializou-se em música ibérica e os seus concertos incidem especialmente sobre os compositores portugueses e espanhóis dos séculos XVI, XVII e XVIII.

• Esta noite, na Igreja Nossa Senhora da Conceição dos Cardeais, na Rua do Século, o **Coro La Follia** interpreta música religiosa e profana da Renascença. A entrada é livre.

Exposições

• **Vanda Sá, Tété e DoDo** participam na «Exposição-Instalação Arte-Moda» que hoje «ante abre» no salão da Casa do Concelho de Arronchoa ao Intendente.

• **A Arte do Século XX num Museu Holandês** é o tema da exposição que desde ontem se encontra na Galeria de Exposições Temporárias da Gulbenkian. O Museu em causa é o de Van Abbe de Eindhoven.

• **Francisco Rosa, Justino Alves, Lima Carvalho, Luís Filipe de Abreu, Manuel San Payo, Mário Rita e Rogério Ribeiro** expõem a partir de hoje à noite na Galeria Prosoamar, em S. João do Estoril.

• Chega amanhã ao fim a exposição patente no espaço do Teatro Experimental de Cascais e que tem como tema «**Anti-herói, maldito, marginal, etc. e tal**». A exposição é organizada pelo Grupo Mandrágora que hoje e amanhã apresenta, às 18 horas, dois espectáculos visuais: «**Auga**» e «**Triângulo de Sete Pontas**».

• É hoje inaugurada, no Palácio Anjos, em Algés, uma exposição de artesanato organizada pela Câmara Municipal de Oeiras e que conta

com trabalhos de **Alberto Virelho, Álvaro Santos, Paulo Gonçalo Ramalho, Inês Candia, Sissi Reis e Laura Morales**.

• O 150.º aniversário da **Convenção de Evoramonte** é assinalada pela Câmara de Estremoz com uma exposição documental e iconográfica que é hoje inaugurada.

• O pintor **Miranda Justo** apresenta a partir de hoje, no Centro Cultural do Algarve, em Faro, trabalhos de acrílicos sobre telas.

Bailado

• Hoje e amanhã no Teatro S. Luís realizam-se dois espectáculos que contam com a participação dos nomes mais famosos das maiores companhias soviéticas, que raras vezes se apresentam conjuntamente. Entre eles, **Nadejda Pavlova e Viatcheslav Gordeev**, do Bolchoi e **Irina Kolpakova e Serguei Berejnoi**, do Kirov. Os espectácu-

los são compostos por trechos de bailados famosos e contam com a colaboração da Companhia Nacional de Bailado.

Teatro

• «**O Anfitrião**» de Plauto, «em cena há dois mil e cem anos na Roma antiga», está desde ontem a ser «revivido» no Porto. A apresentação da peça é do grupo **TEAR**, que a leva à cena no Auditório Carlos Alberto.

• Também no Porto, mas na sala do Art'Imagem, é esta noite apresentado um espectáculo de títeres e marionetes pelo grupo galego **Tanxarina**.

• «**Um Jeep em Segunda Mão**» de Fernando Dacosta é a peça que hoje à tarde é levada à cena pelo **Grupo de Teatro de Carnide**.

Livros

• **José Saramago, Urbano Tavares Rodrigues, Alice Vieira, Modesto Navarro e**

Miguel Urbano Rodrigues são os escritores que a partir das 17 horas de hoje, e até às 19 e 30, estão nos Pavilhões da CDL e da Editorial Caminho para aí autografarem os seus livros.

Colóquios

• «**As relações luso-soviéticas**» é o tema do encontro que hoje e amanhã decorre na Sala de Conferências do Hotel Roma. O encontro integra-se nas comemorações do 10.º aniversário da Associação Portugal-URSS e tem quatro secções dedicadas à ciência e técnica, cultura e desporto, economia e sócio-político-diplomática.

Cinema

• O Ciclo de Cinema (I)moral promovido pelo Cine-Clube de Viseu tem hoje uma nova sessão, com a exibição do filme «**Os Contos Imorais de Walerian Borowczyk**».



O grupo britânico de rock Echo & The Bunnymen apresenta hoje e amanhã dois concertos em Lisboa e Porto

Caminhos de Ferro Portugueses Informação

REGIÃO SUBURBANA DE LISBOA

LINHA DE CASCAIS

A V I S O

NORMALIZAÇÃO DO CARTAZ HORÁRIO H 39

A partir do próximo dia 26, inclusive, aos **SÁBADOS, DOMINGOS e FERIADOS**, passam a efectuar-se todos os comboios anunciados, no referido horário.

Lisboa, 21 de Maio de 1984

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	84\$75	90\$75
ALEMANHA FED (marco)	50\$25	51\$35
AÚSTRIA (xelim)	7\$05	7\$25
BÉLGICA (franco)	2\$308	2\$508
BRASIL (cruzeiro)	\$055	\$105
CANADA (dólar — notas de 1 a 2)	107\$10	109\$10
(notas de 5 a 1000)	107\$60	109\$60
DINAMARCA (coroa)	13\$70	14\$10
ESPAÑA (peseta)	\$859	\$979
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	139\$05	141\$05
(notas de 5 a 1000)	139\$58	141\$55
FINLÂNDIA (marka)	23\$75	24\$35
FRANÇA (franco)	18\$30	17\$00
HOLANDA (florim)	44\$60	45\$60
IRLÂNDIA (libra)	155\$00	159\$00
ITÁLIA (lira)	\$074	\$084
JAPÃO (iene)	\$572	\$607
NORUEGA (coroa)	17\$65	18\$15
REINO UNIDO (libra)	191\$65	195\$65
SUÉCIA (coroa)	17\$10	17\$70
SUÍÇA (franco)	60\$95	62\$05
VENEZUELA (bolívar)	7\$20	8\$20

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

rádio

Antena Um

18.00: Estrela polar; 19.00: Perspectiva; 20.00: Meio termo; 21.00: Fórum; 22.00: Porto d'honra; 23.30: Último jornal — no estúdio e no estúdio. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.10: Sonatas; 17.00: Concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto; 17.30: O pianista Karl Engel; 18.20: Os mestres de Viena; 19.30: Canções de Schubert; 20.10: Grandes pianistas; 21.00: Para além da leitura; 21.45: O compositor da semana; 22.30: Intercâmbio musical; 00.00: Um conjunto instrumental; 00.25: Maria João Pires e a Orquestra de Câmara de Lausanne; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Fim-de-semana; 19.00: Quatro tempos; 20.00: Quando o telefone toca (3 edições); 21.00: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Broadway; 16.00: Flauta de Pá; 17.00: Country music; 18.00: Lança chamas; 19.00: A ilha das palmeiras; 20.00: Blues index; 21.00: A luz de Edison. Notícias de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA Rede Nacional de OM e FM

15.00: Sábado à tarde; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.30: Horizonte; 20.30: Clube dos colecionadores; 21.00: Hora de música; 22.00: Quando o telefone toca; 23.40: Bola branca (3.ª edição); 23.55: Meditando.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: Universidade na Rádio; 22.57: Boa noite; 23.00: A cor do som; 01.00: As superestrelas do FM

Rede Sul de FM

21.00: Paju; 21.30: Pentagrama. Notícias a todas as horas.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14 045

HORIZONTAIS:

- 1 Cavidade do queijo (pl.) Entrada
- 2 Uma das Ciclades. Sufixo que designa estado Época.
- 3 Ocas. Prolongar
- 4 Estado do Sudoeste da Europa, que ocupa a maior parte da Península Ibérica. Nesse lugar.
- 5 Preposição e artigo (pl.). Passada.
- 6 Informação (fig.). Costumes.
- 7 Mete em mala. Rado (s. q.) Reis
- 8 Bebida do Peru. Magoar
- 9 Zombar. Cinquenta e um em romano
- 10 Verdadeiros. O mesmo que rodilha
- 11 Arsêno (s. q.). Mistura

VERTICAIS:

- 1 Vicosos (fig.). Batráquio.
- 2 Ligas. Namoro.
- 3 Estalagem
- 4 Artigo definido. Fábrica de loiça de barro.
- 5 Nome de mulher. Samano (s. q.).
- 6 Órgão da vista (pl.). Preposição
- 7 A parte dianteira do navio (pl.). Letra grega. Abreviatura de Santíssimo
- 8 Povo antigo da Grécia
- 9 Borrifais. Cabo da Letónia (URSS)
- 10 Desleal
- 11 Rio da Suíça. Marcar

Resolvi completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9895

HORIZONTAIS:

- 1 Rio da Rússia. Embarcação de Bengala.
- 2 Formar as abas a. Culpados.
- 3 Pico dos Pirenéus. Interjeição com que se indica a explosão de um tiro. Conjunção
- 4 O mesmo que argau. Freguesia do concelho de Idanha-a-Nova.
- 5 Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas. A Tailândia.
- 6 Torna a ler. Brisa.
- 7 Antiga medida de capacidade. Grande ribeira da Ásia Russa. Condado da Irlanda.
- 8 Cincho. Coincidi.
- 9 Medida japonesa igual a dois decímetros. Saudável. Centiare.
- 10 Cidade do Estado do Paraná. Mil e cinco em romano. Sufixo que designa estado.
- 11 Nivelar. Fruto da azeitra.

VERTICAIS:

- 1 Onda grande. Anciar.
- 2 Onera com dúvidas. Furiosa.
- 3 Solitário. Abreviatura de Santíssimo.
- 4 Grego (abrev.). Preposição. Designação genérica das plantas herbáceas.
- 5 Divindade do antigo México personificação das águas celestes, senhor do inferno, chamado Tlalocan. Iridio (s. q.).
- 6 Cidade da China. Aves pernaltas.
- 7 Pedras de moinho. Sacerdote budista.
- 8 Letra grega (inv.). Arquipélago soviético do oceano Ártico.
- 9 Lançaria sementes.
- 10 Transpirado. Diplomata francês que mandou de Portugal onde foi embaixador, três pés de tabaco a Catarina de Médicis.
- 11 Queimo. Pago (abrev.). Altar cristão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 044

HORIZONTAIS:

- 1 Pê Sairemos.
- 2 Solto Na.
- 3 AO SÃO MEDO
- 4 los Cosa.
- 5 Amor Arem
- 6 Barrelas.
- 7 Pelai Arão
- 8 Rijas.
- 9 Eram. Cão Ah!
- 10 Jam. Poisa.
- 11 SS. Carroças

VERTICAIS:

- 1 Praias. Reis.
- 2 Oom. Piras.
- 3 SOBEJAM.
- 4 Sós. Ralam
- 5 Alar. Ras. Pá.
- 6 Ito An. Cor
- 7 Rio Cré. Sair
- 8 Moela. Oso
- 9 Esmara AC
- 10 Onda Sa
- 11 São OLHOS.

Provérbio: Ao medo, sobejam os olhos

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9894

HORIZONTAIS:

- 1 Amaça. Acedi.
- 2 Macó. Macuá
- 3 Atola. Ri. Mm.
- 4 Nara. Cás
- 5 Riscados
- 6 Eme. Ur. Dr
- 7 Ba. Irás. Uro
- 8 Artur. Au. Al
- 9 Rea. Avisado
- 10 Reviravas.
- 11 Searas. Ro

VERTICAIS:

- 1 Amancebaras.
- 2 Mata. Maré.
- 3 Acorre. Tara.
- 4 Colai. Iu. Er.
- 5 Surruva
- 6 Ocra. Vis
- 7 Aar. Sair.
- 8 CCI. DD. Usar.
- 9 Eu. Coro. Avó
- 10 Damas. Rada
- 11 Ms. Guloso

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

As 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 16 a.

O TEMPLO DE SHAOLIN

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila 82A

As 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
MONTY PYTHON, O SENTIDO DA VIDA
Realização de Terry Jones
Comédia

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila 45

As 15.30, 18.30 e 21.30
— M. 12 a.

Uma aventura espectacular!
THUNDER, A FÚRIA DO GUERREIRO
c/ Mark Gregory e Bo Svenson
2.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 16 anos

LAÇOS DE TERNURA
7.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30
— N. ac. men. 13 a.

Walt Disney Productions apresenta
20 000 LÉGUAS SUBMARINAS
Um filme de Richard Fleischer
c/ Kirk Douglas, James Mason

CASTIL 530194

R. Castilho

As 14.30, 18 e 21.30
Não ac. men. 13 a.

UNS... E OS OUTROS
2.ª Semana

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas 10

As 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
M. 12 anos

AMOR E COMPAIXÃO
As 24
SEXTA-FEIRA 13 (Parte II)

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto 15

As 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 13 a.

AMAR É VIVER
Amanhã às 11.00
FESTIVAL DISNEY DE VERÃO

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória 37 (ao Saldanha)

As 14, 16.30, 19 e 21.30
— N. ac. men. 13 a.

Três Óscares

CASA DO LAGO

As 24 — N. ac. men. 13 a.

AMBIÇÃO DA GLÓRIA

CINESTUDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

As 15.30 e 21.30

Maiores 18 anos
SCARFACE — A FORÇA DO PODER
Domingo — Para Todos
JERRY, 1.º TURISTA NO ESPAÇO

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 — Amadora

As 15.30, 18.30 e 21.30
— M. 6 a.

ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA
As 24.00
HERCULES C/KARATÉ

CONDES 322573

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 16 a.

Um filme escaldante
O CONSUL HONORÁRIO
c/ Richard Gere e Michael Caine

2000 2100055

Av. B. Voluntários, lts 113/4

As 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
— M. 16 a.

A ESCOLA DO DEVER

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30
N. acons. men. 13 a.

O TEMPLO DE SHAOLIN
As 24.00
O REGRESSO DO DRAGÃO

ESTÚDIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35

As 15, 17, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 anos

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
96.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

As 15.30, 18.30 e 21.30
— M. 16 a.

A MULHER DO AVIADOR

As 24

A LICEAL SEDUZ O PROFESSOR

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

As 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
— M. 13 a.

A ROSA

SALA 2

As 14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45
— Int. men. 18 a.

EU TE AMO

c/ Sónia Braga

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30
— M. 12 a.

OS IMPLACÁVEIS EXTERMINADORES

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

As 15.30 e 21.15
— M. 12 a.

SER OU NÃO SER

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral 37

As 14.15, 16.30 e 21.30
— Int. men. 13 a.

OS CANHÕES DE NAVARONE

As 24 — N. ac. men. 18 a.

O ÚLTIMO AMANHECER

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 16 a.

STAR 80, A TRAGÉDIA

ODEON 328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

As 15.15, 18.15 e 21.30
— Int. men. 18 a.

OS FRUTOS DA PAIXÃO

AVISO: contém cenas eventualmente chocantes

PATHE 821933

R. Francisco Sanches 122

As 14, 16.30 e 21.30
— M. 12 a.

S. A. S. TERROR EM S. SALVADOR
c/ Miles Okeefe
Colorido



Uma cena do filme «A Mulher do Aviator» realizado por Eric Rohmer em exibição no ESTÚDIO 444

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
— M. 16 a.

De novo o par mais hilariante do cinema...

ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA

c/ Terence Hill e Bud Spencer

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.15
— N. ac. men. 16 a.

DESPERADO CITY

As 00.45

— M. 18 a.

BEM-VINDO, MR. CHANCE

SALA 2

As 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.15
— N. ac. men. 16 a.

PAIXÃO

As 00.45

— M. 18 a.

O COW-BOY DA NOITE

SALA 3

As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.15
— M. 18 a.

A MULHER EM CHAMAS

As 00.45

— M. 18 a.

O HOMEM DAS PISTOLAS DE OURO

SALA 4

As 14.15, 16.30, 18.45, 21, 23.15
— M. 18 a.

O CONTRATO

As 00.45

— M. 18 a.

O ÚLTIMO TANGO EM PARIS

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
— N. ac. men. 13 a.

A RAINHA AFRICANA

As 24.00

O ÚLTIMO TANGO EM PARIS

ROMA TEL. 727778

Av. de Roma, 14 M-N

As 15.30, 18.30 e 21.30
— M. 16 a.

O REGRESSO — COME BACK

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 12 a.

A FÚRIA DO GUERREIRO

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

As 15.30, 18.30 e 21.30
— N. ac. men. 13 a.

SAFARI 3000

SALA 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 12 a.

YENTIL

c/ Barbra Streisand

SALA 3

As 14.30, 16.30, 18.45 e 21.45
— M. 12 a.

ZELIG

c/ Woody Allen e Mia Farrow

7.ª ARTE 730715

Av. República, à E. Entre Campos, junto ao n.º 63
As 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45

— M. 18 a.

MONTY PYTHON'S, O SENTIDO DA VIDA

Domingo às 11.15 — Para Todos

PARADA DE ESTRELAS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro 14-C

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
— M. 12 a.

A EDUCAÇÃO DE RITA

As 00.00

EMMANUELLE

TURIM 706666

E. de Benfca, 723-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30
— Int. men. 13 a.

TUBARÃO III

de Simone Maccor Kindale

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 879

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
— N. ac. men. 13 a.

Uma emocionante história de amor que nos leva a recordar...

O NOSSO AMOR DE ONTEM

c/ Barbra Streisand e Robert Redford

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
— M. 16 a.

CHRISTINE, O CARRO ASSASSINO

As 23.45 — N. ac. men. 18 a.

Bom Cinema

Um problema actual

FORÇA DE INTERVENÇÃO

ANTIDROGA

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 — «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)

ALFA-2 — «A Força do Poder», às 21.15 (18 anos)

ALFA-3 — «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)

OLÍMPIA — «Mirones Sexuais», sessões permanentes (16 anos)

MUNDIAL — «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)

TERMINAL — «Star 80, a Tragédia», às 21.30 (16 anos)

CAPITÓLIO — «Prazeres Solitários», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

ALFA-CLUB — «Jogos de Guerra», às 21.30 e 24.00 (12 anos)

LONDRES — «O Consul Honorário», às 21.30 (16 anos)

ESTÚDIO ACS — «Victor, Victória», às 21.30 (13 anos)

TIVOLI — «Psico II», às 21.30 (16 anos)

ZODIACO — «A Última Loucura», às 21.30 (13 anos)

RESTELO — «Operação Thor», às 21.30 (12 anos)

CITY-CINE — «Victor, Victória», às 21.30 (13 anos)

APOLO 70 — «Britannia Hospital», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA — «Caçada Implacável», às 21.30 (18 anos)

CINEMATECA PORTUGUESA — «Esta Mulher é Minha», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — «O Regresso de Jedi», às 21.15 (6 anos)

PAÇO DE ARCOS — Chaplin — «Dez para a Meia-Noite», às 21.15 (13 anos)

OBRAS — Oeiras-Cine — «Classe de 1984», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL — Casino — «Jovens Médicos Apoiados», às 21.15 (12 anos)

ESTORIL — Palácio — «O Grande Hotel Excelsior», às 21.30 (6 anos)

CASCAIS — Impala — «A Força do Poder», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA — Cine-Estúdio — «Debaixo de Fogo», às 21.30 (16 anos)

ALMADA — Incrível — «Os Gladiadores do Futuro», às 21.15 (16 anos)

ALMADA — Academia — «Feliz Natal, Mr. Lawrence», às 21.15 (16 anos)

CRUZ DE PAU — Lord — «Wargames», às 21.30 (18 anos)

SETÚBAL — Júpiter — «Loucuras na Praia», às 21.15 (12 anos)

Linha de Sintra

CACÉM — Cine-Estúdio Flores — «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)

MEM MARTINS — Cine-Chaby — «Afrodite», às 21.30 (18 anos)

SINTRA — Carlos Manuel — «Os Salteadores da Cobra de Ouro», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA — Cineestúdio — «A Felina», às 21.15 (18 anos)

Porto

CHAPLIN — «O Vigilante», às 21.30 (16 anos)

PEDRO CEM — «A Odisseia do Submarino 96», às 21.30 (18 anos)

SALA BEBÊ — «Negócios Arriscados», às 21.45 (13 anos)

BATALHA — «Tornado», às 21.45 (16 anos)

TRINDADE — «Christie», às 21.45 (16 anos)

TERÇO — «Operação Thor», às 21.30 (13 anos)

CHARLOT — «Debaixo de Fogo», às 21.30 (16 anos)

RAIONE — «Policia e Ladrões», às 21.30 (12 anos)

SÃO JOÃO — «Laços de Ternura», às 21.30 (12 anos)

RIVOLI — «Debaixo de Fogo», às 21.30 (16 anos)

JULIO DINIS — «Garotas em Uniforme», às 21.30 (18 anos)

FOCO — «Apocalypse Now», às 21.30 (18 anos)

OLÍMPIA — «João Broncas e os Malucos da Bola», às 21.30 (18 anos)

LUMIÈRE-L — «O Bailarino das Nuvens», às 21.45 (12 anos)

PASSOS MANUEL — «Os Marginais», às 21.45 (12 anos)

ESTÚDIO — «O Ladrão de Bagdad», às 21.30 (13 anos)

AGUIA — «Chamavam-lhe Califórnia», às 21.30 (13 anos)

DL

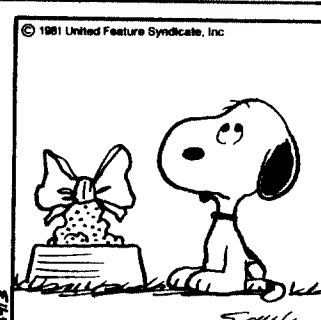
Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico: DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

PORTO
PAGO



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
0.40	3.4 m 5.56 1.5 m
12.33	3.4 m 18.14 1.5 m
Dia 27	
0.49	3.5 m 6.33 1.3 m
13.13	3.5 m 18.53 1.3 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO	13°
BRAGANÇA	10°
VILA REAL	10°
PORTO	12°
COIMBRA	12°
CABO CARVOEIRO	14°
PORTALEGRE	8°
LISBOA	13°
ÉVORA	11°
BEJA	8°
FARO	11°
SAGRES	11°
PONTA DELGADA	14°
FUNCHAL	16°

últimas

ESCLARECIDO ASSALTO A OUVESARIA dos Anjos que ocorreu na noite de 18 para 19 do corrente mês, pela 12.ª Secção da PJ de Lisboa que deteve o autor e recuperou grande parte dos artigos furtados. O assaltante utilizou escopro e martelo para abrir um buraco na parede que separa a ouvesaria, antiga casa de penhores, de uma estância de madeiras e apoderou-se de 1200 contos de artigos em ouro. Tem 33 anos e antecedentes penais encontrando-se há 3 meses em liberdade condicional. No momento da captura, numa pensão da Av. Almirante Reis, foram-lhe encontradas as ferramentas utilizadas e um berbequim destinado a outro golpe.

A REDACÇÃO DE «O GLOBO» poderá paralisar na próxima semana («provavelmente a partir de segunda-feira»), e segundo conseguimos apurar, de fonte bem informada. A paralisação, já anunciada e que tem sido adiada sucessivas vezes, prende-se com o atraso no pagamento dos salários de Abril e Maio e dos subsídios de férias e 13.º mês de 1983.

UM TÚNEL FERROVIÁRIO SOB A MANCHA poderá vir a ser construído com o apoio da CEE. A Comissão de Bruxelas anunciou ontem que fará «tudo o que for possível» para que o projecto, apresentado por um consórcio de bancos ingleses e franceses, venha a ser concretizado.

ASSALTARAM UMA CORPORAÇÃO DE BOMBEIROS da área de Loures de onde subtraíram aparelhagem de som e 150 contos em dinheiro proveniente de peditórios e festas. Foram já ambos detidos, um deles poucas horas depois do furto.

A FACULDADE DE LETRAS de Lisboa promove na próxima terça-feira, às 14 e 30, uma sessão de homenagem ao falecido prof. Jacinto do Prado Coelho. Ao mesmo tempo estará patente ao público uma exposição bibliográfica do professor, que vinha sendo preparada para celebrar os seus quarenta anos de ensino naquele estabelecimento.

TAMBÉM NA FACULDADE DE LETRAS de Lisboa, decorrerá no próximo dia 31, às 17 horas, uma sessão subordinada ao tema «História do 25 de Abril, o passado e o presente», por iniciativa da Associação 25 de Abril e do conselho directivo da Faculdade. Esta sessão, em que serão oradores o dr. Fernando Piteira Santos e a dr.ª Manuela Silva, encerra as comemorações do 25 de Abril na Faculdade.

Helena Roseta em Torres Novas:

“É preciso dar uma volta ao PSD”

“É preciso dar uma volta ao PSD”, afirmou Helena Roseta, ontem, em Torres Vedras, evocando Sá Carneiro e lembrando a sua personalidade de «um homem de uma só palavra».

A arq.ª Helena Roseta, presidente da CM de Cascais e controversa militante social-democrata, que falava durante uma sessão evocativa dos 10 anos do PSD e, simultaneamente, o quinquagésimo aniversário do nascimento de Sá Carneiro, disse também que «os portugueses desejam um Governo de que se orgulhem».

Dirigindo-se a Rui Machete, também presente na sessão,

Helena Roseta, disse saber que aquele membro do Governo está encarregado de trabalhar na remodelação do Executivo e pediu-lhe que as mudanças e efectuar não sejam influenciadas por «vinganças antigas».

A dirigente social-democrata lamentou que, hoje, nas sedes do PSD, se discute «a intriga da véspera ou as notícias dos jornais» em vez da social democracia. «Temos de voltar a explicar às pessoas que a social democracia é o futuro», disse Helena Roseta que lamentou, ainda, que neste momento «não se esteja a fazer nada

pelos jovens», o que considerou insustentável.

Durante a sessão, que decorreu no Clube Artístico e Comercial de Torres Vedras, falaram ainda Moura Guedes, Tomás Oliveira Dias e Rui Machete.

Soube-se, entretanto, que o documento que Rui Machete e Eduardo Pereira elaboraram com vista à remodelação do Governo, designadamente quanto às medidas estruturais, não foi debatido na reunião da Comissão Permanente de ontem do PSD, à qual Mota Pinto voltou a não comparecer, mas na qual participou o ministro da Justiça.

Este ano

Comércio mundial poderá crescer entre cinco e seis por cento

O comércio mundial poderá crescer em 1984 entre 5 e 6 por cento, segundo uma análise do Secretariado do Acordo Geral de Comércio e Pautas Aduaneiras, ontem divulgado em Genebra.

O estudo, intitulado «O comércio internacional em 1983 e as perspectivas actuais», afirma que «tendo em consideração as previsões actuais sobre o crescimento do produto nacional bruto dos principais países e a recuperação económica, que entra numa fase avançada, parece provável que o crescimento

real do comércio mundial em 1984 se situará entre 5 e 6 por cento em relação a 1983».

Acrescenta-se no estudo que se verificou uma «melhoria nas perspectivas económicas», mas insiste-se que «o desemprego continua a ser uma das maiores preocupações na Europa Ocidental e no conjunto do mundo desenvolvido».

O GATT, num panorama de conjunto da economia, recorda que continua a ser elevada a procura de capitais em relação à poupança disponível, o que con-

tribui para manter em alta as taxas de juro internacionais.

Sobre a inflação, o estudo do GATT afirma que «nada indica claramente que uma vitória definitiva tenha sido obtida nos principais países industrializados».

Para os autores do estudo, os dois principais problemas do início desta década — uma solução ordenada da crise do endividamento e o regresso a um crescimento sustentado e não inflacionário da economia mundial — «representam os desafios no plano de política geral».

CML promete segurança à “primária” n.º 120

As crianças que frequentam a escola número 120, na Estrada da Luz, vão poder circular na área com maior segurança, segundo garante o pelouro do Trânsito da Câmara Municipal de Lisboa.

Segundo um comunicado da CML, tanto os alunos como os moradores do Bairro de S. João

poderão circular na área com maior segurança logo que estejam concluídas as obras de reordenamento do trânsito a iniciar a curto prazo.

Nesse sentido o pelouro do Trânsito da CML acaba de despachar favoravelmente o projecto que permite seja vedada com calçada a entrada de veículos na Rua Virgílio Correia a partir da Rua Lúcio Azevedo, permitindo, assim, o prolongamento da Rua dos Oleiros conforme foi previsto no projecto de urbanização da zona, garantindo ao mesmo tempo a segurança dos peões.

A direcção da escola número 120 deu o seu acordo a este projecto em reunião com a responsável do pelouro Social da Câmara, a vereadora Ana Sara.

Banana “Chiquita” da Colômbia descarregada no Poço do Bispo

Depois de um interregno de três anos, a banana «Chiquita» voltou a ser descarregada em Lisboa, no Cais do Poço do Bispo. Trata-se de uma importação de duas mil toneladas procedentes da Colômbia, e transportadas pelo navio «Barrydale».

A última importação de «Chiquita» verificara-se em 1981 e fora também de origem colombiana, segundo José Manuel Soares, porta-voz da Junta Nacional das Frutas (JNF). A banana irá ser distribuída aos armazenistas por aquele organismo que reservará para si 150 toneladas para serem vendidas nos postos privados.

A JNF factura o quilo de banana a 83,50 escudos, mas com as margens de lucro atribuídas aos armazenistas (25 por cento) e aos retalhistas (30 por cento)

pode calcular-se que o preço de venda ao público virá a fixar-se em 137 ou 138 escudos.

Nos últimos três anos, o mercado nacional foi abastecido pela Madeira, cuja produção anual ronda as 30 mil toneladas. Destas, um terço chega a Lisboa no período do Inverno e dois terços na época estival. Até aos anos 60 a banana consumida no Continente provinha da Madeira, Angola e Cabo Verde, num total de cerca de 80 mil toneladas/ano. Actualmente o mercado é abastecido com uma média que varia entre duas e quatro mil toneladas por mês, conforme os cálculos de José Manuel Soares. Para este dirigente da JNF, é de «boa qualidade» a banana que está em descarga no cais Poço do Bispo pois de outra forma «não teria entrada nos mercados da Europa, como sucede».

Caça ao contrabando de marisco

GF atinge pai e filho perto de Vilar Formoso

Elementos da Guarda Fiscal de Vilar Formoso dispararam há dias contra um automóvel durante uma operação «stop» junto à fronteira, tendo ferido os seus dois ocupantes.

António Santos e seu filho, José Tavares Santos, os ocupantes, não pararam ao sinal da Guarda Fiscal e sofreram ferimentos, em várias partes do

corpo, tendo ficado hospitalizados em Coimbra.

A operação, montada pela Guarda Fiscal junto à fronteira, visava o combate ao contrabando de marisco naquela área.

O comando da Guarda Fiscal de Coimbra mandou entretanto abrir um inquérito sobre o incidente, a cargo da Polícia Judiciária Militar.

Receptador pagava com dinheiro falso

Farto de pagar os artigos furtados com moeda corrente, o sr. Carvalho, com estabelecimento comercial na zona de Setúbal, passou a usar para o efeito dinheiro falso.

Na base desta descoberta esteve a Judiciária de Setúbal ao deter dois indivíduos, ainda jovens, de apelidos Marques e Rosa, de 26 e 28 anos, especializados em assaltos a estabelecimentos de electrodomésticos. Actuavam um pouco por todo o

espaço da Grande Lisboa, como, por exemplo: Setúbal, Barreiro, Palmela, Baixa da Banheira, Cascais, Oeiras, Lisboa e Vila Franca de Xira.

Habitualmente utilizavam viaturas furtadas, a última das quais, uma carrinha Toyota Corolla, furtada em Lisboa.

Os investigadores criminais apreenderam ao «intruso» (apodo porque são conhecidos os receptadores) diversos aparelhos roubados no valor de centenas de contos.

Fogo mata nonagenária numa aldeia de Viseu

Uma mulher de 92 anos morreu ontem em Pindelo de Salgueiros, no concelho de Viseu, devorada pelas chamas que deflagraram na sua casa, reduzindo-a a um pequeno brasero em poucos instantes.

Aqui se conta como o drama se passou: Justina do Amaral Tenreiro encontrava-se em casa, na companhia de um neto (Rui Paiva Simões, de 12 anos) que, em consequência do incêndio, sofreu queimaduras do segundo grau.

O acidente verificou-se quando o jovem tentava acender a lareira com agsolina, onde ainda existem brasas que se incendiaram, pegando fogo à cozinha.

Rui Simões tentou, ainda, salvar a avó, que era quase cega. Arrastou-a até à porta, que não conseguiu abrir, acabando por saltar pela janela da casa e dando o alarme para a rua.

Os bombeiros acorreram ao local, mas o fogo encontrava-se já praticamente extinto por populares.

EXTERNATO PASSOS MANUEL

PRIMÁRIO - INFANTIL - PRÉ-PRIMÁRIO - 1.º E 2.º

• Transporte privativo
• Ginástica
• Natación
• Artes Plásticas
• Iniciação Musical
• Iniciação a uma língua

ABERTAS AS INSCRIÇÕES 1984/85

PASSOS MANUEL, 24 RUE E (Metro Augusta) - Tel. 56 13 83

Sábado

Histórias de Fantasmas

Nem a Casa
Branca escapa
às almas
do outro
mundo



**SOFIA
LOREN**

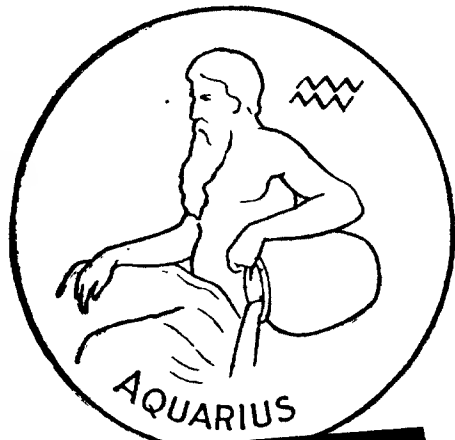
Uma certa
'imagem de marca'

CONCURSO
Los Angeles 84

Esta semana damos mais
um televisor a cores

ASTROLOGIA

A criança e os signos (11)



O Aquário

Se o seu filho (ou filha) nasceu entre 20 de Janeiro e 18 de Fevereiro, o seu *signo solar* é o Aquário. Mas só a carta do céu ou o cosmograma poderão indicar com mais precisão se ele (ou ela) foi particularmente «marcado» pela dinâmica do signo do Aquário ou se, pelo contrário, o seu *signo ascendente* (o signo que se ergue no Oriente no momento do nascimento) ou uma concentração de factores planetares num determinado signo (ou signos), caracterizam especialmente a expressão e a evolução da sua personalidade. No entanto, a observação atenta e metódica das características da criança, auxilia a determinar, como já dissemos, outras dominantes eventualmente mais actuaes e a descobrir a tipologia exacta.

Como todos os outros signos do Zodíaco, o Aquário não se refere à constelação do mesmo nome, mas, no seu caso, à porção zodiacal compreendida entre os 300 e os 330 graus de longitude, que se situa a igual distância do solstício de Inverno e do equinócio da Primavera, a meio caminho entre o Capricórnio (onde o Sol atinge o máximo de declinação Sul) e o início do signo do Carneiro.

Isto quer dizer que nos encontramos, do ponto de vista do nosso hemisfério, em pleno Inverno. No seio da terra gelada e despojada, aparentemente sem vida, infiltram-se as neves e as chuvas hibernais. Todo o processo vital se elabora no segredo de uma alquimia interna. Sob a terra, a semente assimila os elementos nutritivos que presidem a uma nova vida.

Cultura e ideais

No Aquário a vida social e espiritual não está centrada em torno dos deveres cívicos, do prestígio e dos imperativos políticos do Capricórnio, mas em torno da vida cultural, dos ideais que animam a inspiração dos grupos e das afinidades electivas. Se descermos das altas esferas da espiritualidade aquariana, poderemos encontrar as aptidões do signo do Aquário orientadas para a participação em empreendimentos colectivos, quaisquer que eles sejam, mas em que predomine o critério do relacionamento fraterno, da compreensão e colaboração entre os elementos humanos que formam o colectivo. O Aquário e Neptuno conferem eficácia à vida dos grupos, na medida em que nela introduzem a necessidade de restringir as reivindicações egocéntricas e de consagrar a expressão das energias pessoais ao bem comum.

O bebé «marcado» pelo Aquário, no Ascendente, por exemplo, pode mostrar-se nervoso, caprichoso, agitado, sem grande apetite, mas com um desenvolvimento regular. E normal. Ainda muito pequeno manifesta as suas preferências pelas pessoas que o cercam e parece compreender tudo o que se passa à sua volta. O bebé do Aquário precisa de um ambiente calmo, afectivamente envolvente e não deve ser deixado muito tempo só.

Sensível e reflectida

A criança deste tipo zodiacal é sensível, emotiva, vibrante, mas bastante tímida.

Gosta de sonhar, cantar, deixar-se embalar pelas fantasias da sua imaginação, mas no fundo é reflectida, pensativa, de espírito alerta. Desde cedo se manifesta nela uma grande necessidade de preservar a sua individualidade e independência, passando a resistir a uma autoridade estrita e opressiva. É o tipo de criança que tem uma grande necessidade de iniciativa pessoal e de agir com liberdade, pois tem ideias próprias.

Na escola, a criança do Aquário revela uma inteligência viva, de rápida compreensão, mas o seu trabalho efectivo depende bastante da simpatia que lhe testemunham os seus professores. Em geral é boa aluna naquilo que a interessa, mas insuficiente no resto, sobretudo se não pode exercer a sua criatividade.

Ainda que fisicamente resistente, pode aparentar uma fraca vitalidade. Neste caso, mais do que dar-lhe uma comida abundante, ela precisa de uma vida sã e com exercício ao ar livre, em contacto com a natureza. A estabilidade psicológica desta criança depende de uma certa harmonia ambiental, devendo os educadores evitar sempre que possível situações de contrariedade, e fortes confrontos emotivos. A criança do Aquário possui espontaneamente uma natureza refinada, sensível à beleza das coisas e à elevação dos sentimentos.

Este tipo de criança é mais ou menos consciente, segundo o seu nível de desenvolvimento e idade, que existe um grande *ideal* latente na sua vida, um ideal de devotamento e consagração a qualquer coisa, muitas vezes sem forma definida. Mas antes que a criança do Aquário se entregue ao seu ideal ou pelo menos prepare a sua expressão futura, é preciso que ela se «incarne» o melhor possível na realidade prosaica da vida quotidiana, a qual não o atrai especialmente.

Realidade e dedicação

Por isso mesmo, a sua educação sensorial é muito importante, assim como a observação dos detalhes pitorescos e enternecedores da vida da natureza. Também o elemento *tempo* deve ser cultivado, procurando o educador sensibilizá-la para esta dimensão das coisas, através de uma chamada de atenção regular (mas não impositiva ou impertinente) para a estação, o dia e a hora em que ela vive. Além disso, é preciso que ela se situe num tempo e num lugar dados, de forma a que possa sentir-se como parte integrante, mas distinta, de uma situação, da vida do grupo. E não esquecer de lhe conferir uma pequena responsabilidade material na vida familiar: pôr a mesa, arrumar a loiça, regar as flores dos vasos, fazer pequenas compras, etc.

Por outro lado, à medida que a criança cresce é preciso demonstrar-lhe, com grande delicadeza e exemplos concretos, que desejar o bem dos outros, não implica necessariamente deixar-se massacrar ou ser vítima de abusos. É preciso saber dizer «não» ou «basta» quando é preciso... E, sobretudo, não alimentar por «ideal» as fraquezas alheias (e os seus abusos), assim como aquelas que dizem respeito a si mesmo.

Em relação ao adolescente do Aquário, é importante que ele (ou ela) se conheça a si mesmo: o humor tranquilo, assim como uma forma fácil na vida de relação, podem não ser sinónimos de valor moral, pois podem significar, apenas abandono e fraqueza, e não necessariamente serenidade e sabedoria...

O adolescente «marcado» pelo Aquário tem necessidade vital de dirigir a sua energia para um ideal, para uma causa a que se consagre e sirva, mas sem perder o sentido das realidades. Neste sentido, é preciso auxiliá-lo a descobrir que num mundo obcecado pelo lucro imediato e a fruição inconstante, raras serão aquelas pessoas que compreenderão o seu esforço, mas que mesmo assim (ou por isso mesmo) serão preciosos a sua dedicação e compreensão.

V.Q.

Faz 50 anos em Setembro

Sofia Loren prepara o «assalto» à televisão?

Radicada na Califórnia, a actriz italiana Sofia Loren prepara-se para abrir novo capítulo na sua carreira, com a aparição numa série de episódio da célebre telenovela «Dallas».

Sofia Loren na televisão, sim ou não?

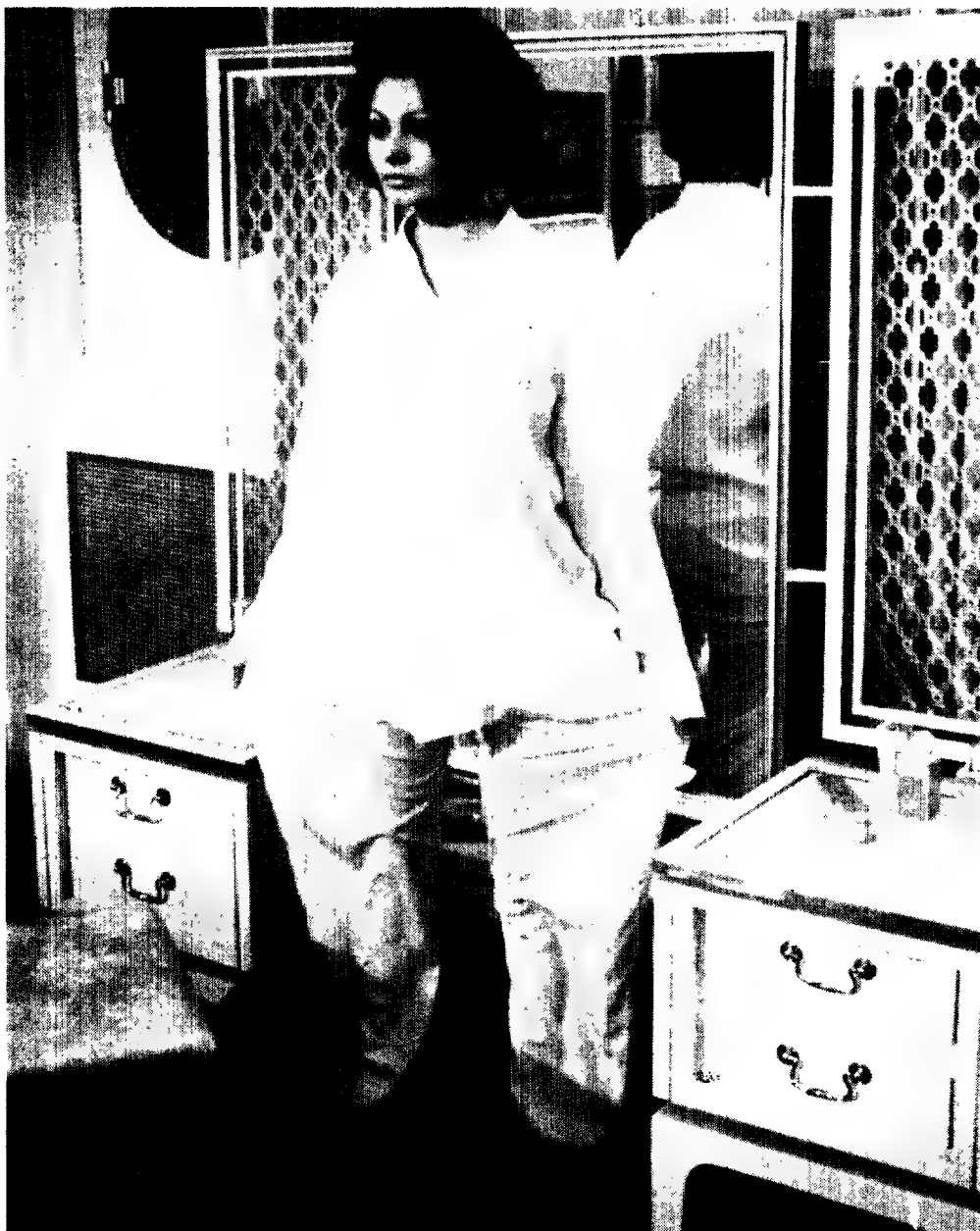
As opiniões dividem-se, mesmo se é certo que a famosa intérprete de «As Duas Mulheres», «Casamento à Italiana», «El Cid» e «A Queda do Império Romano»,

assinou um valioso contrato para surgir em alguns episódios da série «Dallas».

Radicada na Califórnia com a família, Sofia recusa-se a fazer comentários ou a prestar declarações, enquanto roda um filme na

companhia do seu filho mais velho.

Entretanto, Carlo Ponti, o seu marido, não parece muito interessado neste contrato, sustentando que as aparições de Sofia na televisão só servirão para banalizar uma car-



«A Condessa de Hong Kong»: contracenou com Marlon Brando no filme de Chaplin

WELCOME
OPHIA
ORE

SOFIA LOREN



Sofia Loren: a popularidade é a sua «segunda natureza»

reira que tem sabido manter-se sempre na crista da onda.

Desde 1979 que a actriz não aparece em frente das câmaras, quando filmou «O Poder do Fogo», de Michael Winner, ao lado de James Coburne e Anthony Franciosa. Agora, aceitou protagonizar «Qualcosa de Biondo», emparceirando com Daniel Travanti, filho de italianos, que «A Balada de Hill Street» projectou, na televisão, para primeiro plano, como Capitão Furillo.

Sofia Loren, que sempre escolheu com enorme cuidado os seus parceiros de tela, vai contracenar pela primeira vez com um actor relativamente desconhecido, e ainda por cima vindo da televisão.

Segundo tudo leva a crer, a actriz está mesmo decidida a «ganhar» a América e não perder uma só das grandes oportunidades que se lhe depa-rem.

Califórnia: as oportunidades

As oportunidades estão onde se encontram os grandes estúdios, e isso só tem um nome: Califórnia.

Sofia Loren nunca mais esqueceu a fome que sofreu durante a Segunda Guerra Mundial, quando se viu obrigada a pedir esmola pelas ruas de Roma, para sobreviver. Por isso, considera que é impossível manter o estilo de vida a que se habituou desde que é «Sofia Loren», sem trabalhar com mais assiduidade.

A sua dívida ao governo

italiano — que meteu uma estada de «luxo» na prisão — está paga. A bela napolitana mudou-se de Paris para Los Angeles, mas isso teve um preço: a «ginástica» financeira para conservar um padrão de vida de super estrela em Hollywood, e poder competir com milionários e amigos de longa data como Gregory Peck, Cary ou Frank Sinatra.

A biografia televisiva que ela própria ajudou a produzir saldou-se por um fracasso, e desferiu um sério golpe nas esperanças que alimentava de conquistar rapidamente o público americano. E os seus mais recentes filmes não têm sido melhores...

Não admira, por isso, que a actriz tenha pegado na família e mudado com armas e bagagens para a ensolarada e exótica Califórnia onde, segundo afirma, tudo lhe recorda a sua Itália e está «mais perto dos grandes estúdios e das grandes oportunidades».

Uma dessas oportunidades seria a vida da grande Callas, o famoso soprano que Sofia conheceu muito bem.

Mas Ponti, desde sempre o grande timoneiro da sua fantástica carreira, opõe-se, consciente de que Sofia merece um lugar entre os maiores.

Insistindo na opção por filmes especialmente criados para o perfil de sua mulher e não simples «migalhas» e «sobras» de outras estrelas de menor dimensão, Carlo Ponti tem contribuído para adiar uma decisão final: Sofia Loren na televisão, sim ou não?

Sofia Loren, 49 anos, actriz: aparição próxima em «Dallas»



PELA ESTRADA FORA



Ruínas de Conímbriga: deram matéria-prima a Condeixa-a-Velha

De costas para o mar pelas margens do Mondego

Ainda em terras da Beira Litoral, deliberadamente se viram as costas ao mar, e ruma o viajante para o interior. Por agora, trilhando os campos de Coimbra, e as margens do Mondego.

Campo de Coimbra: sub-região constituída pelas terras de uma e de outra margem do rio Mondego, ou dos vales que para eles descem.

Terrenos férteis, quase seria desnecessário dizê-lo, com grande variedade de produção, do milho ao arroz, do feijão à árvore de fruto. Tradicional é, deste modo, a ocupação na agricultura pelos habitantes, com os olhos postos na grande cidade do centro do País, foco urbano polarizador de inúmeras actividades humanas, Coimbra de seu nome.

Afastar-se, porém, o nosso leitor, e de um modo deliberado, da cidade — talvez para uma outra ocasião melhor, a desbravarmos, se não seguiu o viajante o roteiro que em tempos aqui mesmo lhe propusémos — em demanda de algumas manifestações locais de actividade artesanal que sobreviveram até aos nossos dias.

Em Condeixa-a-Nova, um latoeiro trabalha ainda na sua oficina. Tecedeiras, existem ainda em Almalaguês, dobando o fio ou trabalhando no tear. Ou o cesteiro em Taveiro, exercendo a sua tradicional actividade.

Em toda esta residual actividade criativa, Almalaguês — freguesia onde ainda é possível ver em Torre de Bera uma torre medieval fortemente deteriorada — ocupa o lugar proeminente, ocupando 300 tecedeiras de Torre de Bera, Outeiro de Bera e Anaguéis. Colchas de trapo ou de algodão são das peças mais produzidas, e que o viajante poderá procurar com tempo.

Na margem sul do Mondego, Taveiro, é conhecida ainda pela importância da cultura de arroz. Já existia em 980, doada ao Mosteiro de Lorvão. Repovoada mais tarde, é hoje uma das mais industrializadas freguesias do concelho.

Mas este é apenas um, dos pontos possíveis do itinerário pela região. Porque no caminho para Condeixa-a-Nova e Condeixa-a-Velha, passagem «obrigatória» será por Cernache, outrora chamada dos Alhos, em virtude da abundância destas liliáceas, produzidas nos seus férteis campos. Fica a curta distância de Coimbra, esparguando-se ao longo da antiga estrada de Lisboa.

Condeixa-a-Nova, aparece já assim designada em 1219, para se distinguir de a Velha. A terceira invasão francesa martirizou-a sem igual. Apesar da sua quase total destruição, que não poupou sequer a igreja matriz, ainda hoje dispõe a vila de algumas casas antigas, com destaque para o Palácio Sotto Mayor.

Condeixa-a-Velha, por seu turno, assenta parcialmente sobre edifícios do **oppidum** romano de Conímbriga, a cujas ruínas foi recorrendo ao longo de séculos para obter fáceis materiais de construção.

A importância histórico-arqueológica de Conímbriga é presentemente de interesse internacional. Várias casas, termas, o fórum e a muralha são motivos de observação para quem visita a cidade romana. E os seus mosaicos são de beleza sem par. Por este local se entreterá longamente o viajante, antes de demandar outras paragens e outras gentes.

O país das tiragens milionárias

O seu nome, *Asahi*, significa «Luz da manhã». O seu estandarte, que é o vermelho e branco do Sol-Nascente, flutua em pleno céu no coração de Tóquio, e, mais para além, irradia sobre todo o Japão. Ele dá o tom. E quando surge, a golpes de manchete, os governos escutam-no muitas vezes baixando a cabeça ou fingindo que a baixam. Como podia ser de outro modo quando as «luzes» editoriais, da manhã e da tarde, deste defensor da moral política e do pacifismo entram quotidianamente em mais de doze milhões de lares e são lidos por três vezes mais de eleitores e de consumidores...?

À hora matinal em que os *gourmets* tomam o seu pequeno almoço de filetes crus de atum e de dourada nos «sushiayas» próximas de tsukiji, o mais célebre mercado de peixe do Japão, o *Asahi*, esse engole, como se de pãesinhos se tratasse, os 2600 rolos (1500 toneladas) de papel que são o seu menu quotidiano, e que rega com vinte toneladas de tinta, como se fizesse uma saúde.

Ele é como os outros jornais japoneses, esses «shimbun» uniformes e prósperos que milhões de papívoros insatiáveis devoram quotidianamente.

Ainda mais cedo, à hora que noutros lugares seria a do leiteiro, milhares de estudantes e ciclistas, atafalharam milhões de caixas de correio com as suas folhas bem frescas de tinta e de sangue. São mais de quatrocentos distribuidores em todo o arquipélago que fazem essa maratona matinal antes de ir para a escola. Enquanto por esse mundo fora tantos outros jornais ficam anémicos, ultrapassados que são pelos acontecimentos, vítimas da evolução dos costumes ou da anorexia dos seus leitores, o apetite gargantuesco do *Asahi Shimbun* testemunha, entre outros, porque ele nem sequer é o mais prolífico — a espantosa saúde da imprensa nipónica, do dinamismo das suas redes de distribuição, o respeito que um público a um tempo ávido e passivo tem pela coisa escrita.

E isto apesar da sua fascinação pelas imagens que uma dezena de canais de televisão emitem até muito tarde.

Aqui, embora em média se consagre três horas por dia à «terebi» (TV) — que 99% dos lares japo-

neses possui — dedicam-se quarenta minutos ao jornal. Mas é certo que o cidadão médio passa quotidianamente mais de uma hora no comboio e que o conformismo social acentua aqui mais do que em qualquer outra parte o efeito de massas.

Todos os dias, incluindo o domingo, os 9000 empregados do *Asahi* (um terço jornalistas, um terço técnicos e operários, um terço quadros) fabricam em Tóquio, em Osaka, Nagoya e Kyushu as duas edições (24 e 16 páginas) de que são difundidos respectivamente 7,5 e 4,6 milhões de exemplares, isto é, mais de 12 milhões por dia. Isto faz, sem dúvida, sonhar qualquer proprietário de imprensa ocidental. Mas não é tudo.

O *Asahi*, embora tenha entrada num lar japonês em cinco, não é o «*ichi ban*», o número um. Se continua a ser o primeiro em qualidade, o record de difusão pertence ao seu grande concorrente nacional, o *Yomiuri*, um «*Shimbun*» cuja tiragem é feita à cadência quotidiana de uns catorze milhões de exemplares: uma metralhadora de notícias, o campeão da informação.

Vêm seguidamente o *Mainichi* (6,6 milhões), o *Sankei* (4 milhões) e o quotidiano económico *Nihon Keizai Shimbun* (3 milhões). Este último tem uma tiragem maior do que o *Financial Times* (Grã Bretanha) e o *Wall Street Journal* (Estados Unidos) reunidos. Um apetite de economia com que os japoneses se dão bem. A lista não é exaustiva porque a difusão total dos quotidianos japoneses se eleva a mais de 68 milhões de exemplares... para 118 milhões de habitantes. Um

por dois, que se pode dizer mais?

Os três primeiros desses gigantes também têm uma edição quotidiana em inglês com uma tiragem de várias dezenas de milhares de exemplares. Quanto às outras publicações, de todos os géneros, podemos referir, para além dos 142 jornais diários, uma centena de semanários e uns 2000 mensários que, só por si, venderam em 1982 mais de 3 biliões de exemplares. Isto mostra o interesse dos japoneses por toda a espécie de informação. Porque o cidadão médio tem medo de não estar actualizado mas também porque não quer receber o conhecimento infuso, que (70%) considera a imprensa digna de crédito e, sobre tudo, porque não há aqui nenhum equivalente do «Café du Commerce». O «falo portanto sei» não é muito japonês. Aqui lê-se mais para saber ou porque «não é costume» não ler o jornal. Ou ainda porque, veremos, não há, na verdade, possibilidade de escolha.

O *Asahi* foi fundado em 1879, em Osaka, na época Meiji, pouco depois da abertura do Japão ao mundo exterior. Depois de dois séculos de isolamento, o entusiasmo pelas informações de toda a espécie, e o desejo de «apanhar» o ocidente, eram grandes o que pouco mudou, embora depois o aluno tenha muitas vezes ultrapassado os mestres.

Tanto no domínio da imprensa como em tantos outros em que a técnica local era inexistente, os japoneses souberam aprender, aproveitar e transformar os seus atrasos e fraquezas em inovações e em sucessos. Por exemplo, foi a um fabricante francês (Marinoni), que o *Asahi* comprou em 1890

uma rotativa do mais moderno que então havia. Menos de um século mais tarde (em 1980), foi com os grandes da electrónica (IBM-Japão, Fujitsu e Nippon Electric) que o *Asahi* realizou o processo NELSON (New Editing and Layout System Of Newspapers), informatizando a sua produção do tratamento dos textos à paginação e ao carregamento dos camiões.

É o sistema mais aperfeiçoado do mundo no género. Ele funciona dia e noite num edifício de imprensa de uma modernidade considerada sem igual. Os estrangeiros vão hoje inspirar-se lá. A Imprensa nipónica não olha a meios. Em comparação com jornais ocidentais comparáveis quanto ao seu volume, a redacção do *Asahi*, com 3000 jornalistas, é, pelo menos, dez vezes mais numerosa. Mesmo tendo em conta as 300 delegações regionais e umas 30 no estrangeiro, é um número muito elevado. Para satisfazer as necessidades da sua cobertura jornalística e outras, está sempre a postos uma frota de «limousines» pretas com motoristas, assim como quatro helicópteros e três aviões.

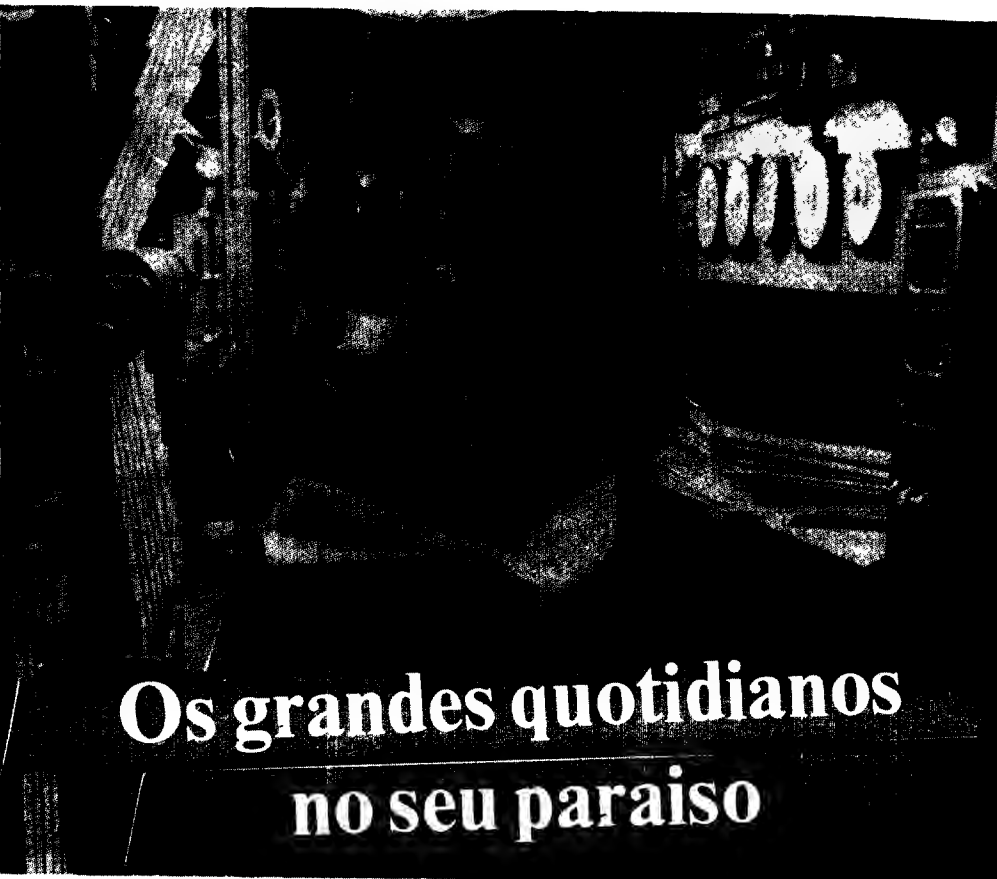
Os maiores jornais ainda têm um leque de publicações anexas, rádios, acções em algumas cadeias de televisão e toda uma gama de actividades culturais que servem para a promoção da imagem e das vendas.

As razões avançando pelos jornalistas japoneses para explicar essa popularidade, e a prosperidade de que a acompanha, são numerosas, variadas, e por vezes inesperadas.

Os prejuízos da venda por número e os atrasos postais; a irregularidade das receitas conforme o tempo, o acontecimento, os feriados, o humor do leitor, ou o dos sindicatos, as previsões incertas e os esforços de originalidade para tornar a clientela fiel, nada disso parece preocupar profundamente o jornal. Um número e uma prática explicam perfeitamente essa confiança. 98% da difusão do *Asahi* é feita por assinatura e entregue em casa do assinante de doze em doze horas. O resto (2%) por venda em quiosques por 60 Yenes.

Para maior eficácia, cada grande jornal diário tem a sua rede de distribuição própria. Pensa-se que se se agisse no Japão como em certos países da Europa (venda forte nos quiosques, distribuição por serviço postal, etc.), se perderia 40 ou mesmo 50% dos leitores.

«A concorrência destas redes é inimaginável no estrangeiro e, em princípio, é aí que se deve ver a causa principal dos números de venda fenomenais dos grandes quotidianos japoneses», explica Tomoda, director do serviço do estrangeiro do *Sankei*, que acrescenta: «Muitas vezes, a assinatura é menos uma escolha individual, política ou intelectual do que uma obrigação comercial: forçam-nos a comprar. O conformismo social, a conformidade dos jornais — todos mais ou menos semelhantes — e o facto de o cliente não se decidir em função de escolhas políticas tornam a competição muito aberta».



Os grandes quotidianos no seu paraíso

**Os jornais japoneses estão muito saudáveis:
o dinamismo das redes de distribuição e a avidez
do público, tudo concorre para desenvolver uma indústria
que, no resto do mundo se mostra anémica**

Como os jornais e os leitores se parecem, faz-se tudo o que é possível em propaganda a domicílio ou em presentes às donas de casa, a fim de conseguir a assinatura.

«Alguns — que paradoxo — chegaram oferecer um aparelho de televisão a quem fizesse uma assinatura», prossegue Tomoda. Chegou-se a um tal grau de sobre-lanço que a comissão nacional encarregada de olhar pelo respeito pela livre concorrência teve de intervir em 1983, a pedir para isso acabar. Mas o Yomiuri, empenhado numa verdadeira luta para conservar o primeiro lugar para conservar ao Asahi, continua a beneficiar de um maior prestígio devido a um encarnado sistema de vendas e também ao facto de possuir a equipa de base-ball dos «Giants». Os bilhetes gratuitos para o estádio favorecem as assinaturas.

Este sobre-lanço da distribuição está na lógica de um sistema dominado pelos grandes grupos e, por vezes, excessivamente competitivo. Ele é essencial para aumentar a tiragem e as receitas de publicidade: e o bolo publicitário não é pequeno. Para mais, essa batalha tem o seu equivalente no plano redactorial, noutro sobre-lanço: o do «fait divers».

É uma rubrica sistematicamente sensacionalista, feita para atrair o público, e que tem nos grandes jornais de quatro a cinco vezes mais jornalistas do que as da economia ou da política, diz Tomoda. E como todos os quotidianos são parecidos (todos têm um lado de grande imprensa e outro de jornal popular, todos se dirigem, no essencial, à

classe média que geralmente é considerada como representando 80% da população japonesa), cada um deles faz o que faz o vizinho e põe na primeira página o desporto e o sangue, diz Yasuo Kurata, universitário e antigo jornalista.

A insularidade, a «uniformidade cultural e racial» do arquipélago, o domínio da Imprensa nacional — que conduz, diz Tomoda, a uma «tokioização» perigosa das regiões, —, assim como a superficialidade dos programas de televisão, «que, na verdade, não fazem concorrência aos jornais», são outras tantas razões avançadas pelos nossos interlocutores a favor da Imprensa escrita. Kazuo Yoshinaka, do Asahi Shimbun, acrescenta a isso o «alto nível de educação» dos japoneses e a sua marcada tendência para o conformismo. «Também se lê o jornal para se ter uma opinião sobre este ou aquele assunto e para se estar certo de ter a opinião da maioria», diz ele.

Quando se passou tudo isto em revista, resta outro aspecto, senão o único pelo menos notável, do papel dos grandes quotidianos nacionais: o de mecena das artes num país em que a promoção cultural é deixada ao sector privado, e, particularmente aos «medias» e aos grandes armazéns, que naturalmente, aproveitam para fazer prosperar os seus negócios.

Não é o governo nipónico que o público japonês deve o ter podido, há uns vinte anos, ver em Tóquio: a Vénus de Milo, Tutankhamon, uma retrospectiva de Delacroix, outras sobre a arte espanhola e grega, ou ainda «cinco mil anos de arte co-

reana», os tesouros recentemente encontrados na China Popular, etc. Tudo isto se deve ao Asahi. O seu departamento de projectos culturais organiza, ao longo do ano, exposições, concertos com os melhores conjuntos e grandes acontecimentos desportivos. As duas grandes maratonas internacionais de Tóquio é ainda o Asahi quem as faz. Algumas reuniões e conferências internacionais de carácter político, também. Obrigado pelo prestígio e pela publicidade, o Yomiuri conseguiu a melhor equipa de base-ball do país, criadora de multidões e de anunciantes.

Até à imaginação, o ano passado, de uma Disneylandia, em Tóquio, era também ele que possuía o maior parque de diversões do Japão, o Yomiuriland, para todos se «yomiurizarem» desde a infância. Para variar os prazeres também financia um colégio de ciência e tecnologia.

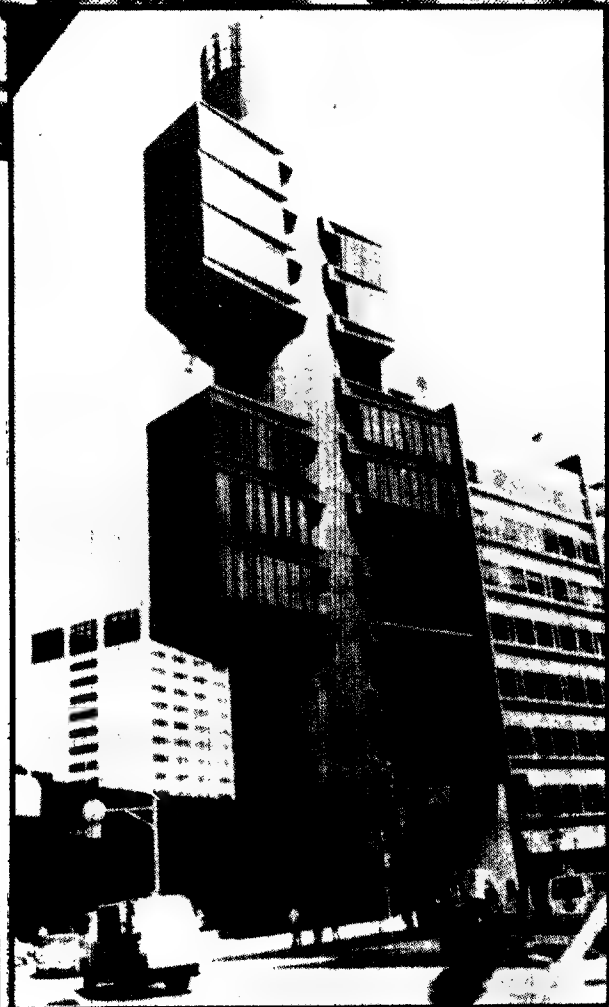
Este quadro impressionante tem as suas dificuldades. Sublinha-se frequentemente que apesar da sua força e da sua vitalidade essa imprensa mantém-se conformista, oficialista e nacionalista. Ela apresenta, escreve Franck Gibney, «um grau de homogeneidade que não existe em parte alguma à excepção do mundo comunista». (1). Ela é selectivamente crítica e moralizadora, e pratica a autocensura em certos assuntos considerados tabus: a família imperial, a discriminação racial e a das minorias, algumas atitudes dos grandes grupos industriais nipónicos, alguns costumes e taras sociais, etc. Em suma, tudo o que poderia prejudicar uma certa

imagem do Japão conforme ao «modelo».

Censura-se muitas vezes a essa imprensa falta de coragem política e de espírito crítico, até ao momento em que, devido à concorrência, passa de um excesso a outro. Assim, o caso Tanaka, que desencadeia os vitupérios da grande imprensa há já uma década, suscitou de início a sua extrema reticência. Foi um «independente» e revelações americanas que lançaram o caso.

No interesse superior das boas relações sino-japonesas, e para poder abrir escritórios em Pequim, os grandes quotidianos nipónicos (à excepção do Sankei) empenharam-se a não escrever nenhum «artigo de carácter negativo» sobre a República Popular. É um diktat — um «compromisso», diriam os japoneses — que não foi imposto à imprensa ocidental. Ainda se censura aos grandes jornais o serem rígidos e hierarquizados (como quase tudo no Japão) e menos independentes do que parece devido aos seus elos com o mundo político e o dos negócios, principalmente através dos «clubes» exclusivos de jornalistas acreditados nesses meios. E, afirmam alguns, uma imprensa que, em vez de procurar reflectir sem parti pris as condições de vida e o estado de espírito do leitor em nome do qual ela pretende falar, a tendência em impor ao leitor as suas próprias escolhas, comentários e «realidades», em função de uma concepção mandarinal da ortodoxia.

A passividade dos leitores reforça estes fenómenos que não são, de resto, particulares à imprensa nipónica, excepção feita às tiragens



recorde. Conscientes de tudo isto e pouco levados à introspecção os mastodontes japoneses da informação seguem em frente, para a era dos medias electrónicos, a fim de melhor conquistar 118 milhões de japoneses. E neste terreno, a concorrência obriga a isso, que a batalha

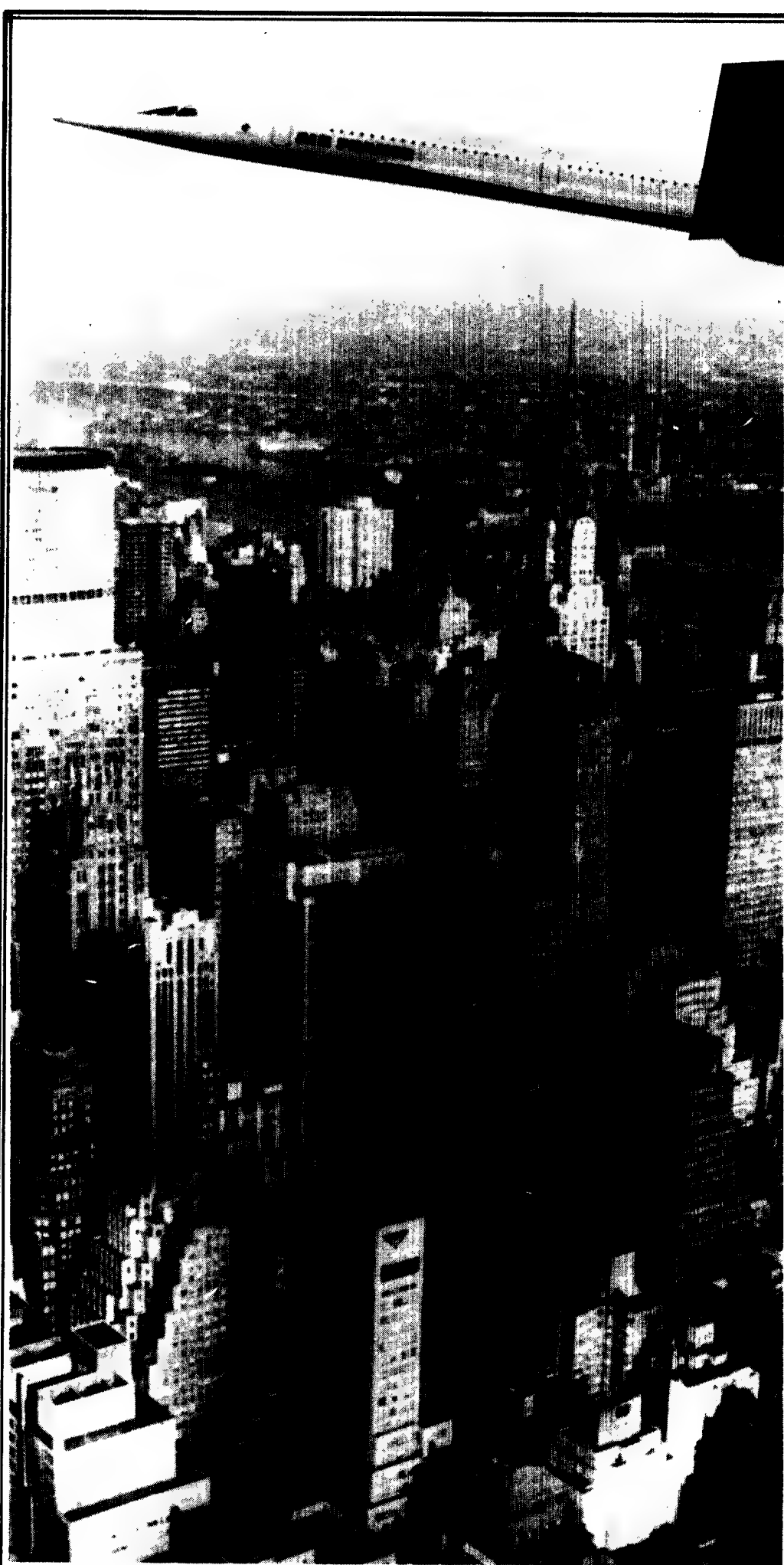
dos grandes «shimbun» se desloca, desta vez com um olhar aos mercados estrangeiros da informação e da comunicação.

R.P. Paringuax.

(1) Japão: The fragile superpower, Charles Tuttle Company, Toquio.

Histórias

de Fantasmas



Nova Iorque-«Manhattan» o coração da cidade e o local mais rico e fértil em casas assombradas

Por inacreditável que pareça existem organizações especializadas na «adopção» de fantasmas. Os EUA estão cheias delas, e em Londres há umas quantas. Verdadeiros ou falsos, sugestão ou realidade, a verdade é que existem dezenas de famílias que por luxo, prazer ou superstição têm em casa o seu fantasma privativo. Nem sempre é fácil conviver no dia-a-dia com um fantasma, até mesmo quando se trata de um fantasma ligado à realeza — por exemplo, no famoso castelo de Sandringham, propriedade da família real de Inglaterra, um fantasma assombra há séculos a vetusta casa, o quarto da rainha e do seu consorte, a sala de estar, etc. Mas não é esse o único local importante assombrado. Versalhes, em França, tem o seu fantasma, em especial no «Petit Trianon», tal como o palácio dos Habsburgos, em Viena de Áustria, e a Casa Branca, em Washington. Numerosos empregados e conservadores destes monumentos garantem que se passam, em certos locais e compartimentos coisas verdadeiramente estranhas.

O homem moderno não acredita em fantasmas. Como dizia um amigo meu:

— *Só acreditarei num fantasma quando ele for dissecado num laboratório, for destilado num tubo de ensaio, analisado por um computador e o marcarém com o sacrosanto selo da ciência!*

Porém, ironia do destino (seria apenas o destino?) ele não precisou de nada disso para passar a acreditar. Tudo aconteceu inesperadamente com um convite, para passarmos uns dias em Ballachulish House, uma mansão imponente que se ergue no distrito de Appin, nos Highlands escoceses. Esta mansão pertencia aos Beresford e Lady Beresford costumava passar o verão na Riviera Francesa, deixando a propriedade entregue aos caseiros. Naquele ano, estes tinham-se despedido, razão porque Lady Beresford pedia à mãe que passasse por lá de vez em quando para dar um aspecto habitado à casa. Como a minha mãe não gostava de pernoitar naquele casarão, eu e X (o amigo incrédulo) aceitámos passar lá duas noites. Podem crer, caros cépticos, a experiência que vivemos em Ballachulish House foi suficiente para nos fazer passar para o campo dos que acreditam em fantasmas.

Os escoceses e donos destas casas assombradas acabam por se habituar aos seus espíritos, especialmente se são pacíficos e não os incomodam.

Fantasmas importados

Os americanos têm uma autêntica mania dos fantasmas, chegando a comprar, e a transferir até á pedra basilar, castelos assombrados da Escócia para os EUA. A grande desilusão é que quase sempre os fantasmas ficam pelo caminho...

Mas nos EUA existem fantasmas de sobra, o que torna desnecessário este tipo de importação. No sul, por exemplo, existem numerosas mansões assombradas e mesmo as cidades de Nova Iorque e Washington DC também têm as suas casas repletas de fenómenos do Além.

Na capital dos EUA, em Washington, na esquina da

Avenida Nova Iorque com a rua 18 existe uma bonita e estranha casa de tijolo que data de 1800. Devido à sua forma geométrica chamase o «Octogono» e foi mandada construir pelo coronel John Taylor como casa de habitação, em 1812. Quando os partidários britânicos incendiaram a Casa Branca, o então presidente James Madison foi forçado a mudar-se para o «Octogono». Por isso, a casa é considerada monumento nacional e nela funciona o Instituto Americano de Arquitectura. Porém, conjuntamente com todo este valor histórico, o «Octogono», é também conhecido como «a casa assombrada de Washington», porque os seus guardas e conservadores são testemunhas verídicas de alguns fenómenos insólitos: lustres que se agitam sem motivo aparente, tapetes que se enrolam sem ajuda de ninguém e passos suaves que percorrem a escadaria. Aparentemente não há qualquer explicação para estes factos, mas os descendentes de Taylor afirmam que há 150 anos atrás uma jovem caiu acidentalmente da escada, morrendo imediatamente. Há quem afirme que se tra-

ta da sua alma divagando em busca de repouso.

Os fantasmas da Casa Branca

A própria residência oficial dos presidentes norte-americanos está cheia de fantasmas históricos.

Abraão Lincoln, John F. Kennedy, cujas mortes dramáticas os colheram ao serviço da Nação, visitam (diz-se) o local, assim como algumas esposas de antigos presidentes.

Uma destas é Abigail Adams, mulher do presidente John Adams; outra é Lucrécia Garfield, mulher de James A. Garfield, assassinado em Setembro de 1881. Mas a mais assídua é, sem dúvida, Dolly Madison, mulher de James Madison, que mandara plantar e desenhar o famoso «Jardim das Roseiras», na Casa Branca, ainda hoje o local mais aprazível de Washington. Dolly gostava tanto daquele recanto que não resiste a frequentá-lo repetidamente, tendo estes passeios sido testemunhados por diversos funcionários da Presidência.

O fantasma da Rua 51

Nova Iorque, que não é

Nem a Casa Br

às almas do ou



Londres — uma cidade repleta de casas e mansões históricas com os seus fantasmas mais antigos

Os números assinalam locais de Sandringham onde têm sido vistos fantasmas históricos

smas

As mais antigas cidades dos EUA, está, não obstante, recheada de casas assombradas. Mesmo no coração da cidade, no centro vital da «Big Apple», na Manhattan superchique e ultra-sotisticada onde só multimilionários conseguem ter apartamentos, são inúmeras as mansões antigas cuja demolição foi vetada pelo município.

Uma destas mansões foi há tempos alugada ao famoso pintor John A. Maxwell. A casa situa-se na Rua 51, na esquina com a 10.^a Avenida.

Uma noite, Maxwell, cansado, adormeceu no seu estúdio. Quando acordou, já tarde, notou que o compartimento tinha sido invadido por um casal de estranhos, trajando à moda antiga, aparentemente entretido a conversar. O pintor julgou tratar-se de amigos seus mascarados, ou de assaltantes, mas quando arremeteu contra os intrusos, punho em punho, a sua mão acabou por embater na parede e os doisultos sumiram-se. Só algumas semanas mais tarde o pintor soube, através de um neto do antigo proprietário da casa, o que se passara. Oliver La Fargé, neto do



famoso arquitecto e pintor John La Fargé, ele mesmo um escritor de renome, contou a Maxwell que um dos fantasmas que tentara agredir era, nem mais nem menos, do que o de seu avô, o pintor La Fargé, famoso pelo retábulo gigantesco «A Ascensão», obra-prima que continua patente na Igreja da Ascensão, em Nova Iorque.

Segundo Oliver La Fargé, o seu avô, John, costumava cobrir as suas gigantescas telas com 4 camadas de chumbo branco, antes de as pintar. A última em que tra-

balhou caiu dos andaimes, insuficientes para suportarem o peso. John encomendou então outra tela, muito maior do que a primeira. Quando aplicava mais uma camada de chumbo, a tela voltou a cair, desta vez em cima de John que teve morte instantânea. O seu espírito, segundo Oliver, vagueia desde então pelos estúdios, eventualmente acompanhado de uma amiga.

Os fantasmas de Sandringham

O palácio de Sandringham, em Inglaterra, é outro edifício bem apetrechado de fantasmas.

Normalmente, a família real costumava passar ali o Verão e 15 dias no Natal, até que os funcionários da Coroa começaram a protestar contra tão prolongadas estadias. Agora Isabel II vê-se forçada a diminuir as suas visitas pela simples razão de os empregados de Sua Majestade não aguentarem a tensão que ali se vive, especialmente à noite.

Fantasmas bem londrinos

Os ingleses têm uma maneira especial de encararem os seus fantasmas, muitos dos quais fazem praticamente parte da família, partilhando com os vivos alguns momentos do dia-a-dia.

A algumas milhas de Cheltenham existe uma mansão «tudoriana», propriedade de uma família nobre onde, desde os mais jovens até aos mais velhos, todos sabem como lidar com um certo cavaleiro de capa e espada que teima, todas as tardes, em atravessar a sala, descer as escadarias exteriores e per-

correr o caminho da ronda, 4 ou 5 vezes seguidas.

Em Londres, em Mannington Hall, mansão de Lord Oxford, aparece com frequência, na biblioteca centenária, um monge em atitude de profunda meditação. Ninguém sabe de quem se trata nem o que está ali a fazer, mas os habitantes de Mannington Hall não se importam de partilhar com o «pobre» monge a mesa da leitura... É inteiramente pacífico e inofensivo.

Outro caso insólito é o do carro onde seguia o imperador Francisco Fernando quando foi assassinado. O veículo deu muitas voltas antes de acabar no Museu de História de Viena de Áustria. Porém, por onde quer que andasse o histórico automóvel sucediam-se as mortes acidentais dos seus proprietários. E o fantasma do malogrado imperador era visto com frequência, pouco antes da tragédia. Hoje o carro está no museu, conjuntamente com a farda do Habsburgo, em paz, finalmente, porque nunca mais foi visto o seu fantasma deambulando entre os vivos.

Fantasmas de muitos tipos

Ao contrário dos «poltergeist» e outras manifestações do Além, os fantasmas são manifestações pacíficas de estranhos: normalmente os vivos não conhecem o fantasma — ele é como que uma memória distante, um reflexo no tempo, uma espécie de «slide» projectado numa parede. Quando se reconhece o ser do Além, este deixa de se chamar Fantasma e passa a ter o nome de Aparição. A aparição de pessoas,

ou de animais, dá-se em regra numa altura de grande tensão ou crise emocional: morte, acidente, doença ou desaparecimento.

Os parapsicólogos e estudiosos deste género de manifestações dividem-se em 4 grandes grupos:

- **FANTASMAS** — projecções no presente de figuras do passado, que nunca se dão conta dos seres vivos que os rodeiam, a menos que haja uma atitude de ataque.
- **APARIÇÕES** — de amigos, parentes ou conhecidos ou até de um duplo.
- **VISÕES** — aparições de figuras de santos e místicos: Virgem Maria, p. ex.
- **POLTERGEIST** — uma projecção de energia psíquica que se relaciona quase sempre com criatividade frustrada.

É curioso salientar que as «aparições» têm quase sempre uma missão a cumprir entre os vivos: servem de aviso, ou tentam entregar uma mensagem qualquer que se relacione com as suas vidas.

Durante a I Grande Guerra (1914/18), a visão do «Barão Vermelho» entre os seus colegas tinha como finalidade criar-lhes a coragem.

O fantasma de Montrose

O caso célebre, nessa altura, do «fantasma de Montrose» (indevidamente chamado fantasma porque, na verdade) era uma aparição, ilustra bem o que se disse.

A lenda do «fantasma de Montrose» teve o seu início na Base Aérea de Montrose, em Inglaterra, em 1913, quando o piloto-tenente Arthur Desmond ia testar um

avião recém-chegado. Depois de uma descolagem impecável de várias acrobacias aéreas, brusca e inexplicavelmente partiu-se uma das asas. Máquina e piloto despedaçaram-se no solo. Quando os socorros chegaram, Desmond já estava morto. As autoridades britânicas mandaram abrir um inquérito e este provou que Arthur morrera «por erro de cálculo numa das manobras».

Entretanto, rebentou a Guerra e a memória de Desmond não ficou limpa. Em 1916, o tenente Ralph Peterson viu o espírito de Desmond, contou aos seus superiores, mas ninguém acreditou. Dias depois, dois outros companheiros do piloto viram-no na caserna, gesticulando e parecendo gritar. O major Jenkins e o capitão Edward Milner tinham conhecido bem Desmond. Todos chegaram à conclusão que algo de errado se devia estar a passar. Assim, os antigos colegas do malogrado piloto conseguiram que o Parlamento voltasse a designar novo comité de inquérito ao caso. No ano seguinte, uma equipa de técnicos reconstituiu o acidente e ficou provado que, afinal, tratara-se, não de um erro de cálculo de Desmond, mas sim de uma deficiência na máquina recém-chegada dos estaleiros. A 17 de Janeiro de 1917 o «fantasma de Montrose» apareceu pela última vez aos seus companheiros de camarata. Arthur Desmond sorria e agitava a mão num aceno de despedida. Depois, nunca mais foi visto.

M.L.V.

ranca escapa utro mundo



fantasmas, Mannington Hall, a Torre de Londres e sobretudo os bairros

Teste



Que sabe de cinema?

HEROIS DE EROS

Para se avaliar a qualidade de um ator, temos de ter em conta vários aspectos, entre os quais, a sua capacidade de representar com uma atriz, num filme de amor. Ligue os heróis românticos com os seus respectivos filmes.

1. Albert Finney
2. Rudolph Valentino
3. Warren Beatty
4. Elvis Presley
5. Laurence Olivier
6. Paul Newman
7. Humphrey Bogart

- A. Esplendor na Relva
- B. Tom Jones
- C. O Sheik
- D. O Monte dos Vendavais
- E. Ama-me com ternura
- F. O Longo e Quente Verão
- G. Ter ou Não Ter

AUTORES

Grande épicos do cinema começaram com pequenas obras. Quais os novelistas que escreveram os seguintes filmes?

1. Dashiell Hammett
2. Vladimir Nabokov
3. Judith Guest
4. Oscar Wilde
5. Jerzy Kosinski
6. Mary Shelley

- A. Gente Vulgar
- B. O Homem Magro
- C. Lolita
- D. Being There
- E. O Retrato de Dorian Grey
- F. Frankenstein

GENTE FAMOSA

Os actores e atrizes de Hollywood representaram várias personagens importantes. Damos em seguida as figuras históricas, famosas (e não famosas) e os filmes em que

apareceram. Diga os artistas que representaram esses papéis históricos.

1. Anne Boleyn, Um Homem Para Todas as Estações
2. Charles Lindbergh, O Espírito de S. Luís
3. T. E. Lawrence, Lawrence da Arábia
4. Joan of Arc, Joana D'Arc
5. Elizabeth I, A Rainha Virgem
6. Jesus Christ, A maior História de Sempre

- A. Bette Davis
- B. James Stewart
- C. Vanessa Redgrave
- D. Max Von Sydow
- E. Ingrid Bergman
- F. Peter O'Toole

MULHERES DE BOND

James Bond tem apresentado nos seus filmes um grande número de mulheres famosas, de grande beleza. Ligue as mulheres de Bond com as atrizes que desempenharam esses papéis.

1. Tatiana Romanova em Da Rússia Com Amor
2. Solitaire em Vive e Deixa Morrer
3. Mary Goodnight em O Homem da Espingarda Dourada
4. Holly Goodhead em Moonraker
5. Melina Havelock em For your Eyes Only
6. Major Anya Amasova em O Espião Que Me Amou
7. Kissy Suzuki em You Only Live Twice
8. Pussy Galore em Goldfinger
9. Plenty O'Toole em Diamonds are forever
10. Miss Money Penny em todos os filmes de Bond

- A. Honor Blackman
- B. Mic Hama
- C. Lana Wood
- D. Carole Bouquet
- E. Britt Ekland
- F. Jane Seymour
- G. Daniela Bianchi
- H. Lois Chiles
- I. Barbara Bach
- J. Lois Maxwell

Respostas

HEROIS DE EROS

1.B 2.C 3.A 4.E 5.D 6.F 7.G

AUTORES

1.B 2.C 3.A 4.E 5.D 6.F

GENTE FAMOSA

1.C 2.B 3.F 4.E 5.A 6.D

MULHERES DE BOND

1.G 2.F 3.E 4.H 5.D 6.I 7.B 8.A 9.C 10.J

Você tem um ponto por cada resposta certa. Um ponto de bônus se pontuar honestamente.

Pontuação

20-28 Bom
11-19 Indiferente
1-10 Mau

HERBERT ROSS:



Herbert Ross com Jane Fonda num intervalo das filmagens de «Um apartamento na Califórnia» em Malibu (1978)



Barbra Streisand em «Funny Lady»

Não só um realizador prolífico

Nos dicionários de cinema mais «exigentes» (naqueles onde só cabem os autores) o seu nome nem consta.

Os cinéfilos desconfiam quando vêem a sua assinatura num filme.

Mas quem é esse realizador desigual, capaz do melhor e do pior, que engrena filme atrás de filme em ritmo industrial e que, ainda há pouco nos surpreendeu com o extraordinário *Dinheiro do céu*?

Herbert Ross nasceu em Nova Iorque em 1927 e foi como coreógrafo do American Ballet Theater e da Broadway que se tornou notado.

Entre o teatro, os «night clubs» e a televisão fez tarrimba e carreira: entrou no cinema com o pé direito ao assinar a coreografia de *Carmen Jones* de Preminger, em 1954.

Só nos anos 60, porém, a sua colaboração começa a ser assídua em filmes: são dele o número de dança de Nathalie Wood em «*O estranho mundo de Daisy Clover*» de Mulligan (em 1966) e as sequências musicais de «*Dr. Doolittle*» de Fleischer (em 1967).

É com «*Funny girl*», em 1968, que tem a sua grande oportunidade pois dirige todas as sequências musicais do filme. E, no ano seguinte, realiza a sua pri-

meira fita: «*Goodbye, Mr. Chips*». Tinha já 42 anos, começava a carreira de realizador invulgarmente tarde.

Mas «*Mr. Chips*» foi um êxito (Peter O'Toole, o protagonista foi mesmo nomeado para oscar do melhor actor nesse ano) e Barbra Streisand foi buscá-lo para uma comédia: «*O mocho e a gatinha*». E Ross não mais pararia de rodar. São dele «*O grande conquistador*» com Woody Allen, «*Funny Lady*» com Barbra Streisand, «*The last of Sheila*» com Raquel Welch, «*The seven per cent solution*» com Laurence Olivier, tudo fitas que dirige até ao grande ano de 1977.

De facto é em 1977 que Ross realiza «*A grande decisão*» e «*Não há dois sem três*», duas películas que fazem um êxito colossal. Um

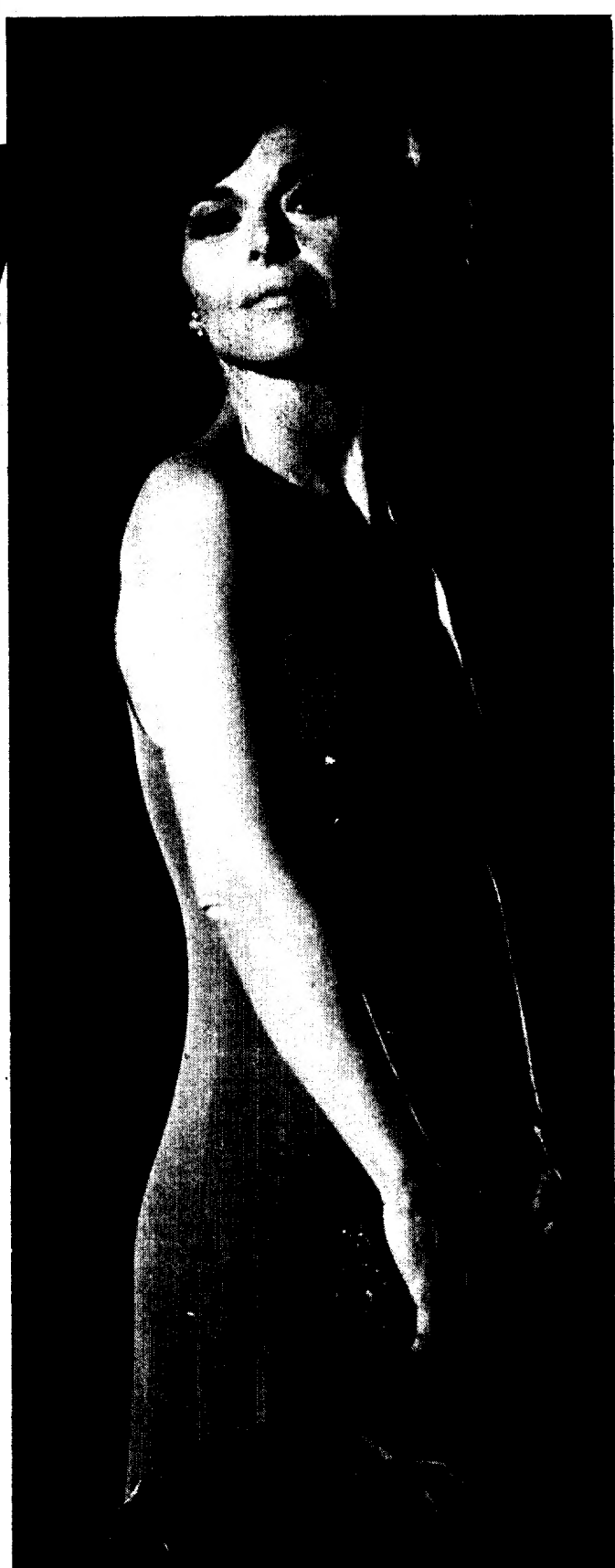
drama e uma comédia que conseguem ser nomeadas em simultâneo para o oscar do melhor filme do ano, um facto inédito para um realizador. Conjuntamente os dois filmes tiveram dezassete nomeações e Dreyfuss obteve o oscar do melhor actor em «*Não há dois sem três*».

Era um filme escrito por Neil Simon, conhecido dramaturgo americano com quem Ross várias vezes colaborou. Às vezes bem (como na fita referida) outras mal (como nesse desastroso «*Um apartamento na Califórnia*» em que um cast de vedetas — Michael Caine, Maggie Smith, Jane Fonda, Alan Alda, Richard Pryor... — se afundou numa comédia bastante tonta). É a Neil Simon que voltaria o ano passado para «*O regresso do aventureiro*», prestes a estrear

em Lisboa, logo após ter dirigido o fabuloso «*Dinheiro do céu*» que foi um insucesso de público na América mas é, sem dúvida, o seu melhor filme até à data.

Funcionário de indústria, Herbert Ross já provou que é mais que isso. A sua produção vai continuar a surpreender-nos aqui e a decepcionar-nos acolá? É esse o destino de alguém que não pára de filmar e vai fabricando filmes como produtos em série. Só que o cinema faz-se filme a filme. Daí que todas as surpresas sejam possíveis e todas as desilusões prováveis.

Anne Baucroft num dos melhores trabalhos de Ross: «*A grande decisão*»



Bernardette Peters e Christopher Walken num dos mais surpreendentes filmes de Ross: «*Dinheiro do céu*», em exibição em Lisboa





Oscar Cruz, na apresentação de «A Epopeia dos Bacalhaus»: «Os nossos filmes e o livro constituem o último documento vivo sobre uma actividade praticamente acabada»

Durante quase 500 anos : a Terra Nova foi sinónimo de «bacalhau», o amigo fiel que os portugueses encontravam sempre no prato. A história dessa aventura que custou um sem número de vidas, ainda está por fazer. Mas em 1981, dois portugueses faziam-se durante quase meses ao mar, para fixar em filme e livro uma das últimas campanhas realizadas no Norte distante.

A EPOPEIA dos BACALHAUS



PESCA

DO BACALHAU

Saga e Terra Nova em livro e filme

Essa viagem à Terra Nova chegou tarde. Alguns anos antes em 1974, acaba a tradicional pesca em dóris, pequenas embarcações onde os pescadores se entregavam solitariamente à sua fome durante 18 e mais horas, na imensidão do mar gelado, e frequentemente furioso.

Depois dessa data, aspectos tradicionais essenciais jamais poderiam ser fixados em imagens. Mas isso não fez desanimar Francisco Manso e Oscar Cruz:

«A nossa ideia era recolher a maior documentação possível sobre uma coisa e que não se sabia praticamente nada», afirma-nos Francisco Manso, um dos autores do livro «A Epopeia dos Bacalhaus» e realizador de uma longa-metragem sobre o mesmo tema. «Terra Nova, Mar Velho», ainda não estreado comercialmente.

A mesma «chama» animava Oscar Cruz, antigo maquinista da Marinha Mercante, desde 1964:

«Andei no Gil Eanes», um navio-hospital de apoio aos pescadores em campanha, e fui duas vezes ao bacalhau», recorda. A ideia surgiu logo em 1964, quando abandonei a actividade, mas o Tenreiro não deixou».

As razões são evidentes. Mitificada até ao inacreditável, a pesca do bacalhau

não resistiria a uma análise exercida com um mínimo de honestidade, e poria a nu as terríveis condições de trabalho, disciplina e vida a que os pescadores da Terra Nova eram submetidos durante meses.

Se não esquecessemos...

Depois de 25 de Abril de 1974, a possibilidade de concretização do velho projecto voltaria a ganhar força.

Mas foi necessário esperar mais cerca de sete anos para que uma equipa constituída por Francisco Manso e Oscar Cruz, acompanhados de João Henrique Melo (som) e Vítor Estevão (imagem), embarcasse no «João Álvares Fagundes» e acompanhasse durante quatro meses e dez dias uma campanha do bacalhau.

Do que lá viram e viveram, resultou uma longa-metragem de quase duas horas e oito episódios de 30 minutos, a que deram o nome de «A Epopeia dos Bacalhaus», transmitidos pela RTP.

A experiência vivida, está registada em cerca de 16 mil metros de película, de que apenas uns escassos três mil foram utilizados nos dois trabalhos referi-

dos, esperando os autores pela resposta a projectos de elaboração de filmes temáticos, apresentados à Escola de Pesca e a outras entidades.

O trabalho desenvolvido, financiado pelo Instituto Português de Cinema, RTP e Secretaria de Estado das Pescas, custou dez mil e quinhentos contos, «e muita carolice, porque não tivemos o apoio que devíamos ter», como nos referiu Oscar Cruz:

Os nossos filhos e o livro constituem o último documento vivo sobre uma actividade que está praticamente acabada, pois nos tempos da epopeia não se fez nada».

No entanto, Oscar Cruz acrescentaria que «quem quiser pesquisar, ainda o pode fazer, pois há muitas coisas para contar e o mesmo livro é apenas a história de quatro pessoas que viveram essa experiência».

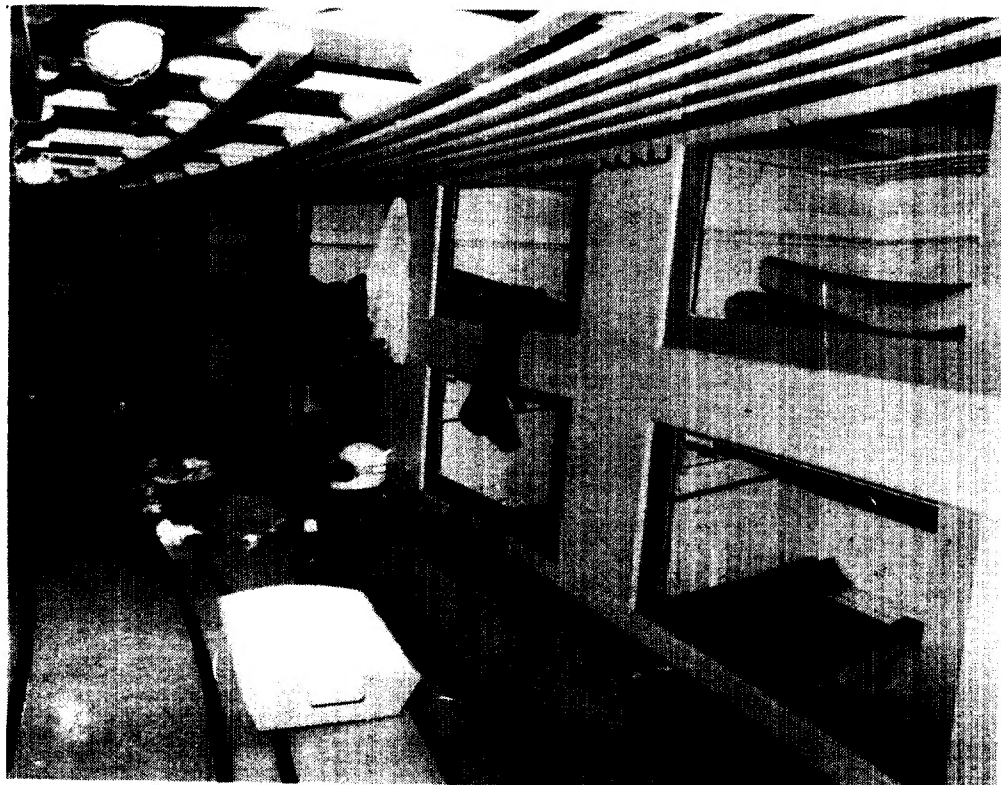
O que fica por contar — e talvez nunca encontre as palavras adequadas, poderia bem ser sintetizado pela afirmação de António de Oliveira Charana, 48 anos, natural de Lisboa, capitão de 40 campanhas:

«Nós homens do mar, quando chegamos a terra esquecemos o que passámos no mar. Se não esquecemos, não voltaríamos lá».

Carlos Pessoa



Aveiro: velho pescador da Terra Nova aponta um dóri, pequena embarcação usada outrora na pesca do bacalhau



Interior de um barco bacalhoeiro: nestes cacifos, chegavam a dormir durante meses dois e mais pescadores

Faça você mesmo

Banco e porta — revistas

Este banco decorativo, que se adapta perfeitamente ao quarto do seu filho, onde guardará as suas revistas, é de execução bastante fácil.

Para dar início, corte também em madeira uma ripa com 35 cm de altura e 3 cm de largura, que será aplicada a uma extremidade dos círculos, com cola e pregos.

Depois dos círculos estarem fixados pela ripa de madeira, figura indicada, vamos então colocar a chapa de fibrex que tem uma altura de 40 cm e 1 metro de comprimento; esta fica com 2 cm a mais do lado de cima do banco, podendo assim segurar a almofada.

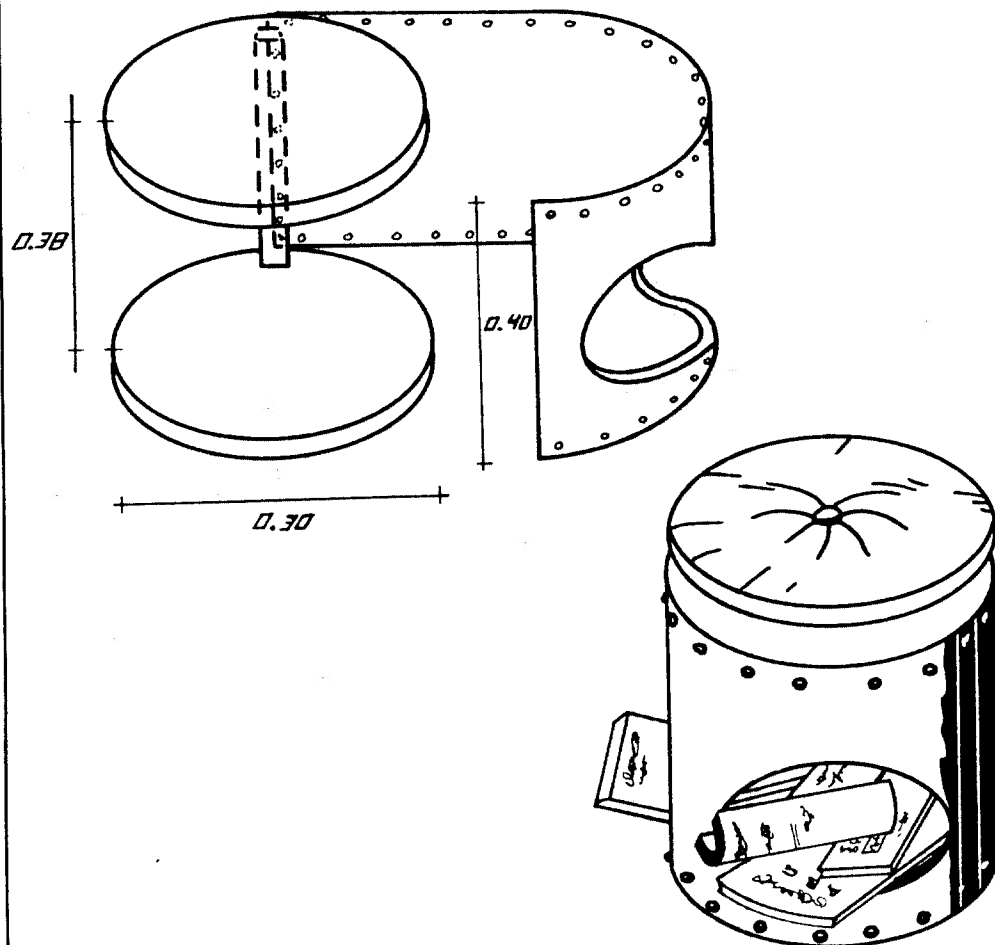
Antes da fixação da chapa, faça na mesma um buraco oval que será a abertura para as revistas, com um diâmetro de 20 cm.

Para iniciar a fixação desta, começa-se na extremidade da ripa de madeira, seguindo depois o círculo. Vai-se pregando a chapa de fibrex juntamente com cola.

Após tudo montado, faça uma almofada para o conforto desejado, pinte o fibrex, pois este tem uma cor pouco decorativa.

Material:

- Madeira (1,5 cm de espessura)
- Fibrex
- Cola para madeira
- Pregos



CONCURSO DO Sábado Los Angeles 84

Regulamento

1 — O Concurso decorrerá entre Março e Julho;

2 — Consistirá de um teste semanal de quatro séries de perguntas sobre a história dos Jogos Olímpicos, divididas pelos seguintes temas:

- 2.1 — A história das Olimpíadas até 1968.
- 2.2 — Os Jogos mais recentes: 1972-1980.
- 2.3 — As Olimpíadas de Los Angeles.
- 2.4 — Pessoas e personalidades.
- 2.5 — Vários.

3 — As perguntas serão apresentadas como introdução a quatro respostas possíveis, das quais apenas uma é verdadeira;

4 — O concorrente assinalará no local próprio qual a resposta que entende ser a correcta, sendo obrigatória a inclusão de uma justificação da escolha na qual tentará fornecer o maior número de dados possíveis sobre o tema em questão, sob a forma de uma redacção que não poderá exceder as 25 linhas dactilografadas em folhas A-4, a dois espaços;

5 — Assinalar a resposta correcta corresponderá a uma classificação de 5 pontos. A justificação será avaliada de acordo com a clareza e correcção da exposição, bem como com a riqueza e exactidão dos dados fornecidos, segundo uma escala de 1 a 10 pontos.

6 — Para a classificação das respostas será constituído um júri formado por jornalistas do «Diário de Lisboa»;

7 — Da decisão do júri não haverá reclamação;

8 — Será atribuído, mensalmente, um prémio ao concorrente que somar mais pontos ao longo das 4/5 semanas do mês;

9 — Haverá um prémio final para o concorrente que registar o maior número de pontos ao longo de todo o concurso;

10 — Todas as respostas deverão ser entregues, ou enviadas pelo correio, no «Diário de Lisboa», Concurso Los Angeles 84, Rua Luz Soriano, 44 1200 Lisboa, até à quarta-feira seguinte à publicação do teste no suplemento «Sábado»;

11 — Todas as semanas, no suplemento «Sábado», será indicado o nome do concorrente que somou, maior pontuação na semana anterior.

BRIDGE

A

captura

final

Levar as vozes longe de mais não será dramático, se depois compensar esse erro com uma cartear brilhante. Esconda as mãos de Este-Oeste, e veja se conseguiria cumprir este mau cheleme, feito realizado por Irving Manning nas Olimpíadas de equipas de quatro mistas, em Las Palmas.

♠ 4	♠ ARDV2
♥ D1075	♥ A986
♦ RDV10984	♦ -
♣ V	♣ A1065
	♠ 98763
	♥ R
	♦ 753
	♣ D842
	♠ 105
	♥ V432
	♦ A62
	♣ R973

Vozes: Oeste a dar, N-S vulneráveis

OESTE	NORTE	ESTE	SUL
3 Ouros	4 Ouros	passo	4 Copas
passo	5 Ouros	passo	7 Paus

Oeste abriu com o Rei de Ouros, como é que Manning, em Sul, cumpriu o GRANDE CHELEME EM PAUS contra qualquer defesa, tendo Oeste o Valeta de Paus seco?

Nota sobre o leilão: O salto para «7 Paus» é excessivo. E certo que Sul poderia ter dito «4 Copas»

com uma mão branca, mas não era razão para declarar na volta seguinte o grande cheleme, quando o As de Ouros está em «situação de duplo emprego»

com a chicana indicada por Norte ao dizer «5 Ouros» (tendo o primeiro cuebid anunciado apenas uma mão muito forte).

Resposta

O declarante pode capturar todos os trunfos de Este puxando o As de Paus, e jogando duas vezes Paus do morto, mas, se não fizer mais do que um corte a Ouros, vai-lhe faltar a décima-terceira vaza e não se vê como a inventar. Ou vê?

Manning percebeu que, ao fim e ao cabo, era preciso cortar dois Ouros e tentar não perder nenhum trunfo, porque, na última vaza, a mão estaria no morto, e Este seria obrigado a cortar e ser recordado.

Assim, depois de ter cortado a carta de abertura com o 5 de Paus, Manning puxou o As de Paus, fez a passagem ao 8 de Paus e cortou um segundo

Ouro. Retomou a mão graças ao 10 de Espadas, depois puxou o As de Ouros, o As de Copas e todas as Espadas, esperando que Este teria cinco, ou que, se tivesse só quatro, não cortaria para tentar salvar a sua Dama de trunfo à segunda.

No momento da décima-segunda vaza, quando o morto jogou Copas, a situação era a seguinte:

♥ 98 ♣ D8
♠ R9

Philippe Brugnon

Semana decisiva para atribuição de um televisor



Jorge Palha volta esta semana à primeira posição no Concurso «Los Angeles/84». Em segundo lugar encontra-se José Vargas.

Da pontuação que os concorrentes obtiverem esta semana dependerá a atribuição do 3.º televisor a cores, desde o início do concurso.

Eis a classificação da 3.ª semana de Maio: 1.º Jorge Palha, 41 pontos; 2.º José Vargas,

38 pontos; 3.º José Valarinho, 37 pontos; 4.º Paulo Alves, Miguel Moreira, 36 pontos; 5.º Ana Paula Silva, 35 pontos; 6.º António Sequeira, 31 pontos; 7.º Rubens Azevedo, Luís Martins, 26 pontos; 8.º Ana P. Matos, 24 pontos; 9.º José Alfaiate, 20 pontos.

Eis a «chave» da semana passada:

45 — C
46 — A

47 — C
48 — C

Devido a um erro na indicação da questão 46 (1960 e não 1980), todas as respostas foram consideradas certas, apesar de a maioria dos concorrentes ter respondido certo.

Dado que se trata da última semana de

Maio, voltamos a publicar a pontuação geral obtida pelos diferentes concorrentes:

1.º José Vargas, 475 pontos; 2.º Miguel Moreira, 470 pontos; 3.º José Valarinho, 439 pontos; 4.º Paulo Alves, 401 pontos; 5.º Eduardo Sequeira, 354 pontos; 6.º Ana M. Matos, 286 pontos; 7.º Jorge Palha, 271 pontos; 8.º José Alfaiate 192 pontos; 9.º Ana Silva, 154 pontos; 10.º Rubens Azevedo 99 pontos.

5 televisores a cores e 1 gravador vídeo para si!

— RECORTE POR AQUI —

B C D

☐ ☐ ☐ ☐

IDENTIFICAÇÃO DO CONCORRENTE

Nome

Morada

Tel. Cidade

JUSTIFICAÇÃO
Para a justificação, nos termos do regulamento, acrescente 25 linhas dactilografadas numa folha de papel normalizado

49

— Qual foi a cidade organizadora das Olimpíadas de Inverno de 1984?

- a) Innsbruck — (Áustria)
- b) Sarajevo (Jugoslávia)
- c) Oslo (Noruega)
- d) Denver (EUA)

A B C D

☐ ☐ ☐ ☐

IDENTIFICAÇÃO DO CONCORRENTE

Nome

Morada

Tel. Cidade

JUSTIFICAÇÃO
Para a justificação, nos termos do regulamento, acrescente 25 linhas dactilografadas numa folha de papel normalizado

50

— O nome do Barão de Coubertain é muitas vezes referido em relação aos 1.ºs Jogos Olímpicos da era moderna. Quem era ele?

- a) Um excêntrico milionário que ofereceu a sua fortuna aos Jogos Olímpicos?
- b) O fundador dos Jogos Olímpicos da era moderna.
- c) O primeiro atleta que recebeu uma medalha.
- d) Um jornalista político que atacou violentamente o conceito dos Jogos.

B C D

☐ ☐ ☐ ☐

IDENTIFICAÇÃO DO CONCORRENTE

Nome

Morada

Tel. Cidade

JUSTIFICAÇÃO
Para a justificação, nos termos do regulamento, acrescente 25 linhas dactilografadas numa folha de papel normalizado

51

— Qual foi o atleta americano, excelente nadador, que ganhou três medalhas de ouro nas Olimpíadas de 1924 e mais duas quatro anos depois?

- a) M. Whitfield
- b) J. Weissmuller
- c) D. Schollander
- d) J. Naber

A B C D

☐ ☐ ☐ ☐

IDENTIFICAÇÃO DO CONCORRENTE

Nome

Morada

Tel. Cidade

JUSTIFICAÇÃO
Para a justificação, nos termos do regulamento, acrescente 25 linhas dactilografadas numa folha de papel normalizado

52

— Eric Liddell (Inglaterra) recusou-se a tomar parte numa corrida num sábado por razões de convicção religiosa. Felizmente a corrida teve de ser adiada e Liddell acabou por ganhar a medalha de ouro. Quando foi que tal aconteceu?

- a) Em 1924 nos Jogos de Paris
- b) Em 1932 em Los Angeles
- c) Em 1952 em Helsinquia
- d) Em 1962 no México